

Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais



Olivia Morais de Medeiros Neta



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

OLIVIA MORAIS DE MEDEIROS NETA

Ser(Tão) Seridó
EM SUAS CARTOGRAFIAS ESPACIAIS

NATAL
2007

OLIVIA MORAIS DE MEDEIROS NETA

Ser(Tão) Seridó
EM SUAS CARTOGRAFIAS ESPACIAIS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II, Cultura, Poder e Representações Espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Orientador: Professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira.

NATAL
2007

Divisão de Serviços Técnicos

Catálogo da Publicação na Fonte / Biblioteca Central Zila Mamede

Medeiros Neta, Olívia Morais de.

Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais / Olívia Morais de Medeiros Neta. — Natal, RN, 2007.
120 p.

Orientador: Iranilson Buriti de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História.

I. Seridó (RN) — História — Dissertação. 2. Espaço — Dissertação.

3. Historiografia — Dissertação. 1. Oliveira, Iranilson Buriti de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
III. Título.

RN/UF/BCZM CDU 981.32

OLIVIA MORAIS DE MEDEIROS NETA

Ser(Tão) Seridó
EM SUAS CARTOGRAFIAS ESPACIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História — Área de concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II, Cultura, Poder e Representações Espaciais.

Aprovada em 29 de março de 2007

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Unidade Acadêmica de História e Geografia - UFCG
(Orientador)

Professor Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha
Departamento de História — UFRN
(Examinador)

Professora Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento
Unidade Acadêmica de História e Geografia — UFCG
(Examinadora)

Professor Dr. Douglas Araújo
Departamento de História e Geografia — UFRN (Suplente)
(Examinador)

À minha mãe...
ar que respiro, luz que me ilumina e caminho de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela perseverança e a sempre constante capacidade de sonhar.

À família, pelo incentivo, pelo crédito, pelo companheirismo e por nunca medirem esforços para sonhar e agir junto a mim. A luz que vejo no olhar de cada um de vocês, família querida, é combustível para prosseguir. Esta é uma conquista nossa.

Ao professor Iranilson Buriti, amigo e orientador, por partilhar comigo da escrita de mais uma página de minha trajetória acadêmica. Iran, como carinhosamente o chamo, foi sempre companheiro, atencioso, cuidadoso e mais que isso, fez de meu sonho também o seu.

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pelo acolhimento e as possibilidades de constituir com docentes, discentes e funcionários uma relação de afetividade. Ao Departamento de Assuntos Estudantis, pela concessão das bolsas de alimentação e residência, ao longo dos últimos vinte e quatro meses. Na Residência de Pós-Graduação da UFRN tive a companhia e o apoio dos amigos residentes. Obrigada.

Ao Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), particularmente aos professores e funcionários do Departamento de História e Geografia e aos discentes do Curso de História, pelas palavras amigas e os desejos de sucesso. De forma especial, à cada um dos membros da turma do PPGH do ano de 2005. Foi uma satisfação tê-los como colegas. Hoje são amigos... Guardo-os carinhosamente em meu coração.

À Regina Coelli, Maria das Dores (carinhosamente Dorinha) e Marta Maria de Araújo, por me proporcionarem momentos de reflexão sobre a pesquisa, o ensino e ajudarem a sentir-me historiadora, mesmo diante das *inquiétudes e incertezas da história*.

Aos amigos Helder e Neto, por contribuições no momento da pesquisa histórica. E à Bruna, Mírian e Juciene, amigas queridas, por sempre me lembrarem que eu sou humana, que devo ser mais sentimento que razão, que devo me permitir, que devo talvez, simplesmente, viver.

Aos professores Renato Amado, Raimundo Arrais, Durval Muniz, Regina Coelli, Raimundo Nonato e Douglas Araújo, membros da banca examinadora deste

trabalho, seja no exame de qualificação ou na defesa pública da dissertação, meu carinho e agradecimento.

Àqueles que partilharam momentos desta caminhada acadêmica com palavras certas nas horas certas, me fazendo lembrar que história é narrativa e vida.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as configurações espaciais do Seridó potiguar — situado na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte — a partir das seguintes obras: *Homens de Outrora* (1941), de Manuel Dantas; *Seridó* (1954), de José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980), de Oswaldo Lamartine de Faria. O discurso historiográfico será indagado quanto às representações de espaço e às configurações que o (de)marcam. Destacamos o *espaço do eu* (de)marcado pelas subjetividades e significações de cada autor, considerando a relação entre autor, escrita e corpo, seja o da historiografia ou dos sujeitos que dão forma ao Seridó em seus escritos. E os espaços *do Sertão* e *de Luta*. O Seridó no discurso historiográfico é configurado como *espaço do sertão*, onde a seca se constitui como representação recorrente e como *espaço de luta* em que, homem e natureza estariam em um constante combate, um desafiando o outro. As configurações espaciais para o Seridó se dão entre o *eu* e as noções de *sertão* e *luta* com a natureza.

Palavras-chave: Seridó potiguar. Espaço. Escrita da História.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the spatial frames of reference of the Seridó — a region located in the hinterlands of Rio Grande do Norte state — from the following texts: *Homens de Outrora* (1941), by Manuel Dantas; *Seridó* (1954), by José Augusto Bezerra de Medeiros; *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965), by Juvenal Lamartine de Faria; and *Sertões do Seridó* (1980), by Oswaldo Lamartine de Faria. The historiographical discourse will be investigated as to representations of space and the frames of reference that demarcate it. We highlight the space of “1” as delimited by the subjectivity and significances expressed by each author, considering closely the relation between author, writing and body, either in historiography or in the subjects that give shape to the Seridó region in their writings. The Seridó is particularly framed in the relevant historiography as the “hinterland” (*sertão*) space, where the drought is a representation referred to recurrently, and as a space of “fight”, in which man and nature would be in constant struggle, challenging each other. Spatial frames of reference are then situated between the “1” and notions of hinterland and fight with nature.

Keywords: Seridó region of Rio Grande do Norte. Space. Writing on history.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----------|
| Mapa 01 Fazendas de Gado onde se originaram os principais troncos genealógicos do Seridó | 30 |
| Mapa 02 Seridó Potiguar historicamente construído | 34 |
| Figura 01 Juvenal Lamartine | 48 |
| Figura 02 Assinatura de Oswaldo Lamartine | 49 |
| Figura 03 Oswaldo Lamartine | 51 |
| Figura 04 Manoel Dantas | 62 |
| Figura 05 José Augusto Bezerra de Medeiros | 75 |
| Figura 06 Caatinga. Bico de pena de Percy Lau para <i>Tipos e aspectos do Brasil</i> | 85 |

SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|------------|
| Introdução | |
| ESPAÇO DE HISTÓRIA | 12 |
| | |
| 1 Capítulo | |
| O ESPAÇO DO EU | 24 |
| | |
| II Capítulo | |
| O ESPAÇO DO SERTÃO | 54 |
| | |
| III Capítulo | |
| O ESPAÇO DE LUTA | 80 |
| | |
| Considerações Finais | |
| ESPAÇOS QUE FICAM | 106 |
| | |
| REFERÊNCIAS | 111 |

Espaço de História



Objetivamos com este estudo analisar as configurações espaciais do Seridó potiguar, a partir do discurso historiográfico, que é instituído entre o lugar social de seus autores e da prática discursiva. A escrita, neste caso, se constitui enquanto recorte para análise, sendo entendida enquanto uma prática que (de)marca e institui rostos¹ para os espaços. Do espaço da escrita procuramos subjetividades, atribuições de sentidos, de significados para o Seridó.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, (BRASIL, 1989) a microrregião do Seridó situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte e, atualmente, é representado pelos territórios de 17 (dezesete) municípios que são: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, Serra Negra do Norte e Timbaúba dos Batistas.

Da área delimitada como Seridó, pelo IBGE, foi excluído o município de Jucurutu, o qual foi incorporado à Microrregião do Vale do Açu e os municípios de Florânia, São Vicente, Lagoa Nova e Cerro Cora, que passaram a integrar a Microrregião da Serra de Santana, a qual ficou pertencendo o município de Tenente Laurentino Cruz, criado em 1993. Esta regionalização está fundamentada na definição de microrregiões como parte de *mesos* que apresentam especificidades quanto à organização do espaço.

Além da configuração espacial produzida pelo IBGE para o Seridó norte-rio-grandense, pode-se considerar uma outra configuração que seria a do Seridó historicamente construído. (MORAIS, 2005). Este, atualmente, é composto pelo território de 23 (vinte e três) municípios que, de forma direta ou indireta, se desmembraram de Caicó, primeira municipalidade a se constituir no referido recorte espacial.

Quando nos referirmos ao Seridó estaremos considerando os limites do historicamente construído. Esta opção dar-se por este recorte tomar como base a história, visto que, sua produção é considerada a partir dos processos de colonização e povoamento e assim, a delimitação do Seridó historicamente construído é também uma história dos espaços, de seus usos e práticas.

¹ A noção de rosto é destacada a partir Deleuze e Guattari (1997b), envolvendo semióticas mistas como a subjetivação e a significância.

Se o IBGE institui uma determinada delimitação ao Seridó e se outras instituições como a Agência de Desenvolvimento do Seridó (ADESE) o compreendem a partir de limites específicos, o qual agrega 28 (vinte e oito) municípios e tem uma população em torno de 300 mil habitantes e uma área de 13.000 km², podemos enfatizar que há uma impressão de limites próprios a este espaço. Desta forma, recortarmos para análise o discurso historiográfico acerca do Seridó, pois este, assim como as instituições citadas acima, também (de)marcam limites para o espaço.

A historiografia é um gênero do discurso que permite definir o Seridó e, neste sentido, nos coloca diante de um problema: a produção do Seridó na historiografia, buscando a compreensão dos discursos, das relações que os produziram, de suas temporalidades.

Consideramos que os *discursos sobre* são uma das formas cruciais de institucionalização dos sentidos. É a partir deste que se trabalha o conceito de polifonia, ou seja, o *discurso sobre* é um lugar importante para organizar as diferentes vozes discursivas. Assim, o discurso sobre o Seridó na historiografia é parte integrante da arregimentação, da interpretação dos sentidos sobre o espaço. O discurso historiográfico, no caso sobre o Seridó, apresenta a configuração dos *discursos sobre* que são compostos por interpretações, sentidos e narrativas plurais, de *discursos de*.

Com esta consideração acerca do *discurso sobre* e do *discurso de* apresentamos nossa problemática: a institucionalização de sentidos para o Seridó como decorrência da locução discursiva sobre este; a institucionalização como campo para a análise das noções, dos saberes referentes ao Seridó, pois são nestes recortes discursivos que buscamos as vozes que o dizem e o configuram enquanto espaço narrativo.

A investigação parte do princípio de que o Seridó é configuração narrativa decorrente do discurso historiográfico, que é instituído na relação do lugar social de seus autores e da prática discursiva.

Portanto, a investigação aqui proposta se insere no debate historiográfico que pensa a construção dos espaços. Nossa pesquisa também está associada à noção de autoria, o que faz nosso estudo desenvolver-se na interface da

historiografia, justificando a busca das subjetivações dos autores para o espaço e problematizando-as a partir dos lugares sociais destes.

Nas teias dos discursos, das identidades e identificações recorrentes o Seridó é escrito e prescrito, seja pela face religiosa, literária e/ou historiográfica; mas, que face é criada para um recorte geográfico compreendido no sul do Estado do Rio Grande do Norte, adentrando a porção norte do Estado da Paraíba? Quais as particularidades tecidas para os sujeitos que lá vivem? Sob estas indagações surgem as relevâncias deste trabalho de dissertação, tecidas a partir das discussões de história e espaços, e uma paisagem de pesquisa que considera a historiografia produzida sobre o espaço e os sujeitos deste, buscando vislumbrar as cartografias históricas e sentimentais, visto que o Seridó e o seridoense têm suas historicidades, são produções dadas a leituras.

Para análise destacamos as fontes-obras: *Homens de Outrora* (1941) de Manuel Dantas, *Seridó* (1954) de José Augusto Bezerra de Medeiros, *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965) de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980) de Oswaldo Lamartine de Faria.

Estas fontes-obras foram escolhidas por serem as que, dentro da historiografia sobre o Seridó, compõem uma mesma formação discursiva, bem como estas serem responsáveis por estudos acerca do Seridó, como um recorte espacial demarcado pela história. Considerando tal *corpus* documental destacamos que o texto escrito aparece como uma prática, como um espaço imbricado entre os homens e a cultura que os produzem e, a obra historiográfica insere-se nesta perspectiva, na qual uma prática cultural interage com o meio social.

No entrecruzar de palavras, de escritas sobre o Seridó, os autores das obras destacadas anteriormente são parte de uma outra rede: a familiar, a genealógica. Manoel Dantas, José Augusto Bezerra de Medeiros, Juvenal Lamartine de Faria e Oswaldo Lamartine de Faria são descendentes de famílias que participaram do processo de colonização e povoamento do Seridó, havendo entre os mesmos laços de parentesco, conforme apresentado no Capítulo I.

Entre os fios que tecem o Seridó na historiografia, tomando por análise os escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine² percebemos elos genealógicos que fecham estes autores em um corpo familiar e por este e a partir deste escrevem um Seridó enredado à árvore genealógica, constituindo-se em paisagem familiar que se fecha nas obras de tais autores. Neste sentido, o discurso historiográfico é produzido como forma limite para o espaço e para justificar ou reafirmar a presença e relevância de determinadas linhagens genealógicas no Seridó potiguar.

Os autores citados acima compõem uma escrita para o Seridó, estes subjetivam e significam o vivido, suas experiências e as suas texturas familiares. Cada um destes autores não está apenas em suas publicações, perpassam estas e adentram os escritos de seus parentes. As configurações espaciais produzidas para o Seridó tomam forma a cada atribuição de sentido, com relação à paisagem, as práticas culturais, a economia e desta forma, a historiografia produzida e destacada em nosso trabalho é uma das possibilidades de constituir um Seridó.

A escrita que tece o Seridó é uma escrita de família e é assim familiar para cada um dos autores a troca de dedicatórias e referências, fazem-se presentes na obra do outro, o que delinea a produção de um estatuto de autoridade destes autores ao falarem de ou sobre o Seridó potiguar.

O Seridó é uma rede de pertencimento do lugar e da família e o discurso historiográfico é uma configuração plural, mas que nas obras *Homens de Outrora* (1941) de Manuel Dantas, *Seridó* (1954) de José Augusto Bezerra de Medeiros, *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965) de Juvenal Lamartine de Faria e *Sertões do Seridó* (1980) de Oswaldo Lamartine de Faria, torna-se uma exceção normal, ou seja, vozes polifônicas, que no conjunto do arranjo, harmonizam-se ao produzir sentidos ao Seridó.

A investigação está articulada com o método de análise do discurso que “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nós queremos apoderar.” (FOUCAULT, 2004, p. 10). Ainda ressaltamos que o discurso não é o que se diz sobre alguém ou alguma coisa, mas o conjunto de enunciados que circulam, em

² Ao longo do texto, por vezes, nos referimos a Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine como “autores destacados na pesquisa”, “nossos autores” no sentido de estarmos ressaltando como recorte de análise alguns de seus escritos.

determinado momento, na sociedade, e que possibilitam os indivíduos formular outros enunciados, orientados por alguém ou alguma coisa, ou por algum fim específico; daí a análise do discurso que, consiste na percepção dos enunciados recorrentes ou silenciados numa série discursiva ser tomado como método de análise para os *discursos sobre* e *discursos de* Seridó na historiografia. Aqui trabalhamos com o discurso escrito, pelos quais buscamos entender quais os pontos de repetição que constroem configurações para o espaço do Seridó e lugares de sujeito-autor, bem como os silêncios na documentação.

A busca de como se produz a idéia de Seridó não se reduz ao campo da historiografia, não se reduz ao encontro de um Seridó, pois buscamos destacar os enunciados sobre o mesmo, visto que cada produção decorre dos interesses e da constituição da função de autor que

Está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários 'eus' em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1992, p. 33).

As escritas, as noções, os saberes produzidos sobre e acerca do Seridó compõem em nosso trabalho, um espaço; sendo este o da narrativa. Espaço escrito, prescrito e subjetivado dos diversos sujeitos, é o espaço da letra, da própria escrita da história que a cada narrativa escreve um Seridó distinto e o produz enquanto particular e singular.

O espaço territorial do Seridó é lido e produzido nos recortes dos atos de fala, que na dimensão discursiva, vem compor a espacialidade da escrita, a qual é marcada sob a coação de formas, que nela se exercem. É a escrita, um espaço estriado que entrecruza fixos e variáveis, ordena e faz sucederem-se formas distintas, sendo passível de ser cartografada, de ser mapeada; é o espaço extensivo, enquanto conjunto de marcas que dá sinais, dobraduras em sua extensão.

A noção de espaço estriado é entendida a partir da problematização de Deleuze e Guattari (1997a) quando discutem os modelos e os aspectos variáveis das relações entre os espaços lisos e estriados. E, como um tecido que tem motivos estampados a escrita é um conjunto de gravuras, de combinações distintas, é um arranjo de símbolos e signos, tem marcas — é espaço.

Como este tecido, a escrita pode ser cortada por manchas, por gravuras concretas e/ou abstracionistas, pode também ter uma superfície lisa. Aqui podemos perceber duas leituras possíveis ao espaço, um espaço liso e um espaço com estrias. O espaço liso é como o ruído branco do mar, é o espaço intensivo dos afetos ainda não codificados. Já no espaço estriado temos um roteiro que implica o conhecimento de leis e procedimentos que obedeçam a uma estrutura ordenada numa relação linear com o espaço, cronológica com o tempo, e de identidade com o personagem real. Esses espaços (liso e estriado) divergem por natureza, mas não são excludentes; sendo indissociáveis e interpenetrados. Vai-se sempre de um ao outro e vice-versa, numa espécie de *tradução*, que

[...] é uma operação que, sem dúvida, consiste em domar, sobrecodificar, *metrificar* o espaço liso, neutralizá-lo, mas consiste, igualmente, em proporcionar-lhe um meio de propagação, de extensão, de refração, de renovação, de impulso, sem o qual ele talvez morresse por si só: como uma máscara, sem a qual não poderia haver respiração nem forma geral de expressão. A ciência maior tem perpetuamente necessidade de uma inspiração que procede da menor; mas a ciência menor não seria nada se não afrontasse às mais altas exigências científicas, e se não passasse por elas. (DELEUZE; GUATTARI, 1997a, p. 184).

Texto, escrita, condições de produção, lugares e contextos, subjetividades e interesses compõem um campo demarcado pelo poder, pelo saber e caminhos da escrituração e suas elaborações, ações de produção discursiva. Para pensarmos a noção de poder, tomamos por inspiração a discussão acerca dessa categoria feita por Michel Foucault (1981), o qual o destaca como operatório, sendo um conjunto das relações de força que constroem singularidades e insere-se em todo lugar onde existe particularidade, sendo então mais um exercício que uma posse e, não é um privilégio adquirido, mas, efeito de conjunto de suas posições estratégicas.

O poder é aqui, também, é entendido enquanto produtor de verdades segundo diferentes regimes e produzido com base em correlações de força, exercício de relações, onde o poder viria de baixo e as correlações de força se encontram em instituições; as relações de poder são as táticas múltiplas e implícitas, assim, onde há poder há resistência. (DELEUZE, 1988).

Vislumbrar a escrita é focar seus autores, sujeitos de discursos que expressam maneiras de subjetivação e vivência dos códigos definindo suas concepções. Uma obra pode viabilizar uma história de produção de seus autores, uma história de produção de suas subjetividades, da construção de sua identidade de autor e da prática discursiva de sua escrita.

Ao pensarmos a relação entre autor e texto, consideramos que sua função é caracterizar a existência, a circulação e a operacionalidade de certos discursos numa dada sociedade, o que liga esta função de autor a sistemas legais e institucionais que circunscrevem, determinam e articulam o domínio dos discursos. Buscar o autor é dar visibilidade ao lugar particular do sujeito do discurso, os lugares de autoria, os quais estão articulados com a história das formas de pensamento.

Ao destacarmos que o nome de autor, além de ter função classificatória dos discursos, permite delimitar uma obra e dizer o que deve ou não ser escrito como fazendo parte do trabalho de alguém, estamos considerando percursos e interesses na produção de um indivíduo. Assim, a noção de autor constitui “[...] o momento forte da individualização da história das idéias, dos conhecimentos, das literaturas, na história da filosofia também, e na das ciências” (FOUCAULT, 1992, p. 33) e, quando pensamos no Seridó e um discurso historiográfico, estamos delimitando focos de análise, pontos de interpretação a partir de cada autor. Ao pensarmos o autor também refletimos sobre a escrita, esta como:

[...] um jogo ordenado de signos do que a própria natureza do significante; mas também que esta regularidade da escrita está sempre a ser experimentada nos seus limites, estando ao mesmo tempo em vias de ser transgredida e invertida; a escrita desdobra-se como um jogo que vai infalivelmente para além de suas regras, desse modo as extravasando. Na escrita não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever, nem da fixação de um sujeito numa linguagem, é uma questão de abertura de um espaço onde um sujeito da escrita está sempre a desaparecer. (FOUCAULT, 1992, p. 35).

Conforme Michel de Certeau (2002), o fazer história se apóia num poder político que criou um lugar limpo, onde um querer pode e deve escrever um sistema e o historiador não é o sujeito da operação da qual é o técnico; ele não faz a história, pode apenas fazer história onde a produção é seu princípio de explicação quase universal, já que a pesquisa histórica se apossa de todo documento como sistema daquilo que a produziu; nos levando a entender a história como prática (uma disciplina), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma produção remetida a uma prática, logo a uma realidade, e a um discurso fechado, o texto que organiza e encerra um modo de inteligibilidade.

Assim, dentro de uma paisagem de pesquisa que busca compreender como são tecidas as noções de Seridó, a partir da historiografia, buscamos identificações capazes de tipografar o lugar e tornar dizível a cartografia e a geografia sentimental, bem como saberes e interesses às suas produções.

Destacamos as cartografias como um desenho que se faz ao mesmo tempo em que os movimentos de transformação da paisagem compõem e desmancham significações e, a produção das cartografias dá-se na medida em que os afetos vão sendo visitados ou revisitados e que um território foi se compondo para eles.

É a esta difícil questão sobre a configuração do Seridó na historiografia que, por caminhos da análise do discurso indagamos sobre a escrita que dá vida, cor, calor a uma região que se projeta para além da geografia física e adentra as cartografias sentimentais, o campo da subjetividade, dos territórios existenciais, da análise das configurações discursivas e suas relações de poder.

A historiografia, segundo Michel de Certeau (2002, p. 11), quer dizer *história e escrita* e “[...] traz inscrito no próprio nome o paradoxo — e quase o oximoron — do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer como se os articulasse.” Neste sentido, o Seridó é uma produção imagética e textual da espacialização das relações de poder e das marcas do espaço narrativo, em que consideramos o sujeito do conhecimento como uma produção social e histórica enredada aos sistemas de poder que o produzem e o apóiam.

É este poder exercido ou praticado do campo passível de ação. Este campo é o espaço historiográfico envolvido por um poder disciplinar ou a disciplina que organiza espaços e distribui indivíduo por tais, funcionando como rede, técnica, dispositivo, mecanismo, instrumento de poder e métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, assegurando sujeição e imposição de uma relação de docilidade-utilidade. (FOUCAULT, 1981). Pois, o campo historiográfico constitui-se

[...] como campo de produção do saber está recortado por relações de poder que incidem sobre o discurso historiográfico. Ele é a positividade de um lugar no qual o sujeito se articula, sem, no entanto, se reduzir a ele. Ele é o produto de um lugar antes mesmo de o ser de um meio ou de um indivíduo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 29).

O objeto histórico entendido como efeito de construção discursiva nos coloca diante do desafio proposto por Michel Foucault (1996, p. 13), que é o de trabalhar o documento como monumento, ou seja “[...] trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: organizá-lo, ordená-lo, reparti-lo em níveis, estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, delimitar elementos, definir unidades, descrever relações.”

Com o discurso historiográfico sobre o Seridó buscamos menos a aplicabilidade de um teste empírico, quanto às noções de verdadeiro ou falso, mas indagados os arranjos na ordem do saber, produzindo objetos postos à descrição.

São os enunciados dos textos em análise que construirão nossa escrita. As obras historiográficas escolhidas para análise o foram, à medida que se constituíam em grandes emissoras de signo, que deram textos e imagens para o espaço, ao passo que os introduziram e fizeram funcionar como tal, em determinado momento. Os autores, ao mesmo tempo em que inventavam o Seridó, iam se inventando ao mesmo tempo como sujeitos seridoenses.

Enunciados discursivos afloram das falas de jornais e obras historiográficas; compreendendo serem divulgadores de fatos e ideais históricos, acontecimentos cotidianos. Assim, trabalhamos em uma perspectiva de uma análise dos discursos, produtores do corpo escrito seridoense, para problematizar como esses extratos discursivos contribuíram para significar sujeitos e espaços em

formação; os discursos são entendidos como detentores de valores, tensões, desejos que assinalam o *ser* e *estar* dos sujeitos num espaço.

O discurso não deve ser definido como um conjunto de signos, mas como uma prática que sistematicamente formam os objetos de que fala; apresenta regularidades intrínsecas a ele mesmo, através das quais seria possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. As regras discursivas se impõem aos que tentam falar ou falam de um corpo discursivo determinado (FISCHER, 1995. p. 21), assim, importa analisá-los enquanto efeitos de sentido, produzidos no momento da interlocução — processo interacional, vivido entre indivíduos, através da linguagem, verbal ou não verbal. (FISCHER, 1995).

As práticas discursivas constituem-se enquanto um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística, dadas as condições de exercício da função enunciativa. São as práticas que, vistas de um determinado campo, constituem as formações discursivas — tudo aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma certa conjuntura — que se inscrevem entre diversas outras formações, isto é, não tem um lugar fixo movimentando-se como uma fronteira que se desloca em função dos combates, das lutas ideológicas. (FOUCAULT, 1996).

Na análise do discurso o intertexto compreende o que é efetivamente citado pelo discurso, aos fragmentos nele presentes e um ponto de partida metodológico é considerar em sua simplicidade o *dito*, o citado por aquele discurso ele mesmo. (FISCHER, 1995).

Ao nos debruçarmos na busca do entendimento do Seridó e suas configurações decorrentes do discurso historiográfico, procuramos destacar no **I Capítulo — O Espaço do Eu** — o diálogo com algumas categorias como escrita da história, poder e discurso para assim pensar as leituras do Seridó na historiografia; neste momento do estudo o *eu* se constituirá enquanto espaço à análise, sendo o Seridó problematizado como espaço produzido que é (de)marcado pelas subjetividades e significações de cada autor, destacando a relação entre autor, escrita e corpo, seja o da historiografia ou dos sujeitos que dão forma ao Seridó em seus escritos. Neste momento, a discussão sobre autor, autoria, lugar social e discurso serão veiculadas ao estudo que destaca a função de autor de Manoel

Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine de Faria na escrita da história sobre e acerca do Seridó — considerando uma rede de escrita e genealógica.

No **II Capítulo** — *O Espaço Sertão* — objetivamos dar voz à arregimentação dos sentidos sobre o Seridó, entendendo-o como subjetivado e significado por sujeitos, por autores a partir da noção de sertão. Neste sentido, buscamos as noções para um espaço físico que aos poucos se torna, pela narrativa, tessitura de escrita e configura espaços-rostos para o Seridó.

No **III Capítulo** — *O Espaço de Luta* — abordaremos a relação homem e natureza na historiografia destacada sobre o Seridó. Para pensarmos esta relação destacamos a face da *luta*, do embate travado do homem para com o meio; em que, abordaremos o ambiente exposto para o Seridó na historiografia, sua paisagem e sua natureza, pelas quais buscamos pensar como estas são configuradas pelo discurso historiográfico. Assim, podemos ressaltar uma face da história, a ambiental, para entendermos como homem e natureza são subjetivados, significados pelos autores estudados.

As cartografias seridoenses são discutidas a partir das noções de história e espaços, onde os saberes produzidos sobre este serão analisados quanto as configurações espaciais. E, pensar o Seridó como um corpo escrito é também escrever um Seridó e, do espaço da narrativa, produzir um outro espaço escrito, o espaço de uma autoria possível.

O Espaço do Eu



Swalberto

Fernand Braudel, narrando o Mediterrâneo, apresenta-nos barcos, homens, rotas e a cada paisagem composta vai produzindo seu livro *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II*, onde inicia dizendo:

Nesse livro, os barcos navegam; as ondas repetem sua canção; vinhateiros descem das colinas das Cinque Terre, sobre a Riviera genovesa; as azeitonas são carregadas na Provença e na Grécia; os pescadores atiram suas redes na laguna imóvel de Veneza ou nos canais de Djerba; os carpinteiros constroem hoje embarcações semelhantes às de outrora... E ainda desta vez, ao observá-los, estamos fora do Tempo. (BRAUDEL, 1987, p. 07).

Com estas explicações, Braudel nos apresenta o espaço de seu estudo, faz com que sintamos a brisa mediterrânica e percebamos, como ele mesmo escreve, que a “[...] história nada mais é do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades — ou mesmo das inquietações e das angústias — do tempo presente que nos cerca e assedia [...].” (BRAUDEL, 1987, p. 01).

Escrevendo sobre a terra, o mar, a alvorada, Braudel vai construindo a história do Mediterrâneo a partir da unidade do clima e das práticas culturais; em seu texto há uma proposta sensível de pensar a história dos espaços que são dados ao desbravamento e que só pouco a pouco são conquistados e dados a leituras.

Quando Braudel descreve o capítulo *A terra* apresenta-nos a leitura do espaço que constrói paisagens como: “Essas montanhas penetram no mar e às vezes estrangulam-no a ponto de reduzi-lo a um simples corredor de água salgada.” (BRAUDEL, 1987, p. 07). A partir do Mar Mediterrâneo faz uma história dos espaços e pensa suas configurações — história do mar como espaço ainda por conquistar, sem marcas, até a compressão deste ao longo dos tempos, com o maior conhecimento de rotas.

É como Braudel que, nos inserimos no debate historiográfico que pensa a construção dos espaços. Domínio que, na história, vem ganhando fôlego com a segunda geração da Escola dos Anais³ e investigações como as de Fernand Braudel

³ Nascida ao mesmo tempo em que a revista dos Anais da História Econômica e Social, a Escola dos Anais, fundada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre, reunia um grupo de historiadores que, renegando a história tradicional factual, privilegiava a longa duração e procurava dialogar com outras ciências humanas. (BURKE, 1991).

e de Emmanuel Le Roy Ladurie que são autores de *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe Segundo* e *Montailou, cátaros e católicos numa aldeia francesa, 1294-1324*, respectivamente.

No Brasil, estudos da historiografia clássica como os de Capistrano de Abreu (*Capítulos de História Colonial*), Caio Prado Júnior (*Formação do Brasil Contemporâneo*) e Sérgio Buarque de Holanda (*Monções e Visões do Paraíso*) pautam-se na discussão sobre a relação sociedade e natureza, cada um com suas particularidades, visto que, a produção do conhecimento histórico se faz em sintonia com o seu próprio tempo e, podem, ser consideradas obras que voltam-se às análises espaciais.

História e espaços marcam as obras anteriormente citados e (de)marcam nosso trabalho que também está associado à noção de autoria. Assim, para além da história dos espaços na historiografia sobre o Seridó, destacamos um outro espaço, o da autoria, o que faz este estudo desenvolver-se na interface da escrita da história, justificando a busca das subjetivações dos autores para o Seridó e problematizando-as a partir dos lugares que estes ocupam socialmente.

Este capítulo tem por objetivo analisar a configuração de um estatuto de autoridade sobre o Seridó. Para tanto, nos voltamos ao lugar de produção do conhecimento dos autores, pensando o *eu* e a escrita como espaços de idéias. A escrita, neste caso, se constitui enquanto recorte para análise, sendo entendida como prática que (de)marca espaços, subjetivando e atribuindo sentidos e significados para o Seridó.

Como referenciado na introdução, este trabalho tem como foco para análise o discurso historiográfico, e Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se enquanto sujeitos autores que produzem determinadas visões do Seridó. Neste sentido, os pensamos como interessados em produzir determinada visão para o Seridó e nos indagamos acerca de suas relações com o espaço e como cada um dos autores pensa o Seridó e se pensa ao mesmo tempo.

O *corpus* documental, apresentado na introdução deste trabalho, é constituído por um conjunto de obras que têm as visões do Seridó como objeto de análise e, compõem um corpo historiográfico produzido que é indagado quanto a

produção do espaço e, neste sentido, questionamo-nos sobre a relação entre autor e escrita e as configurações do Seridó em suas obras.

A historiografia como forma de linguagem não apenas representa o real, mas institui reais e, o Seridó nascera do encontro do poder e da linguagem, onde se dá a produção imagética e textual da espacialização das relações de poder. As espacialidades são entendidas enquanto percepções que habitam o campo da linguagem e se relacionam diretamente com um campo de forças que as instituem.

O conhecimento histórico, assumindo-se como uma operação, como uma prática, ressalta que a história é sempre uma *história para nós*, para o presente; assim, o projeto de elucidação das formas passadas de existência de práticas adquire sentido como parte do projeto de elucidação da nossa própria existência. Neste sentido, a compreensão do interesse de estudos sobre o Seridó e seus autores deve ser guiada pelo exame do lugar social em que essas investigações começam a ser realizadas.

O Seridó, como temática de estudo nas obras citadas anteriormente, é parte dos corpos e desejos dos autores, estes se colocam enquanto *naturais, filhos da terra* e escrever sobre esta e para esta terra seria produzir um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço.

Os homens Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine são figuras de sujeito do conhecimento sobre o Seridó, enredados pela escrita e pela genealogia. Vejamos (conforme *Quadro 01*) como se cruzam genealogicamente, os autores citados acima, partindo de Tomaz de Araújo Pereira e Maria da Conceição de Mendonça.

| | | | |
|---|--|---|--|
| Tomaz de Araújo Pereira, casado com Maria da Conceição de Mendonça | | | |
| Tomaz de Araújo Pereira (2ª), casado com Tereza de Jesus | | Joana de Araújo Pereira, casada com Estevão Álvares Bezerra | Ana de Araújo Pereira, casada com Antônio Pais de Bulhões |
| Maria José de Araújo, casada com Antônio Pereira de Araújo | | Maria Benta Pereira, casada com Francisco Pereira Monteiro | Ana de Araújo Pereira, casada com Manoel de Medeiros Rocha |
| Izabel Cândida de Jesus, casada com Cipriano Bezerra Galvão | | Maria Francisca dos Passos, casada com Joaquim Álvares de Faria (2ª) | Cristóvão Vieira de Medeiros, casado com Maria Benedita da Encarnação |
| Silvino Bezerra de Araújo Galvão, casado com Maria Febrônia de Araújo | | Maria Francisca dos Passos (2ª), casada com Joaquim Álvares de Oliveira | Cristóvão Vieira de Medeiros, casado com Francisca Umbelina da Silva |
| Manoel Augusto Bezerra de Medeiros, casado com Cândida Olindina de Medeiros | Silvina Bezerra de Araújo, casada com Juvenal Lamartine de Faria | Paulina Umbelina dos Passos, casada com Clementino Monteiro de Faria | Maria Miquilina de Medeiros, casada com Manoel Maria do Nascimento Silva |
| José Augusto Bezerra de Medeiros | Oswaldo Lamartine de Medeiros | Juvenal Lamartine de Faria | Manoel Gomes de Medeiros Dantas |

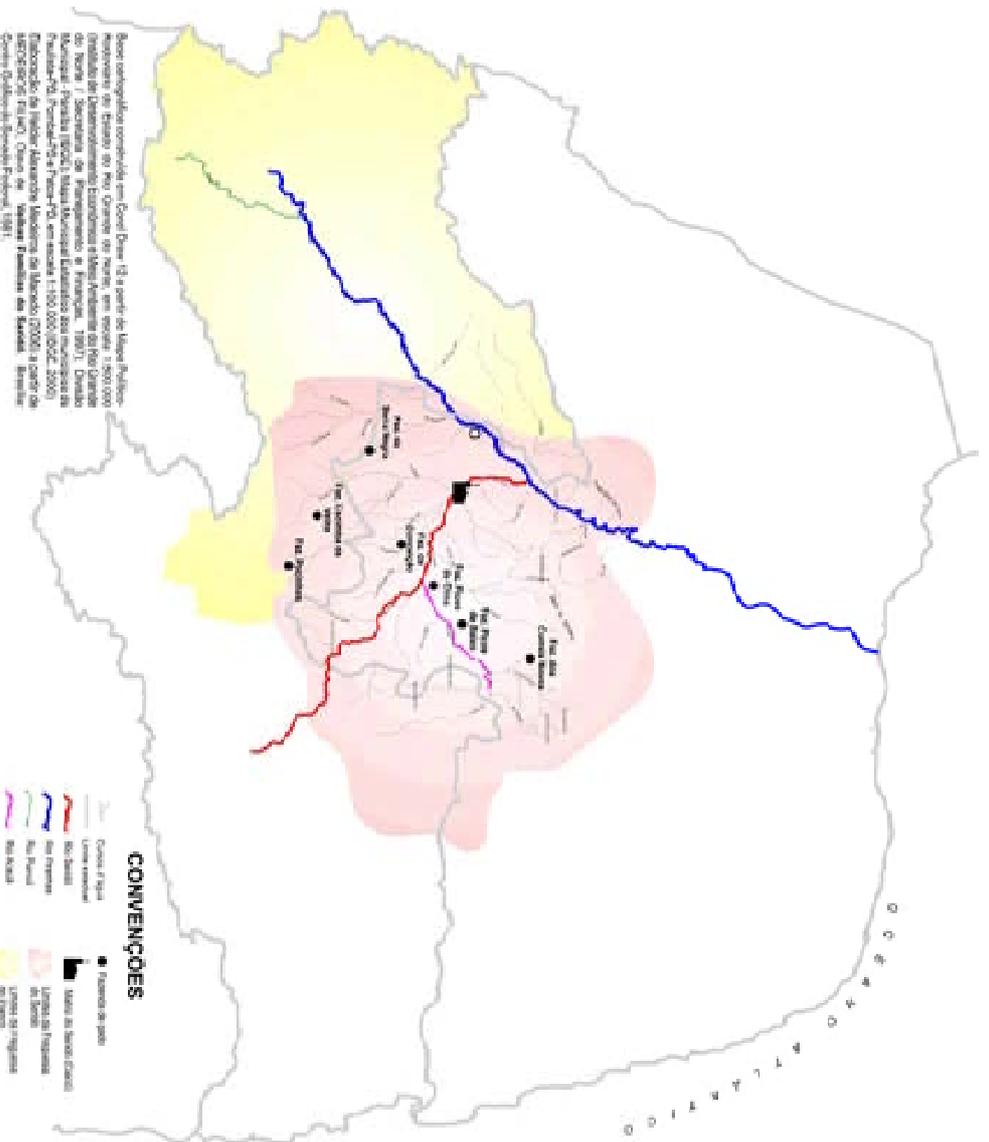
Quadro 01 – Laços de parentesco entre Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine

Como podemos perceber com a leitura do *Quadro 01*, os enlaces genealógicos entre Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, têm como tronco comum o de Tomaz de Araújo Pereira, e acham-se enredados a relações de parentesco onde é representativo matrimônios muito próximos.

Os quatro autores, são parentes em quinto grau um do outro e descendem de troncos de famílias, destacadas por José Augusto no livro *Famílias Seridoenses* como colonizadoras das ribeiras do Seridó: os Araújo Pereira, os

Dantas Corrêa, os Azevedo Maia, os Medeiros, os Lopes Galvão e os Batistas. (MEDEIROS, 2002).

As interligações da genealogia, mais que enlaçar, pelo parentesco, Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine também demarcam o espaço seridoense, pois estes troncos familiares se fixaram, com suas fazendas neste recorte territorial. Buscando enfatizar a fixação dos troncos familiares e sua relação com o espaço Seridó, configuramos o seguinte mapa:



Mapa 01 – Fazendas de Gado onde se originaram os principais troncos genealógicos do Seridó
 Fonte: Medeiros Filho (1981)

José Augusto, em conferência pronunciada por ocasião de sua posse como sócio-efetivo da Sociedade Brasileira de Geografia, em 27 de agosto de 1960, no Rio de Janeiro, objetivando interpretar a *Região do Seridó*, relaciona família e espaço, escrevendo:

TOMAS DE ARAÚJO PEREIRA, CAETANO DANTAS CORREIA, RODRIGO DE MEDEIROS, CIPRIANO LOPES GALVÃO, todos os povoadores iniciais do Seridó, troncos das tradicionais famílias que ainda hoje vivem na região, em que trabalham e a que servem, foram criadores de gado, opulentos fazendeiros, proprietários de grandes rebanhos. (AUGUSTO,⁴ 1961, p. 20, grifos do autor).

O espaço, assim como a genealogia, fora sendo *fechado* por estas relações de família que passam pelos laços da política e também da escrita, neste último caso, motivo de investigação presente.

História das sensibilidades em relação aos espaços, esta é nossa tarefa que passa pela ordem do sensível, pois a história dos espaços exige uma visão artística, a prática de uma estética, reeducando nossos sentidos para também participarem da construção de nosso discurso de historiador.

Fazer uma história com espaços é escrever com a alma, com o mais profundo senso poético, é desprover-se da máscara do rigor e mostrar-se como pena, papel e tinta do que escreve; é passar a ser componente de sua análise, sensível o suficiente para articular história e poética dos espaços, sentimento e compreensão.

O espaço como vivido, como praticado é uma produção; é vida e morte, é escolha; cada escolha é (de)marcada por lugares e interesses distintos, por seleções, significações e subjetividades. A história é escolha e recorte, é uma produção possível e, sendo assim, ela é singular e particular, é única para cada autor e para cada leitor, a história é um rosto, é uma rostidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997c) tecida pelas mãos, pelas mentes, pelos homens em seus tempos e espaços, com seus corpos e suas subjetividades onde, como historiadores dos espaços “[...] devemos tomar as relações espaciais como relações políticas e os

⁴ O nome de autoria de José Augusto Bezerra de Medeiros em alguns textos e/ou obras aparece grafado de forma reduzida, sendo *José Augusto*.

discursos sobre o espaço como o discurso da política dos espaços, resgatando para a política e para a história, o que nos aparece como natural, como nossas fronteiras espaciais, nossas regiões.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 25).

A produção histórica dos espaços é decorrente dos lugares ocupados por seus autores no campo historiográfico que, como considera Albuquerque Júnior (1999), é campo de produção de saber, recortado por relações de poder que incidem sobre o discurso historiográfico, sendo a positividade de um lugar no qual o sujeito se articula, sem, no entanto, reduzir-se a ele. Ele é produto de um lugar antes mesmo de ser o de um meio ou de um indivíduo.

Neste trabalho de dissertação, a produção dos espaços para o Seridó potiguar é destacada a partir da historiografia, onde a escrita, o autor e os espaços serão visibilizados dentro de uma dinâmica da *Poética dos espaços*, pois entendemos que “Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas, e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida.” (BACHELARD, 1993, p. 26). Como nos alerta Albuquerque Júnior (1999, p. 23) “[...] não podemos esquecer que *dis-cursos* é, originalmente a ação de correr para todo lado, são idas e vindas, *demarques*, intrigas e que os espaços são áreas reticulares, tramas, retramas, redes, desredes de imagens e falas tecidas nas relações sociais.”

Assim, pensamos como Bachelard (1993), quando ressalta que nos mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido, sendo esta a função do espaço que nele e por ele encontramos os fósseis de duração concretizados por longas permanências.

O Seridó como um mundo, como um texto, como um ninho, um lugar subjetivado pelos autores que como pássaro, como diz Michelet, segundo Bachelard (1993) é, o operário desprovido de qualquer ferramenta, cuja casa é construída pelo corpo e para o corpo, assumindo sua forma pelo interior, como uma concha, numa intimidade que trabalha fisicamente, sendo o interior do ninho Seridó que impõe a sua forma.

O Seridó para nossos autores é um ninho e um imenso poder que guarda seres do mundo, onde sentir-se parte e escrever sobre é “Dar seu espaço poético a um objeto é dar-lhe mais espaço do que aquele que tem objetivamente, ou melhor dizendo, é seguir a expansão do seu espaço íntimo.” (BACHELARD, 1993, p. 206). O espaço íntimo que é traduzido em narrativa histórica é o Seridó particular e

singular de cada um dos autores que sentem o desejo de cantar *sua terra*, de (re)afirmar um estatuto de mando fosse político, das letras ou econômico. E assim, o Seridó tornava-se *espaço do eu* ao mesmo tempo em que era tema de narrativas como esta:

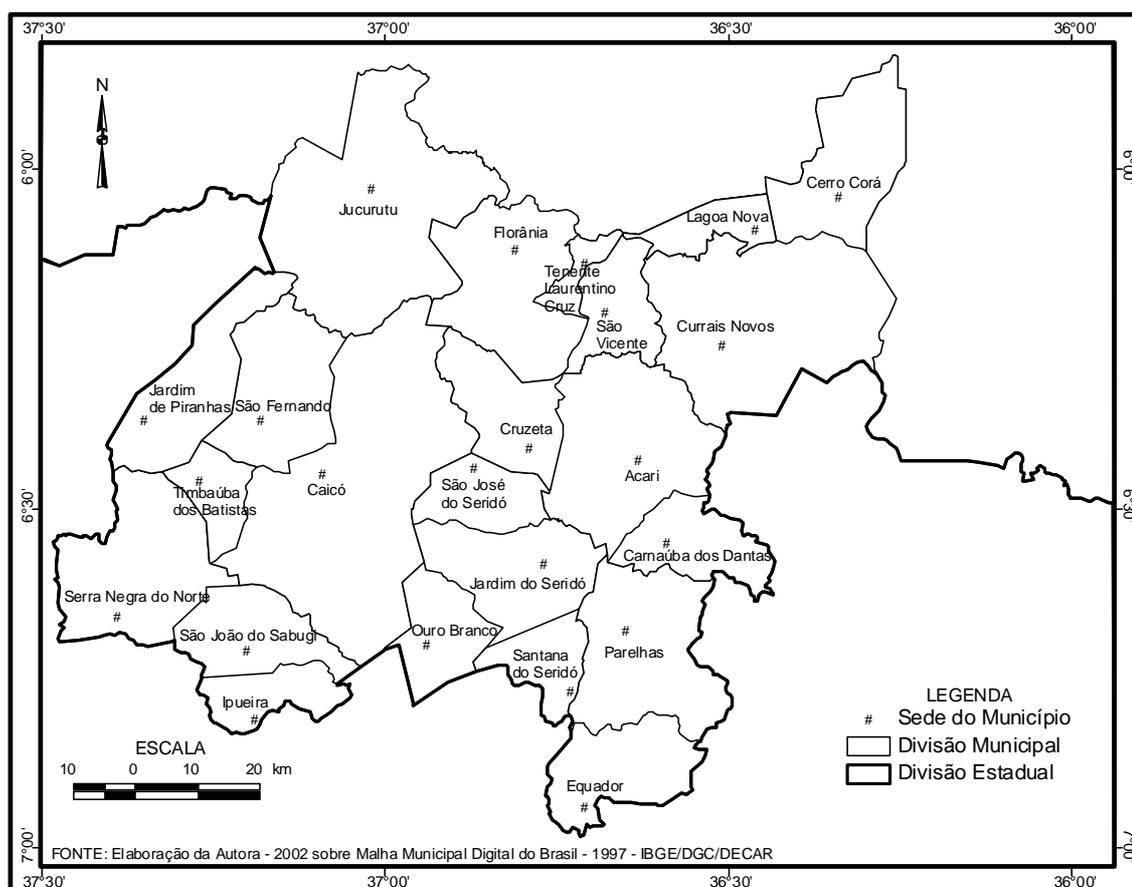
[...] costumava eu viajar pelos sertões seridoenses, que sou filho, em companhia de um amigo dileto, o Dr. Juvenal Lamartine. Discutíamos sempre sobre as possibilidades econômicas do Seridó e o seu futuro. Lamartine via tudo cor-de-rosa-a – a terra, ao seu ver era rica e o seu futuro promissor. Eu, mais cético, só acreditava em uma vida mais fácil e mais feliz para os seridoenses se as pedras que ali existiam [...] viessem a valer dinheiro [...]. (AUGUSTO, 1961, p. 32).

Mas o que é o Seridó? O Seridó situa-se na porção centro-meridional do Rio Grande do Norte, e hoje se acha dividido em duas microrregiões geográficas: o Seridó Ocidental e o Seridó Oriental, totalizando 17 (dezessete) municípios, conforme configuração estabelecida pelo IBGE.

No Rio Grande do Norte, a denominação Seridó tornou-se referencial de uma identidade espacial com forte conteúdo histórico-cultural. (MORAIS, 2005). Neste sentido, a região se configura pela evocação de uma certa personalidade, tecida no enredo de sua trajetória de formação, estruturação e reestruturação. A referida autora ainda destaca “[...] a configuração do Seridó como região deriva do processo de construção/reconstrução espacial implementada pela sociedade a partir das relações intra e extra-regionalmente estabelecidas.” (MORAIS, 2005, p. 45-46).

A cartografia do Seridó, considerando o processo histórico de estruturação do espaço e o que Moraes (2005) denomina de identidade espacial constitui uma configuração própria, indo de encontro à estabelecida pelo IBGE.

Nesta configuração própria delimita-se o Seridó a partir da história político-administrativa do espaço, pois seus limites são estabelecidos considerando os desmembramentos territoriais do atual município de Caicó (RN). Assim, a cartografia espacial do Seridó, adotada no trabalho, compreende 23 (vinte e três) municípios que de forma direta ou indireta desmembraram-se da primeira municipalidade — Caicó. A configuração cartográfica do Seridó historicamente construído:



Mapa 02 - Seridó Potiguar historicamente construído – 23 Municípios
Fonte: Moraes (2005, p. 272)

Este espaço geográfico pode vestir-se de leituras diversas, como a histórica, a sociológica, a econômica ou cultural e é, entendendo sua configuração como produto da escrita, que buscamos nos textos a configuração do espaço produzido sobre e para o Seridó por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine.

As obras de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constituem-se em um corpo escrito, uma nova vida para si, uma recriação a si mesmo, dando ao seu *eu* poético uma voz que iria ecoar através da historiografia; seja passando de um espaço estriado pelas marcas pessoais, hereditárias, marcas de família, para um espaço liso que perdia suas marcas, um espaço onde o anonimato vem (de)marcar um tecido que apresenta estampas ordenadas e deixa sua função de estria, para em conjunto constituir um espaço liso.

A produção do conhecimento sobre o Seridó emerge vinculado à figura de sujeitos que partem do sintético e abstrato para chegar ao concreto e ao

fragmentar, se caracterizando por possuir um saber vasto e que transitava por diferentes áreas do saber, tendo um olhar direcionado mais para o conhecimento do que para a profundidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2005).

Os autores destacados no trabalho ocupam o lugar de sujeito do conhecimento erudito, seus trabalhos de escrita não eram vistos como separados de sua vida privada ou íntima, não havendo uma cisão clara entre suas identidades pública e privada, daí o Seridó escrito pelos autores em destaque ser o de suas vivências, de suas memórias, de seus desejos. Como bem lembra Juvenal Lamartine:

[...] os fatos do nosso mundo eram – as lutas de família, os crimes, as caçadas e as carreiras famosas na pega de barbatões ariscos – eram contadas e lembradas pelos mais velhos [...]. Assim histórias e estórias eram contadas e recontadas... Muitas, naturalmente, foram esquecidas. Outras ficaram [...]. (FARIA, 1965, p. 91).

Desta forma, a escrita era a vida e esta era sobre suas vidas, onde experiências íntimas e interesses privados se misturavam com suas atividades públicas de escritor. Escrever sobre o Seridó era escrever-se em um espaço, lembrar dos tempos da meninice, dos antepassados, de um lugar que imprimiu marcas em suas subjetividades. Eram os tempos de outrora de si e do Seridó, era a tradição e a memória que passavam a delimitar a produção sobre o Seridó e o *espaço do eu*, e é assim, que Manoel Dantas (1941, p. 05) escreve que “[...] a tradição tem perpetuado os tipos sertanejos [...]. Quem quer que visite, por exemplo, o Seridó, há de notar que todos conhecem e falam ainda hoje de homens que há um século existiram [...].”

Nascido a 26 de abril de 1867, em Caicó, interior do Rio Grande do Norte, Manoel Dantas foi advogado, juiz, educador, jornalista, político. Publicou trabalhos jurídicos, *Lições de Geografia*, um estudo sobre a origem dos nomes dos municípios do Rio Grande do Norte e vários ensaios, reunidos depois de sua morte sob o título *Homens de Outrora*. Faleceu em Natal, a 15 de junho de 1924. Durante a década de 1910, dirigiu a Instrução Pública no Estado, introduzindo o ensino profissional agrícola.

José Augusto Bezerra de Medeiros nasceu em 22 de setembro de 1884, natural de Caicó (RN), filho de Manoel Augusto Bezerra de Araújo e Cândida Olindina de Medeiros. Faleceu em 18 de maio de 1971. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1º de dezembro de 1903, e ocupou os cargos públicos de Procurador da República, Fiscal de Governo Federal, Diretor do Atheneu Norte-Rio-Grandense, Juiz de Direito da Comarca de Caicó, Chefe de Polícia Interino e Secretário de Estado no Governo Ferreira Chaves.

Como político, José Augusto exerceu o mandato de Deputado Federal de 1913 a 1923 e o mandato de Governador do Rio Grande do Norte de 1924 a 1927 e Senador da República de 1928 a 1930, voltando a exercer por mais quatro mandatos o cargo de Deputado Federal. Publicou trabalhos como: *O Anteprojeto da Constituição em face da Democracia* (1933), *Eduquemo-Nos* (1922), *Famílias Seridoenses* (1940), *Seridó* (1954), *O Rio Grande do Norte no Senado da República* (1968). (ARAÚJO, 1998).

As produções destes sujeitos do conhecimento voltam-se à temporalidade passada, sendo o foco de atenção o que aconteceu. Nela vão buscar as próprias soluções para questões que se colocam no seu presente, e desta forma o *Seridó* apresentado nas obras é regido pelo discurso preocupado com o povo, com a terra, com a natureza e suas configurações.

Como sujeito do conhecimento erudito, Juvenal Lamartine de Faria, que nasceu em 9 de agosto de 1874, no atual município de Serra Negra do Norte, filho de Clementino Monteiro de Faria e Paulina Umbelina dos Passos, emerge como locutor do *Seridó*. Juvenal Lamartine faleceu em 18 de abril de 1956. Fez estudos secundários no Atheneu Norte-Rio-Grandense e graduou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito do Recife, em dezembro de 1897, sendo escolhido para ser o orador de sua turma, certamente em face de sua condição de aluno laureado, *status* que lhe permitiu ser agraciado com uma bolsa de estudo para fazer pós-graduação em uma universidade francesa. Optou, porém, por voltar para o Rio Grande do Norte e seguir a carreira de jurista, de intelectual, de homem público, por excelência. Retornando para seu Estado natal, em 1897. (ARAÚJO; MEDEIROS, 2004).

Juvenal Lamartine foi professor de Geografia e Vice-Diretor do Atheneu Norte-Rio-Grandense (1898), Juiz de Direito (1893-1903), Vice-Governador do

Estado (1904-1906), Deputado Federal (1906), Senador da República (1927) e Governador do Rio Grande do Norte (1928-1930). Republicano e partidário do federalismo, Lamartine no Congresso Nacional foi um defensor do direito político, da mulher votar e ser votada e, ainda, um dos porta-vozes da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, presidida pela bióloga Berta Maria Júlia Lutz. (CASCUDO, 1994).

Velhos Costumes do Meu Sertão, foi o título de uma série de artigos publicados por Juvenal Lamartine de Faria na *Tribuna do Norte*, cidade do Natal (RN), no último trimestre de 1954. Após seu falecimento, em 1956, estes artigos foram reunidos e publicados em forma de livro, em 1965. Sua edição ficou a cargo da Fundação José Augusto, Natal-RN, e recebeu o mesmo título da série jornalística.

Os costumes do sertão pautam a escrita de Juvenal Lamartine na publicação acima citada e neste exercício de discutir e apresentar o seu Sertão, Juvenal Lamartine por, estar no momento em que escrevera os textos que compõem a obra acometido de uma cegueira, devido o glaucoma — aumento da pressão intra ocular —, diz *limitar-se aos guardados da memória*, escriturando depoimentos de um sertanejo, sobre o sertão de seu tempo.

Este sertão seria narrado a partir de olhares e recordações aos currais, às casas grandes, à indumentária, à escola e à alimentação, ao trabalho, às festas e ao parentesco, histórias de antepassados e vivências de um menino de fazenda que assistiu a narrativas de cangaceiros, de caçadores, de homens de honra e coragem, pois para Juvenal, “[...] a lembrança dos fatos era levada de boca em boca nas conversas do copiar ou na pausa do balanço das rêdes no alpendre. Raros livros chegavam ao sertão e poucos liam aquelas páginas que sempre diziam histórias de outras terras.” (FARIA, 1965, p. 91).

Outro autor destacado no trabalho é Oswaldo Lamartine de Faria, filho de Juvenal Lamartine de Faria e de Silvina Bezerra de Araújo nasceu no dia 15 de novembro de 1919, na cidade de Natal-RN. Técnico agrícola pela Escola Superior de Agricultura de Minas Gerais, administrador da Fazenda Lagoa Nova (Riachuelo, RN) de 1941 a 1948, da Fazenda Oratório (Macaé, RJ.), da Colônia Agrícola Nacional — 1951/2 (Barra do Corda, MA), do Núcleo Colonial do Pium — 1952/4 (RN), Técnico do Banco do Nordeste – 1955/79 (Natal, RN), professor da Escola Doméstica de

Natal e da Escola Técnica de Jundiá (RN), Oswaldo Lamartine de Faria publicou, na área de Folclore, além de artigos em revistas especializadas e jornais, *Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó* (1950), *ABC da pescaria de açudes no Seridó* (1961), *Algumas abelhas dos sertões do Seridó* (1964), *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense* – em parceria com Guilherme Azevedo (1969) —, *Uns fesceninos* (1970), *Encouramento e arreios do vaqueiro no Seridó* (1978), *Sertões do Seridó* (1980) e *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte* (1984).

Estes sujeitos ocupariam o lugar de erudito, marcados pela ocupação de diferentes tipos de conhecimento e diferentes funções. Assim, quando Manoel Dantas se constituía enquanto jornalista, professor, advogado, escritor, fotógrafo ele estava reforçando seu lugar de erudito, caminhante por distintos saberes e ações; o mesmo acontecia com José Augusto e Juvenal Lamartine que entrelaçavam as atividades de político, professor, escritor, jornalista, advogado; não diferente de Oswaldo Lamartine, o qual ocupava funções de funcionário público, agrônomo, historiador, etnógrafo.

O Seridó é nas laudas de tais autores uma configuração espacial que toma vida e fôlego a partir de cada construção de frases, de períodos, de parágrafos. A escrita vem corporificar o espaço Seridó. Assim, quando se fala de Seridó em jornais, revistas ou músicas é a apresentação de espaços e identificações que, na maioria das vezes, está ligado ao gado, ao algodão, à seca; o que reforça uma idéia de Seridó como espacialidade rural e da tradição, sendo esta espacialidade recorrente ainda hoje nos veículos de comunicação e diversas mídias.

Para José Augusto Bezerra de Medeiros, o Seridó é descrito como um espaço físico, um território, vejamos:

[...] um vasto trecho do território do Rio Grande do Norte, atravessado e cortado pelo rio do mesmo nome e seus afluentes, e caracterizado economicamente por uma determinada natureza de produção: o algodão mocó, de fibra longa, sedosa e resistente [...]. (AUGUSTO, 1961, p. 10).

O Seridó, no período em que José Augusto proferiu a conferência por ocasião da sua posse como sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Geografia, em 27 de agosto de 1960, era marcado economicamente pelo algodão, mas, este

mesmo autor não deixara de contemplar o gado como ciclo econômico e o grande responsável pela colonização e ocupação do espaço marcado pelo conflito das *Guerra dos Bárbaros*⁵ que, logo após o seu término teria possibilitado a fixação dos primeiros colonizadores. (AUGUSTO, 1961, p.11).

José Augusto, ao destacar o Seridó como *a terra do algodão mocó*, ressalta que seu objetivo com a conferência é a tentativa de interpretação de uma região do Rio Grande do Norte. É a região a categoria espacial presente no texto de José Augusto (1961) e conhecê-la implicaria em contribuir com a solução de *problemas essenciais*, mas as interpretações partiriam do entendimento das naturezas de produção, a citar a pecuária e o algodão, para assim empreender “[...] o preciso e exato conhecimento do Rio Grande do Norte.” (AUGUSTO, 1961). Conhecer as regiões seria conhecer o estado e/ou o país em sua totalidade.

Escrevendo a história acerca do Seridó, José Augusto historiciza a produção do lugar, destacando que as primeiras datas de terra concedidas para o espaço que hoje compreende o Seridó potiguar são de 1676, a Acauã, sendo seus beneficiários Teodósio Leite de Oliveira, Teodósia dos Prazeres e Manoel Gonçalves Diniz, e de 1679, ainda relativo à Acauã e à serra do Trapuá, deferidas concessões à Luis de Sousa Furna, Antônio de Albuquerque da Câmara, Lopo de Albuquerque da Câmara e Pedro de Albuquerque da Câmara. (AUGUSTO, 1961, p. 14).

O espaço das datas de terra, do gado, das fazendas, do algodão é por vezes recortado para análises. O Seridó teve, segundo José Augusto “[...] emancipação administrativa [...] em 31 de julho de 1788, por alvará que criou o município com a denominação de Vila Nova do Príncipe [...]” (AUGUSTO, 1961, p. 14), o que constituiria ao espaço, não só os limites pelos laços de família e por subjetividades, mas também os limites administrativos. A cartografia político-administrativa que delimitava a Vila Nova do Príncipe — atual Caicó — serviria de limite ao Seridó.

Pensar, investigar o Seridó é, antes de tudo, situá-lo física e sentimentalmente, visto que analisamos na perspectiva de que a escrita da história e

⁵ A *Guerra dos Bárbaros* foi a mais prolongada resistência indígena do Brasil colonial, durando desde o último quartel do século XVII até a segunda década do século XVIII, quando indígenas foram mortos, escravizados ou reduzidos em missões, podendo ser considerada símbolo do maior empecilho à expansão da pecuária no Nordeste. O conflito entre Tapúya e colonos – Guerra dos Bárbaros – teve como palco uma área que correspondia em termos atuais a um território que inclui os sertões nordestinos da Bahia até o Maranhão. (PIRES, 1990).

a escrita de si se imbricam. Quando na historiografia aparece identificações como a seca, o gado, o algodão, não é apenas para dar conteúdo ao espaço, mas para torná-lo visível, parte de um tecido que envolve o físico e o sentimental, por isso o homem e o espaço estarem sempre associados na leitura e tessitura do espaço.

O desejo para com os espaços consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos em certas máscaras, movimento gerado no encontro dos corpos, movimento de intensidades, de criação de sentido para efetuar essas passagem (ROLNIK, 1989) que, no Seridó envolve a formação de uma teia discursiva, que é configurada a partir de movimentos de significação e subjetividade de uma rostidade para o espaço.

Com o movimento gerado do encontro dos corpos e com a prática da escrita tornam-se dizíveis os afetos que pedem passagem, e que estão mergulhados nas intensidades de seu tempo e atento às linguagens que encontra, descreve as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 1989). Estes afetos que pedem passagem na prática de escrita de autores como Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine são *poéticas do espaço*. Ao cantarem e contarem o Seridó estavam apresentando sua intimidade e suas intensidades.

Ao escrever os ensaios como *Homens de Outrora*, publicado no Jornal *A República*, em 1898, *Tomaz de Araújo*, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, em 1924, ou ainda os ensaios *Denominação dos Municípios*, lançado, em folheto, no ano de 1922 e *O problema das Secas*, de 1901, lançado em forma de artigo nas colunas do Jornal *A República*, Manoel Dantas estava elegendo homens e o sertão de *outrora* como objeto de investigação, como itens que requeriam reflexão.

Estava Manoel Dantas a discutir o *espaço do eu*, discutia o sertão e o sertanejo, sendo o Seridó envolvido pela categoria de sertão e o problema das secas que tinham suas bases na tradição e na memória. Escreveu o caicoense Manoel Dantas:

Percorrendo as zonas dos nossos sertões, onde os costumes ainda se ressentem do culto ao passado, vemos a cada passo lembrados homens antigos, que já se foram, mas permanecem na memória das

gerações novas e que os não esquecem [...]. É assim que a tradição tem perpetuado os tipos sertanejos [...]. (DANTAS, 1941, p. 05).

É pela lembrança, pelo culto ao passado que, o sertanejo se reserva do novo, se fixa a uma tradição que o prende a memória. Manoel Dantas destaca ainda a força das lembranças como material a sua escrita:

[...] dos bons tempos d'outrora em que, ainda criança, ouvia-as nos sertões sertanejos, mas, em todo caso das recordações, forneço um contingente pitoresco à história do passado e contribuo com uma parte anedótica, que pode não ser bem contada, mas é interessante. (DANTAS, 1941, p. 06).

Se de lembranças é composta a história escrita por Manoel Dantas esta também tem páginas que defendem uma “ciência aplicada à vida”, pois para ele o lugar e a função “daquelas que pensam” é “[...] trazer a público o fruto de nossas observações, o fundamento de nossa convicção, para se não conseguirmos doutrinar, conseguirmos ao menos aprender.” (DANTAS, 1941, p. 112). O *espaço do eu* escrito e descrito por Manoel Dantas é bifurcado por discussões e explicações relativas à memória e à ciência.

Na escrita da história para o Seridó, territorialização e a desterritorialização são expressas e articuladas aos fios que nela aparecem, como a terra, o gado, a seca e o homem. Estes são marcas cartográficas do ver, do sentir o espaço Seridó e sua configuração e José Augusto cartografa-o a partir do enfoque econômico. Vejamos:

O Seridó tem a totalidade de seus territórios sujeito a secas periódicas. Nos períodos das longas estiagens os criadores de gado sofrem prejuízos imensos, vendo os seus rebanhos dizimados.

Com o algodão mocó não acontece o mesmo [...]. O algodão mocó resiste assim, brava e impavidamente, às secas prolongadas e, mesmo durante elas, produz, embora menos abundantemente.

É assim uma riqueza mais estável, um produto mais forte que o gado em zona semi-árida, como é a do Seridó.

E eis que o algodão venceu o gado, a que substituiu, como elemento de vida econômica fundamental na manutenção das populações seridoenses [...]. Pode assim ser dito com segurança: o gado levou o homem civilizado para o Seridó, e o algodão está expulsando o gado,

e fixou o homem à região. Este é todo o drama econômico do Seridó. (AUGUSTO, 1961, p. 23).

O Seridó apresentado é narrado como uma zona econômica e cartografado a partir de dois produtos: o gado e o algodão. José Augusto escreve sobre o Seridó considerando os usos do espaço por *ciclos econômicos* e desta forma atribui ao gado a primeira cartografia espacial, a dos currais, da constituição das primeiras fazendas e núcleos urbanos e atribui ao algodão uma segunda cartografia, que teria os méritos de fixar o homem no espaço, de fornecer a este forma de praticar o Seridó.

O livro *Seridó*, editado em 1954, pela Borsoi — Editor, da cidade do Rio de Janeiro, fez parte de um projeto da *Biblioteca de História Norte-Riograndense* e, segundo o próprio autor, este livro representaria a reunião de “[...] trabalhos esparsos em que estudei a região do Seridó, na qual tive a fortuna de nascer e a que dedico o mais entranhado amor.” (AUGUSTO, 1954, p. 07).

Seridó, assim como o livro *Homens de Outrora*, de Manoel Dantas, fez parte de um conjunto de publicações associadas à *Biblioteca de História Norte-Riograndense* que, até 1941, havia publicado volumes como: *Famílias Seridoenses* de José Augusto Bezerra de Medeiros, *Angicos* de Aluízio Alves, *Mossoró* de Vingt’un Rosado e *Homens de Outrora* de Manoel Dantas. A *Biblioteca de História Norte-Riograndense*, em 1941, era dirigida por José Augusto, Aluízio Alves, Vingt’un Rosado, Antônio Soares Filho e Rivaldo Pinheiro.

A *Biblioteca de História Norte-Riograndense* teria como função estudar o Rio Grande do Norte e, na nota explicativa escrita por José Augusto na publicação da obra *Homens de Outrora*, ele destaca o manancial de documentos a ser filigranado, fazer história teria por base trazer a tona fragmentos, relatos empoeirados e engavetados em arquivos. Desta forma, José Augusto escreve que

[...] há ainda, nos arquivos oficiais, religiosos e particulares, muitos e preciosos documentos inéditos, que precisam vir à publicidade, para melhor, mais exato e mais seguro conhecimento da nossa evolução.

Cabe à geração presente procurá-los desarquivá-los, divulgá-los, interpretá-los.

É a tarefa que se propõe a Biblioteca de História Norte-Riograndense [...]. (AUGUSTO, 1941, p. 156).

O desejo e as cartografias sobre o Seridó de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine vão se desenhando ao mesmo tempo em que os territórios vão tomando corpo em suas obras e, um não existe sem o outro e assim a produção do desejo é ao mesmo tempo material, simbólica e social. O desejo de dizer *Seridó* está vinculado à configuração subjetiva do espaço enquanto lugar praticado.

O ato de escrever sobre um espaço, de corporificá-lo, é também um investimento de desejo, não existem investimentos de desejo que não sejam os próprios movimentos de atualização de um certo tipo de prática e discurso, ou seja, atualização de um certo tipo de sociedade.

O espaço narrativo que vem a cada letra, palavra, frase corporificando o Seridó está respondendo a escrituras que significam e subjetivam o espaço; o discurso historiográfico sobre o Seridó vem dar não só forma, mas um rosto para o espaço, vem tornar dizível e visível o que entendem por Seridó. Como rosto a história se apresenta com marcas, com espacialidades, com cartografias que possibilitam leituras, considerações.

O espaço é produto de um relato e pode apresentar-se em muitas faces e configurações, como a da geografia, da geologia, da sociologia, em expressões físicas, sociais, políticas. História, desejo, cartografia configuram espaços que na dimensão narrativa são expressões subjetivas, estão para além do concreto e põe-se em tessituras - com marcas. Como narrativa, este espaço da letra está nas redes de poder que envolve o autor e um dado estatuto de autoridade.

Como (inter)locutores do Seridó, Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, delineavam um lugar próprio para tal locução: o lugar do pertencimento. O *espaço do eu* era o que lhes davam a autoridade em seus escritos, em que narravam o Seridó. Narrar as lembranças, locutar as secas como problema, divulgar o homem do Seridó como forte eram enunciados que bordejavam o nome dos autores e afirmavam para tais o estatuto de autoridade, em termos de escrever, representar e dizer o Seridó.

Apresentando e narrando o Seridó os autores colam às suas imagens não só o estatuto de autoridade, mas também o de defensores dos limites geográficos e produtores de uma cartografia sentimental, nossos autores caligrafam seus desejos, relações de poder e, assim, grafam histórias e (de)marcam o *eu* e a escrita como espaço, pois esta vem atenuar os perigos da solidão e oferecer aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível, pois, o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha. (FOUCAULT, 2004).

A autoridade no que concerne ao Seridó é produto da relação da escrita de si e da história, mas também é prática que implica a leitura, pois não se poderia extrair tudo do seu próprio âmago, nem se prover por si mesmo de princípios racionais indispensáveis para se conduzir, como o guia ou exemplo. Assim, escrever o Seridó para esses autores é um ato de corporificação do vivido, do ouvido.

Quando descrevem o espaço é como meninos que corriam e aprendiam a degustar e praticar o Seridó, tendo na escrita o papel de conhecer e fazer conhecê-lo plural e subjetivo como cartografias sentimentais, mas singular pelas configurações de um espaço íntimo e, conforme destaca Morais (2005), envolvido por uma *geografia da resistência*.

As configurações do Seridó no discurso historiográfico compõem um corpo, é um *corpo escrito* (CERTEAU, 2002) que, como o próprio corpo físico e humano daquele que escreve, delas se apropriou e como um palimpsesto fez do seu corpo escrita e de sua escrita seu corpo. Desta forma o corpo seria pena, papel e tinta (GIL, 1997), por ele e com ele nossos autores sentiam e escreviam o Seridó, misturavam as luzes do raiar do dia com as paisagens narradas, a brisa do fim de tarde com as personagens, tornando suas escritas a coisa vista ou ouvida em *forças e em sangue*, em que no próprio escritor vem se tornar um princípio de ação racional. (FOUCAULT, 2004).

Corpo escrito e corpo do escritor, um só, uma utopia, pois como coloca Michel Foucault (2001), é um lugar sem lugar. No espaço Seridó, os autores passam a se ver, mesmo não estando, é um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície e o Seridó é uma espécie de sombra que lhes dá a própria visibilidade. Terra e homem configuram-se como uno a partir de fios de identificação, de história.

É também uma heterotopia, na medida em que há um espaço denominado Seridó, vivido pelos autores, uma espécie de efeito retroativo onde autor e espaço são heterotopia, pois o lugar ocupado é real e irreal. É, a constituição do pensamento de que assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma, há uma rede entre escrita, espaço e homem que ultrapassa o real e corta o irreal, é um e outro ao mesmo tempo, é concreto e abstrato.

O corpo é palimpsesto de genes e idéias, daí justificarmos e, ao mesmo tempo, ressaltarmos nosso estudo pela rede familiar e também de escrita que envolve os autores Manoel Dantas, Juvenal Lamartine, José Augusto e Oswaldo Lamartine. Escrever é *se mostrar*, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro, é entender que está na ordem do sensível e o corpo e a escrita são textos, têm autoria e o nome do autor não é um nome próprio como qualquer outro, mas se configura enquanto instrumento de classificação de texto e de protocolo de relação entre eles ou de diferenciação face a outros. (FOUCAULT, 1992).

O autor ao escrever também (de)marca sua escrita, constituindo a função (de autor) de caracterizar a existência, a circulação e a operatividade de certos discursos numa dada sociedade, estando tal função ligada aos sistemas legais e institucionais que circunscrevem, determinam e articulam o domínio dos discursos, não sendo definida pela atribuição espontânea de um texto ao seu criador e sim através de uma série de posições subjetivas que podem ser ocupadas por todo e qualquer indivíduo susceptível de cumprir tal função. (FOUCAULT, 1992).

Nossos autores e sua escrita estão operacionalizando discursos e articulando seus domínios, legitimando formas, noções para o espaço Seridó e assim, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso, pois, para este ter um nome de autor indica que não é um discurso cotidiano, indiferente, flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas, que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto. (FOUCAULT, 1992).

As relações de escrita e de parentesco entre os autores aqui destacados, passa por uma cartografia dos desejos, uma rede afetiva e subjetiva. Para costurar esta rede apontamos trechos como este, onde Oswaldo Lamartine refere-se à

Manoel Dantas “[...] meu tio e padrinho [...]” (FARIA, 2001, p. 70) o que reforça os laços entre o eu e outro.

Manoel Dantas que, sendo o mais velho dos autores aqui trabalhados, é também aquele que é referencial nas considerações sobre a escrita do espaço e isto é reforçado na justificativa de José Augusto (1941), quando da publicação da obra *Homens de Outrora*, em 1941, escreve que, Manoel Dantas foi uma das mais polimórficas inteligências do Rio Grande do Norte, sendo este homem poeta, *conteur*, historiador, advogado, jurista, pedagogo, político, jornalista.

Em 1924, ano da morte de Manoel Dantas, na mensagem lida perante o Congresso Legislativo na abertura da 1ª Sessão da 12ª Legislatura, em 1º de novembro de 1924, José Augusto destaca:

O Rio Grande do Norte sofreu por sua vez uma perda sensibilíssima com o falecimento do Doutor Manoel Dantas que era uma figura que honrava a nossa terra por muitos e variados títulos [...]. Professor, advogado, jornalista, administrador, iniciador de várias associações altruísticas, representante do Estado nos diversos Congressos Científicos a que o Rio Grande do Norte teve de comparecer. (MEDEIROS, 1984, p. 18).

José Augusto, que apresentara Manoel Dantas é, segundo Nilo Pereira (1982, p. 19) “[...] grande ‘causeur’ contador de anedotas, genealogista, irônico [...]” e extrovertido, comunicativo, exuberante e “[...] um homem telúrico. [Sendo] O livro que escreveu sobre o Seridó [...] a maior prova desse telurismo por vezes romântico.” (PEREIRA, 1982, p. 139).

José Augusto é um (d)escritor do homem e da geografia do Seridó, fazendo uma leitura geo-ecológica do espaço e associando meio e homem, assim o faz ao escrever sobre Manoel Dantas e Amaro Cavalcanti. Vejamos:

Tive a fortuna de nascer na mesma região em que nasceu Amaro Cavalcanti. Sou, como ele, seridoense. E ao examinar sua trajetória através de mais de 50 anos de vida pública, posso dizer que ele foi bem a expressão da terra em que nasceu.

O seu caráter tinha a resistência da fibra do algodão do Seridó, o mais resistente do mundo. A sua inteligência era clara como o luar do nosso sertão. As suas atitudes tinham o calor daquela terra escaldante [...]. Era, assim, Amaro Cavalcanti a expressão humana da vida da região em que nasceu. (AUGUSTO, 1954, p. 243).

O homem aparece como extensão da terra, como um arbusto que brota com as inscrições da terra em seus genes. A terra forte é a mãe do algodão mocó e o homem é sua expressão.

Jayme da Nóbrega Santa Rosa escrevendo sobre José Augusto o destaca enquanto acadêmico e sertanejo, como podemos perceber: “[...] José Augusto era um acadêmico, no sentido de se manter em harmonia com os modelos clássicos. Mas era também um sertanejo que se interessava pela criação de gado, pelo algodão e por outras culturas e pelo progresso da terra.” (SANTA ROSA, 1988, p. 4).

O cruzamento familiar também é percebido quando José Augusto Bezerra de Medeiros, na dedicatória da obra *Seridó*, destaca Juvenal Lamartine, seu primo, e o Seridó como homem e terra unidos no amor, nas ações. É freqüente na escrita de tais autores trocas de referências, isto representaria uma legitimidade dos escritos e de uma rede familiar. José Augusto, escreve sobre Juvenal Lamartine:

O maior filho que até hoje Serra Negra deu para o serviço do Rio Grande do Norte foi Juvenal Lamartine de Faria, cujos pais, ao darem-lhe o nome de Juvenal, acrescido ainda de Lamartine, nomes que não existiam em seus antepassados próximos ou remotos, certamente tiveram em vista homenagear dois grandes poetas de renome universal: Juvenal, o satírico, e Lamartine, o lírico francês [...]. Juvenal Lamartine nasceu na fazenda — Rolinha — do município de Serra Negra aos 9 de agosto de 1874 e era filho do Coronel Clementino Monteiro de Faria e D. Paulina Umbelina dos Passos Monteiro, descendentes ambos dos Pereira Monteiro que foram os verdadeiros fundadores daquele núcleo municipal. (MEDEIROS, 1980b, p. 90).

Juvenal Lamartine, primo e cunhado de José Augusto, seria para o mesmo aquele que

[...] entre os dirigentes em que o Rio Grande do Norte contou na sua trajetória política na vigência da chamada República Velha ou Primeira República, nenhum a ele sobrepujou no conhecimento dos problemas vitais da região e na procura de soluções por ele reclamadas, na ânsia de ver a gente nordestina cada vez menos sofredora e a participar de um melhor quinhão de bem-estar no seio da família brasileira. (MEDEIROS, 1980b, p. 101).

Do lugar de filho, Oswaldo Lamartine descreve Juvenal como “[...] um homem austero, de sobriedade espantosa, sociável, força de vontade invulgar e resignação. Atencioso [...]. Disciplinado e tolerante com os preguiçosos e gastadores. Asseado [...]. Sombra de oitica de todos nós nas dúvidas, dívidas e dificuldades. Desorganizado com papéis e de extrema inabilidade manual.” (FARIA, 2001, p. 20).

Por ocasião das comemorações do centenário de Juvenal Lamartine, seu filho Oswaldo Lamartine escreve um artigo sobre o pai, *Juvenal Lamartine, o meu pai*, nele apresenta o corpo e o vestir de Juvenal Lamartine: “[...] já cinqüentão era anguloso, esguio, mais para alto, magro e de surpreendente energia física [...]. Era limpo e de uma elegância sóbria no vestir. Ainda me lembro do tempo das polainas, colarinhos duros, relógio de algibeira, colete e de uma pérola barroca na gravata.” (FARIA, 1994, p. 11).



Figura 01 - Juvenal Lamartine

Fonte: BRASIL, Senado Federal. **Juvenal Lamartine de Faria**. Brasília, [c200-?]. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2000&li=34&lcab=1927-1929&lf=34> Acesso em: 20 mar. 2006

O mesmo Oswaldo que apresentou o pai, ao receber o título de Doutor *Honoris Causa* outorgado pela UFRN, em 16 de novembro de 2005, fala sobre si “[...] encabulado, areado e zozno tenho de confessar — não sou soberbo nem ingrato. Agradeço a vosmecês [...]”. (O DISCURSO..., 2005, p. 05). Este homem, segundo Tácito Costa (2005, p. 08) é habitado pelo sertão, sendo este espaço d’alma, o que não faz diferença que Oswaldo Lamartine more em Natal ou no Rio de

Janeiro, pois o sertão deste é onipresente, fora também escriturado em suas lembranças. Como *O Doutor de Acauã* tem em sua assinatura o símbolo da ribeira, do próprio sertão.



Figura 02 - Assinatura de Oswaldo Lamartine
Fonte: Faria (2005)

Ao assinar *Oswaldo Lamartine* também assina sertão Seridó, um espaço de lembranças, de saudade, *sertão de nunca mais*; talvez ilustrado pelos *velhos costumes* da vivência de seu pai, Juvenal Lamartine.

Para Bourdieu (1998), não é por acaso que a assinatura, *signum authenticum* autentica identidades, é a condição jurídica de transferências de um campo a outro o que assegura aos indivíduos designados a *constância nominal*. Desta forma ao associar o ferro de marcar gado ao seu nome, Oswaldo Lamartine está delimitando uma cartografia sentimental para si, está por configurar um *espaço do eu*, este é o *Sertão do Seridó*.

Ao mesclar em sua assinatura o seu nome com o ferro de marcar o gado, Oswaldo Lamartine assina uma escrita de família, assume um lugar de sertanejo das ribeiras do Seridó ferrado pelo “[...] Sertão [que] é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-homem — tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos” e para legitimar sua escolha de *sertanejo* narra “No dizer do tio-velho (Casculo) escritor havia de ter areia da terra natal debaixo dos pés da alma.” (FARIA, 2001, p.10).

Os *Sertões do Seridó*, cartografia do *eu* de Oswaldo Lamartine, também deu nome a um de seus livros que foi editado, em 1980, pela gráfica do Senado Federal. Neste livro, o autor reuniu cinco trabalhos publicados nas décadas de 1960 e 1970.

Os trabalhos reunidos no livro *Sertões do Seridó* versam sobre a construção de açudes, a conservação de alimentos, apicultura, pescaria e caça no Seridó. Um dos textos que compõe o livro é *Açudes dos Sertões do Seridó* que foi publicado pela primeira vez em 1978, pela Coleção Mossoroense e pela Fundação José Augusto. Em 1965, pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais publicou o ensaio *Conservação de Alimentos nos Sertões do Seridó* que também está reunido na obra *Sertões do Seridó*, pela mesma instituição teve editado o ensaio *O ABC da pescaria de açudes no Seridó*, em 1961. *Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó*, foi publicado em 1964 pelo Instituto de Antropologia da UFRN, este foi escrito em parceria com seu sobrinho Hypérides Lamartine, assim como, *A caça nos Sertões do Seridó* publicado pelo Serviço de Informação Agrícola, em 1961, também está compondo o livro *Sertões do Seridó*. Tendo o Seridó como temática presente em seus escritos Oswaldo Lamartine destaca configurações de vivências e experiências do Seridó, destacando vários sertões.

A assinatura *Oswaldo Lamartine* não está apenas na escrita, está em seu corpo, em suas ações. Ele e o espaço compõem uma mesma paisagem, um está contido no outro, como um conjunto, um e outro é sertão e Seridó ao mesmo tempo, como percebemos na imagem seguinte, em que ele faz do espaço do Seridó e seu *espaço do eu*, uma cartografia sentimental.

O mesmo ferro que, como símbolo, marcara o gado e suas ribeiras e pertencimento imprimem na assinatura, no corpo e no vestir de Oswaldo Lamartine um enunciado de pertencimento ao Seridó, onde as cartografias históricas e sentimentais se cruzam e desta forma uma continuidade do homem, da história do lugar, do corpo e de símbolos é produzida e atualizada.

Oswaldo Lamartine com estudos sobre ações e práticas do viver no Seridó configurou um sentimento de pertença e demarcou o seu Seridó como sertão e seu corpo com *ninho* e *microcosmos* do Seridó. Oswaldo Lamartine como continuidade da terra, da paisagem:

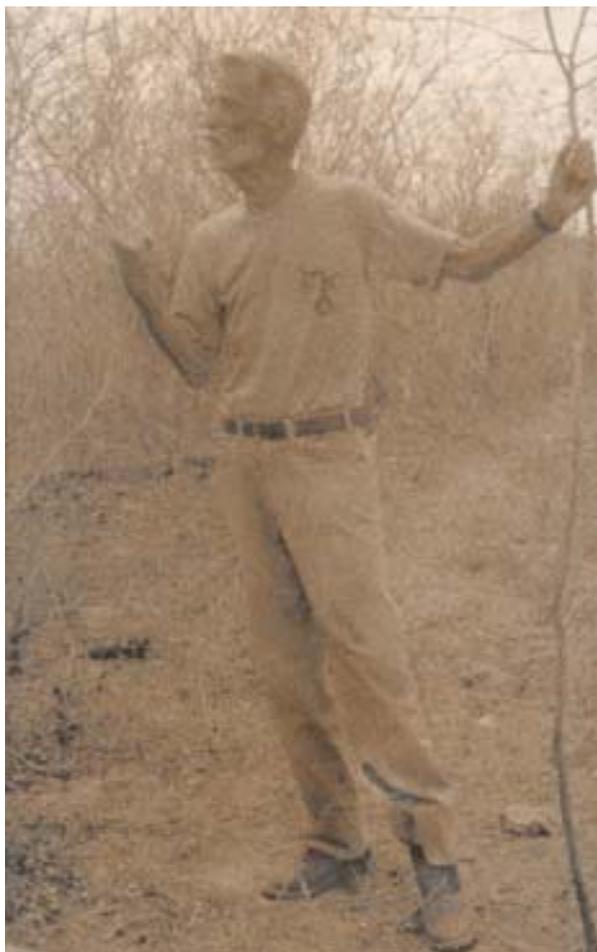


Figura 03 - Oswaldo Lamartine
Fonte: Faria (2001)

Oswaldo (d)escreve um sertão que “[...] talvez tenha nascido da saudade” e seja, como ele mesmo narra, produto “[...] dos momentos vividos desse meu espichado viver e também do muito que escutei do proseado em redes de alpendre no tempo em que as pessoas conversavam [...]” (FARIA, 2001, p. 65).

Um homem e uma escrita saudosista em que a terra é a paisagem para a memória, o alimento para a construção do *rememorado*, que se sedimentou na memória como *sertão de nunca mais*.

Pensar as cartografias do Seridó pelas marcas de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine é um exercício de cartografar desejos e assim perceber como os espaços tomam fôlego, bem como as relações entre estes homens e suas obras são construídas.

O *espaço do eu* imbricando-se com o Seridó produz formas de relacionamentos e associações destes homens e suas obras. Nestas obras, o Seridó aparece como extensão dos homens que o desbravam e passam a se refletir na

natureza. Terra e homem passam a se constituir como uno que a cada instante de escrita buscam-se pensar e destacar-se como telúricos.

Nesta perspectiva de um *Homem-Terra* — expressão usada neste trabalho no sentido de sujeito telúrico —, os escritos de Veríssimo de Melo, em texto publicado por ocasião do centenário de Juvenal Lamartine de Faria, que cita Manoel Rodrigues de Melo e seu artigo *Tendências do Pensamento norte-rio-grandense*, publicado pela revista *Bando*, em 1951, chama a atenção para:

[...] um fenômeno curioso do Seridó com relação aos seus filhos mais ilustres. Ele demonstrava através de nossa história, que os poetas e ficcionistas mais importantes do Estado são todos nascidos na região litorânea, ao passo que os homens do Seridó se destacaram mais como juristas, economistas, políticos. (MELO, 1994, p. 44).

Manoel Rodrigues de Melo, citado por Veríssimo de Melo considera que,

A aridez do solo, exigindo do homem esforços inauditos para vencê-la e dominá-la na batalha pela vida, tornou o seridoense um homem cético em relação aos temas poéticos, olhando a vida pelo lado prático e realista e não pelos vidros multicores da poesia e do sonho. (MELO apud MELO, 1994, p. 44).

A terra e sua aridez justificaria os jeitos e trejeitos do seridoense que, assim como a terra, guardaria em seu âmago a necessidade de uma luta constante com a natureza, tornando cada homem um depósito de esperança da vitória. O corpo e a mente destes seriam moldes de um lutador, um protótipo de um *Homem-Terra*, aquele que dela brota e por ela luta.

Esse *Homem-Terra* acostumou-se com a agressividade do solo, seu calor, sua luminosidade refletida no conjunto de pedras que nela são freqüentes. Este homem sabe que viver neste espaço é antes de tudo valorizá-lo, atualizá-lo enquanto berço, lugar próprio.

Daí, Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine serem *Homem-Terra*, pois em seus escritos pensam o Seridó, apresentam-no enquanto berço e lugar comum, como espaço de vivências e de

lutas, cartografado em seus desejos, *espaço do eu* que se imbrica com a escrita de si e a escrita da história.

Como destacou Luis da Câmara Cascudo, em correspondência de Natal, 12 de março de 1979 – em resposta à informação do nome de batismo de uma propriedade de Oswaldo Lamartine, em Itaipava (RJ), “[...] Acauã em Itaipava comoveu-me. Seridó denominador comum!” (FARIA, 2005, p. 55). O Seridó denominador comum! para Manoel Dantas e seus escritos sobre sertão e sertanejo, José Augusto e seu *Seridó* para Juvenal Lamartine e os *Velhos costumes do sertão* e para Oswaldo Lamartine e seus *Sertões do Seridó*. Seridó mínimo múltiplo comum de sertão, terra e homem.

O Seridó é *Espaço do Eu* de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e de Oswaldo Lamartine, sendo este produzido a partir de um rosto como marcas de sertão. Neste sentido, no capítulo seguinte, nos voltaremos às considerações do *Espaço Sertão*, é o Seridó configurado pelas narrativas como um espaço-rosto sertão.

O Espaço do Sertão



O homem e o espaço são fios de uma relação tecida a partir de subjetividades, e como destaca Bailly (apud BASTOS, 1998), o homem é um geógrafo e o lugar é seu espaço de vida no qual as relações se misturam num emaranhado de laços, onde estão presentes os sentimentos pessoais, as memórias coletivas e os símbolos. Desta forma, podemos entender o espaço como produção.

O espaço do Seridó escrito por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine é pelos atos de consumo de emoções, linguagens e memória, fazendo do texto fruto de um complexo sistema de escolhas, pois,

A construção discursiva sobre o sertão espelha a maneira como ele é pensado e uma maneira específica de 'ver' o mundo. O olhar, o ato de contemplar a natureza, não é uma atitude natural. Pelo contrário, ele é resultante de uma instituição da cultura que inventou esta contemplação e lhe deu uma significação de um valor. (ALMEIDA, 1998, p. 35).

O Seridó como espaço produzido pela escrita é uma configuração de narrativas particulares que, ao tornarem-se lidas, impressas e prescritas dão corpo a um Seridó particular, próprio de cada autoria.

Quando Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine escrevem sobre o Seridó, estão tornando dizível uma sensação, um sentir que é fio de um viver, de um ouvir e isto vai configurando paisagens, construindo cenários, noções para um espaço físico que aos poucos se torna, pela narrativa, tessitura de escrita e de relações de família, uma história das sensibilidades. Para Alain Corbin (2005, p. 19) é “[...] identificar a utilização dos sentidos que permitiu construir imagens do outro, dar forma ao imaginário social.”

Neste trabalho, entendemos a construção do sertão como um espaço de sentimentos múltiplos que é composto por marcas, por formas ambíguas, mas que por força de sua formação dentro dos interesses políticos, econômicos e culturais, é lido de forma universalizante, sendo congelado em formas discursivas, as quais denotam como elementos de composição deste espaço, enunciados como gado, seca e algodão. Desta forma, objetivamos neste capítulo destacar o espaço narrado para o Seridó que se configura em sertão, o *sertão do Seridó*.

É o sertão configurado a partir das discussões de Manoel Dantas sobre a vida sertaneja e seu presente e futuro, também é o sertão de José Augusto com abordagens sobre a pecuária e o algodão, a seca e a natureza. É o sertão das memórias de Juvenal Lamartine e o *sertão de nunca mais* de Oswaldo Lamartine.

A denominação sertão teve seus primeiros registros em Portugal, servindo para designar terras distantes de Lisboa. Com o processo de expansão marítima do Império Português, este sentido alarga-se, passando a se chamar sertão, também as terras conquistadas pelos portugueses em outros continentes. (BARBOSA, 2000).

No Brasil, o significado de sertão amplia-se e passa a representar espaços vastos, desconhecidos, vazios ou pouco habitados, inacessíveis, expressão de não-civilização, atribuída à noção de ausência dos súditos do Rei, expressão de espaço vasto e com povoamento e colonização parcos e “[...] lendo sob a ótica dos significados espaciais, [...] sertão é o espaço bárbaro oposto ao espaço civilizado do litoral.” (SCHETTINO, 1995, p. 08).

Ainda nesta perspectiva, Janaina Amado pensa o sertão como uma categoria espacial que:

No conjunto da história do Brasil, em termos de senso comum, pensamento social e imaginário, poucas categorias têm sido tão importantes, para designar uma ou mais regiões, quanto a de ‘sertão’. Conhecido desde antes da chegada dos portugueses, cinco séculos depois ‘sertão’ permanece vivo no pensamento e no cotidiano do Brasil, materializando-se de norte a sul do país como sua mais relevante categoria espacial [...]. ‘Sertão’ é, também, uma referência institucionalizada sobre o espaço no Brasil: segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), designa oficialmente uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das duas outras, a saber: ‘agreste’ e ‘zona da mata’. (AMADO, 1995, p. 145).

O espaço sertão escrito para o Seridó por José Augusto é ilustrado por figuras como o gado e o colonizador, que aos poucos gestavam fazendas e constituíam numerosas famílias. Assim, ele apresenta a produção espacial do Seridó

Na zona do Seridó certo e seguro é afirmar-se que todo o movimento povoador decorreu da necessidade econômica de encontrar lugar adequado à localização de fazendas de criação de gados. (MEDEIROS, 2002, p. 13).

O gado foi desse modo, ao começar o povoamento da terra seridoense, o elemento econômico fundamental, a fonte de riqueza natural asseguradora das condições de vida, a oferecer perspectivas de exploração comercial, o princípio de todo o processo da história do Seridó [...]. (MEDEIROS, 2002, p. 14).

Terra, Homem e Gado (pré)figuram a narrativa de José Augusto, sendo as identificações recorrentes para o espaço que a cada fazenda instalada, a cada aumento do rebanho bovino e também da parentela, alargava suas fronteiras e constituía (de)marcações para o Seridó.

O *sertão Seridó* começa a ter sua configuração espacial esboçada com a pecuária, sendo o gado o elemento desbravador das *plagas seridoenses*. Se o gado é um desses elementos na configuração de um Seridó sertão, isso se dá por no processo de colonização do Brasil o litoral, espaço econômico voltado ao cultivo da cana de açúcar, ser o antônimo do espaço interior, do *desertão*, que com o movimento do gado, com as bandeiras, estaria a reconfigurar o espaço territorial do Brasil. (PRADO JÚNIOR, 1980).

O sertão como o espaço outro do litoral estaria na base da produção do Seridó no discurso historiográfico. O Seridó comporia o processo de colonização do território do atual Estado do Rio Grande do Norte por meio da *marcha do gado*, da *Guerra dos Bárbaros*, diferentemente do litoral que se configurou com marcos como a construção da Fortaleza dos Reis Magos (1598) e da Povoação do Natal (1599). (CASCUDO, 1989; LYRA, 1982).

Como espaço aberto rasgado pela pecuária e marcado pela constituição das fazendas, o Seridó é produzido. Mas este Seridó de gado e fazenda, escrito em obras como *Velhos Costumes do Meu Sertão* e *Sertões do Seridó*, é uma produção estriada com marcas como a seca, a natureza rude, enfim uma imagem de sertão.

A configuração do Seridó como sertão se dá com a homogeneidade, como forma limite de um espaço estriado (DELEUZE; GUATTARI, 1997a). Configuração que articula o sertão que tem o litoral como outro e elementos rurais como as principais marcas. Quando destacamos que o discurso historiográfico configura um Seridó com os estatutos de autoridades de homens que delimitam

suas vozes a partir das vivências, estamos por considerar que o sertão produzido é o produto de um conjunto de atribuições de sentido, sendo estas várias, mas que tem como cerne as faces de um sertão Seridó.

A batalha discursiva para explicar identidades e especificidades passa pelo desejo, por uma cartografia sentimental. Assim, o discurso da história regional sobre o Seridó passa por *luta de representações*, participando da construção imagético-discursiva da história regional que, padece daquilo que Albuquerque Júnior (1999) considera uma *ilusão referencial* por dar estatuto histórico a um recorte espacial fixo, estático.

Sertão ou Seridó não existem *a priori*, são resultados de representações que possuem historicidade, lembrando ainda que todas as falas que dizem sertão, Seridó ou sertões do Seridó estão inscritas em uma rede de significados resultante das práticas sociais.

O *espaço sertão* é uma representação cultural, resultado da ação dos homens. As formas assumidas por estas espalham-se pela sociedade formando um conjunto de discursos a respeito do espaço.

Para Leonardi (1996), a denominação de sertão está associada com a idéia de fronteira do período colonial, quando não se sabia ao certo onde terminava o mundo português e onde iniciava o mundo espanhol na América. Essa indecisão espacial criava uma mobilidade física e mental, empurrando gente para as *bocas do sertão*. Quase sempre estas eram as fronteiras entre o legal e o ilegal, entre o possível e o impossível. Sertão dos perigos e dos riscos, formando o sertão uma categoria histórica.

O sertão como *desertão*, onde a ocupação pelo pastoreio expressa o primeiro assalto sobre a natureza hostil, seria ruralizado pela criação de gado e, superar a resistência natural passa a ser a grande responsabilidade dos grupos rurais. O regime pastoril produziu relações sociais e econômicas próprias. (ALMEIDA, 1998).

É o sertão que está para o Seridó assim como o Seridó está para espaço de autoria dos autores aqui destacados. O sertão é metáfora para o Seridó, é ele, a cerca mais forte para este espaço que não mais é só do gado, mas também do algodão que vem dar marcas para o homem que habita este lugar seco e árido destacado em narrativas como esta: “[...] estava escrito que o algodão seria, com o

decorrer dos tempos, a dominante econômica do Seridó. Para isso concorreu decisivamente a qualidade da fibra do algodão preferentemente ali cultivado [...]” (AUGUSTO, 1954, p. 30).

O espaço também pode ser representado e configurado por mapas que são artefatos culturais, carregados de subjetividade e dos valores culturais da sociedade que os criou e das marcas de poder, sendo sua produção um dos saberes utilizados pela máquina governamental. Ele representa um saber acerca de um espaço que serve para aumentar a visibilidade que se deseja ter sobre o território e sua população. (ARRUDA, 2000, p. 159).

A seca é a mãe do sertão Seridó; é ela que justifica a construção de uma imagem de espaço pedinte, que clama por olhares e ajuda. Com a seca que devora o veio verde, a seiva da bonança, está também a necessidade do sertão virar mar, do sertão ter força e fôlego.

As narrativas sobre seca constituem-se enquanto tema de uma vasta literatura que, segundo Albuquerque Júnior (1994) aborda ora como um simples fenômeno climático, que aparece como origem de todos os problemas do espaço onde ocorre, ora como um problema mais vasto, com implicações econômicas, sociais, políticas. Assim, toda essa literatura parte da constatação de que a seca é um *problema regional*.

Como um problema para o Seridó, a seca é apresentada no discurso historiográfico como temática que envolve o espaço e os homens deste. Manoel Dantas no ensaio *O Problema das Secas* discorre sobre estas e as apresenta dizendo que “[...] periodicamente flagelam os Estados do nordeste [e] constituem um dos problemas mais sérios que devem, por igual, preocupar governos e povos, todos eles sofrendo diretamente suas conseqüências.” (DANTAS, 1941, p. 111).

Entre os anos de 1924 e 1927, José Augusto ocupou o cargo de Governador do Rio Grande do Norte e parte de suas ações privilegiaram o mundo rural, ou melhor, sendo o Estado um dos maiores produtores de algodão do Brasil e o Seridó, o celeiro do algodão mocó, considerado de fibra de excelente qualidade devido seu comprimento superior a maior parte dos tipos produzidos no país várias foram as ações de incentivo à produção cotonicultora no Rio Grande do Norte, particularmente no Seridó.

Pelo decreto de número 228 de 1924, enquanto Governador, José Augusto criou o Serviço de Algodão do Estado e o Departamento de Agricultura e Obras Públicas, pelo qual implementaria medidas de fomento à produção estadual. E, como uma das preocupações do Departamento de Agricultura e Obras Públicas, na mensagem lida perante o Congresso Legislativo, em 1924, José Augusto informa sobre o algodão:

É o principal ramo da produção do Rio Grande do Norte. A nossa economia pública e privada baseia-se principalmente no algodão. É, pois, dever precípuo do governo zelar pela sorte da nossa produção algodoeira [...]. Cumpra a defender a todo o custo o nosso algodão, estabelecendo uma estação experimental em que se faça a seleção das sementes e a fixação do seu verdadeiro tipo. (MEDEIROS, 1984, p. 48-49).

Para proteger e cuidar do desenvolvimento do algodão, conforme tarefa do Serviço de Algodão do Estado, foi criada a Estação Experimental do Seridó, em 1924, que “[...] tem por objetivo principal o melhoramento de nossas variedades indígenas, com especialidade do algodão ‘Mocó’.” (MEDEIROS, 1984, p. 292).

A principal função da Estação Experimental do Seridó seria a consecução de uma variedade pura, conforme José Augusto “[...] portadora dos chamados característicos econômicos; grande produtividade, vigor, abundância de lã, fibras longas, sedosas e principalmente uniformes.” (MEDEIROS, 1984, p. 292).

Contra a seca vieram narrativas como as de Manoel Dantas que procuram articular a terra e o homem em um cenário que seria o sertão — recorte que destacamos no Capítulo I como Seridó historicamente construído. O sertanejo e o sertão de Manoel Dantas constituem páginas de Seridó.

Nestas páginas de sertão e do sertanejo escritas por Manoel Dantas, o Seridó é produto da colonização pelo gado e é receita de um conjunto de imagens da relação homem e natureza, vejamos como Manoel Dantas apresenta-nos o espaço sertão:

[...] situado na grande bacia que, em remotos períodos geológicos, as águas cavaram, escorrendo, em torrentes impetuosas, do planalto da Borborema até encontrarem as várzeas do rio Piranhas. (DANTAS, 1941, p. 29).

Estudando a vitalidade de nossos sertões [...] não somos a isso levados por qualquer sentimento de bairrismo, e sim pela necessidade de encarar uma questão, que, se hoje é um problema, será amanhã uma realidade. (DANTAS, 1996, p. 03).

Lançar olhares sobre o Seridó, era para Manoel Dantas uma atitude envolvida pelo presente e a consideração de problemas como a seca. Como no conjunto de artigos que publicara no Jornal *O Povo*, em 1889, Manoel Dantas escrevia a partir do corte entre o passado e o futuro. Escrevia do presente e para o presente alertando dos problemas e buscando soluções.

A seca e a educação escolar são destacadas por Manoel Dantas na série *A vida Sertaneja*, onde defende que o estudo de recortes espaciais como os sertões traz “[...] melhoramentos de incalculável valor para o todo nacional.” (DANTAS, 1996, p. 03). Tais temas merecem do autor reflexões em um momento em que ainda encontrava-se enquanto acadêmico da Faculdade de Direito do Recife.

Como redator do Jornal *A República*, que circulava na cidade do Natal, Manoel Dantas muito usou suas colunas para escrever sobre temáticas como a educação e como as secas. Neste sentido, Luís da Câmara Cascudo (1989) o lembra como um grande conhecedor da história do Rio Grande do Norte, das tradições sertanejas, dos assuntos geográficos, das ciências naturais.

Para Manoel Dantas, o Seridó deve estar envolvido pela evolução da educação para que homem e terra tornem-se um só, viverem de suas potencialidades. Este autor acredita que “Enquanto não se compreender que na instrução reside primeiro o bem estar de um povo, e esses prejuízos perdurarem, o sertanejo há de ser atrasado, refratário as inovações do progresso e indiferente às lutas que se travam em nosso país.” (DANTAS, 1996, p. 11).

Em um só texto, José Augusto (1954, p. 243) associa terra e homem e nos apresenta Manoel Dantas e o Seridó dizendo: “[...] a região em que nasceu Manoel Dantas [...], foi povoada, logo depois da guerra dos bárbaros que assolou os sertões potiguares, e os seus primitivos povoadores eram gente vinda de Pernambuco e Paraíba, para a instalação de fazendas de gado.”



Figura 04 - Manoel Dantas

Fonte: MANOEL Dantas. **Memória Viva**. Disponível em:
< <http://www.memoriaviva.com.br/manoeldantas/> >. Acesso em: 20 mar. 2006

Manoel Dantas (1867-1924) bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Recife, em 29 de novembro de 1890 e, conforme José Augusto (1954, p. 244) “[...] fêz a sua formação acadêmica numa das fases mais interessantes da vida intelectual do Nordeste e mesmo do País [...]”, acrescentando que foi a época da transição da Monarquia para a República; do ponto de vista cultural, particularmente para o Nordeste, figurava a chamada fase da Escola do Recife, em que pontificava Tobias Barreto.

A Faculdade de Direito do Recife forma a elite intelectual e política quando o Seridó despontou na produção cotonicultora do Estado. Esta forneceu parte dos saberes que sustentaram o discurso regionalista dessa elite, prefigurando o Seridó com os dispositivos cientificistas adquiridos com os estudos jurídicos; esta faculdade que formava Manoel Dantas expressava, nas Províncias do Norte, uma certa vanguarda das idéias progressistas e teorias políticas correntes no Império. (MACÊDO, 2005, p. 137).

O evolucionismo fomentava o debate à época dos acadêmicos seridoenses — a exemplo de Manoel Dantas, Janúncio da Nóbrega, Juvenal Lamartine e José Augusto — assim como o positivismo, o naturalismo e o republicanismo na Faculdade de Direito do Recife que abrigava a *Geração de 1870*, cujas figuras de destaque eram Sílvio Romero⁶ e Tobias Barreto.⁷

⁶ Sílvio Romero cursou a Faculdade de Direito de Recife, entre 1868 e 1873. Na década de 1870 colaborou, como crítico literário, em vários periódicos pernambucanos e cariocas. Em 1875, prestou concurso para a cadeira de Filosofia no Colégio das Artes, anexo à Faculdade de Direito.

Tobias Barreto ingressou na Faculdade de Direito do Recife em 1882, sendo contemporâneo, condiscípulo e compadre de Sílvio Romero; estes sujeitos, asseguravam um debate em torno da cultura e da sociedade que assumiam feições laicas de análise, sendo o discurso infenso às categorias teológicas e metafísicas, e aberto aos procedimentos argumentativos do rigor racionalista.

A *Geração de 1870* introduziu o Brasil à cultura histórica moderna, ao romper as amarras do pensamento religioso em prol de uma visão laica do mundo. Na Faculdade de Direito do Recife, Tobias Barreto e Sílvio Romero contestaram a teoria do Direito Natural, em que a ordem cósmica e social era concebida como sagrada e imutável. (VENTURA, 1991).

O movimento crítico da *Escola do Recife* correspondeu, em termos de crítica literária, à introdução do naturalismo, do evolucionismo e do cientificismo, que tomam as noções de raça e natureza com o fim de dar fundamentos *objetivos e imparciais* ao estudo da literatura. (VENTURA, 1991).

Escrevia, Manoel Dantas, envolvido pelo tema *Civilização e Progresso*, lema dos críticos da *Geração de 1870*. Nesta série de artigos, expressava um engajamento intelectual, procurando intervir no *processo histórico*. O sertanejo, em sua narrativa, emerge como problema, pois seu *modus vivendi* transformou-se em um obstáculo ao desenvolvimento regional, pois, seriam os elementos da vida sertaneja que concorreriam para produzir a estagnação em que este homem dos sertões se encontra enredado. (MACÊDO, 2005).

Para a leitura da vida sertaneja, Manoel Dantas aproxima suas reflexões de um conjunto de saberes voltado à interpretação das raças como o darwinismo social e a defesa de diferentes raças e uma natural hierarquia. Esse tipo de discurso evolucionista e determinista penetra no Brasil a partir dos anos 70, do século XIX, como um novo argumento para explicar as diferenças internas. (SCHWARCZ, 1995).

No contexto do positivismo evolucionista que o empolgava, considerava que não se podia mais admitir a contraposição entre ciências da natureza e ciências do homem. (VENTURA, 1991).

⁷ Tobias Barreto de Meneses nasceu na vila sergipana de Campos, a 7 de junho de 1839 e faleceu no Recife em 26 de junho de 1889. Foi um fervoroso integrante da *Escola do Recife* (movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu). Em 1882, através de concurso, conseguiu uma cátedra na Faculdade de Direito do Recife. Inicialmente influenciado pelo espiritualismo francês, passa para o naturalismo de Haeckel e Noiré em 1869 com o artigo *Sobre a religião natural de Jules Simon*. Em 1870, Tobias Barreto, passa a defender o germanismo contra o predomínio da cultura francesa no Brasil. (NESTOR, 1930).

Sob a ótica do *Presente e futuro*, Manoel Dantas parte para a escrita de uma série de artigos em que destaca o estudo dos sertões pela “[...] necessidade de encarar uma questão, que, se hoje é um problema, será amanhã uma realidade” e conhecer os sertões é também conhecer a nação, para tais relações sociais Manoel Dantas escreve:

É um fato observado, e a ciência o demonstra, que a vida de um povo, assim como a do indivíduo, desenvolve-se internamente, isto é, de acordo com as suas tendências naturais. Sendo assim, e sendo um axioma estabelecido por **DARWIN** a adaptabilidade do indivíduo e da sociedade ao meio em que vivem, devemos procurar dentro das manifestações da vida sertaneja os princípios do seu desenvolvimento, a força motriz de sua marcha. (DANTAS, 1996, p. 3-4, grifo do autor).

Com esta explicação ficam expressas suas categorias de análises, ressonâncias dos estudos na Faculdade de Direito do Recife. Como destaca Shwarcz (1995), as teorias como o evolucionismo social, o positivismo, o naturalismo e o social-darwinismo começaram no último quartel do século XIX, tendo como horizonte de referência o debate sobre os fundamentos de uma cultura nacional em oposição aos legados metropolitanos e à origem colonial.

Como explicação para a marcha do sertanejo, Manoel Dantas atribui o fato de não se educar o povo por meio de um ensino proveitoso, desejando que “[...] os sertanejos presos ao berço de seu nascimento pelos laços do trabalho, que não será um labor improfícuo, e sim o aproveitamento das forças da natureza de acordo com os princípios da indústria séria e progressiva.” (DANTAS, 1996, p. 07).

A vida do sertanejo é enrugada por prejuízos. Segundo Manoel Dantas estes prejuízos são “[...] nota dissonante na harmonia do seu modo de viver.” (DANTAS, 1996, p. 8). Como contra-ponto aos prejuízos há a civilidade que se veste de instrução pois nesta “[...] reside primeiro o bem estar de um povo.” (DANTAS, 1996, p. 11). O sertanejo é pensado e escriturado por Manoel Dantas como esperançoso, amante da instrução, homem que “[...] quanto mais difícil se torna a crise, mais forte e mais ampla se torna a iniciativa sertaneja.” (DANTAS, 1996, p. 19).

Na obra *Homens de Outrora*, Manoel Dantas aborda os sertões por ele percorridos, que são os do Seridó, destacando costumes e lembranças, concluindo que, a tradição tem perpetuado os tipos sertanejos, muitos dos quais dignos de estudo, pela sua originalidade. Dos homens à terra; agora Manoel Dantas pensa o povoamento do Rio Grande do Norte e destaca o Seridó como “[...] núcleo de população que foi o último a se formar, porque, até o fim da guerra dos índios, no século XVII [...] o Seridó não era conhecido.” (DANTAS, 1996, p. 39-40).

Tece analiticamente para o Seridó uma configuração histórica de seu espaço e para pontuar a análise deste escolhe a face das secas, é um problema árido, de luz e calor, de corpos esqueléticos e explicações científicas, pois “[...] na solução do problema das secas a indagação que primeiro se nos apresenta ao espírito é a referente à origem do flagelo, porque, conhecida esta, fácil será tratar dos meios de preveni-la.” (DANTAS, 1996, p. 113).

A seca, como rosto subjetivado por Manoel Dantas para o recorte espacial do Seridó, é determinada pela influência de uma corrente aérea que varre os vapores úmidos acumulados na atmosfera, impedindo a condensação, que se derrama em chuva *benfazeza*. (DANTAS, 1996). Lendo o Seridó, por condições naturais, Manoel Dantas cientificamente constrói uma explicação e uma possibilidade de homem e natureza harmonizarem-se pelo uso da técnica, pois se a seca é uma carência de águas pluviais a solução está em conservar as águas caídas em anos de inverno, a seca deve ser vencida por meios racionais de resistência, com a construção de açudes e a perfuração de poços, assim a técnica vence a natureza, ou na pior das hipóteses, a rende.

Ao pensar na técnica estamos colocando em pauta a relação do homem com a natureza. Simon Schama (1996) demonstra que homem e natureza não estão um dissociado do outro, pois uma árvore, uma pedra ou rio não são apenas árvore, pedra e rio, a natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo e em cada um desses elementos estão depositados séculos de memória, a paisagem transporta cargas de histórias.

O Seridó configurado como paisagem seca é decorrente da composição que os sujeitos têm da natureza. Esta comporta lembranças, mitos e significados complexos, muito mais elaborada é então nossa contemplação da paisagem que antes “[...] de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente.

Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas”. (SCHAMA, 1996, p. 17).

Do sertão de Manoel Dantas e a patente necessidade de civilizar-se cotejamos um outro sertão, o das vivências e desejos de Juvenal Lamartine que é tecido não a partir de receitas científicas, mas da memória, do viver e rememorar uma vida rural.

Juvenal Lamartine é um cultor dos *Velhos Costumes do Sertão*, cujas letras são grafadas com as lembranças das conversas no copiar, das histórias ouvidas em noites de lua cheia, das comidas e festas da infância e primeira juventude. Juvenal narra o viver no Seridó e apresenta capítulos de uma história que se passa neste espaço. Luís da Câmara Cascudo comenta a esse respeito:

Lamartine desenhava com palavras justas o sertão de todas as épocas. O sertão de estio seco. O sertão do começo do inverno. O sertão da labuta pastoril, digamos o termo ressuscitando as gerações de rastejadores, de vaqueiros de tradição indômita, de pegadores de reses fugitivas, dessas festas também culinárias enfim esses ângulos que só podiam viver diante das testemunhas. Isto era dito com naturalidade, com aquela memória fabulosa de recordar os homens, as datas e às vezes os pormenores da própria indumentária. (CASCUDO, 1994, p. 17).

Velhos Costumes do Meu Sertão, de Juvenal Lamartine de Faria (1965) é o desenho das memórias, é a escrita de um mundo vivido e sentido em fins do século XIX e princípio do século XX, um mundo rural, do idílico, onde as vivências compõem o cenário para a escrita, que é tecida pelo ato de rememorar ícones e ações da terra e do homem do sertão seridoense.

Escreve e apresenta os currais, as casas-grandes, indumentárias, alimentação, escola, instrumentos de trabalho, relações de parentesco, hospitalidade sertaneja, desobrigas, festas de casamento, festas religiosas e populares, crendices e superstições, conversas no copiar, vaqueiros e vaquejadas, cangaceiros, morte e sepultamento; enfim, a escrita do sertão de Juvenal Lamartine é a própria escrita de si, seu corpo é o corpo da escrita, seu espaço é o espaço da escrita.

A narrativa de Juvenal Lamartine é a voz do sertanejo que, narrando os *velhos costumes de seu sertão*, compõe lugares de memória, lugares de uma memória engessada por identificações, quanto ao ser cultural preso às histórias do gado, do gentio, do senhor da fazenda, da devoção cristã, da terra dura que produz homens fortes, do ser e estar num espaço que se fecha em si mesmo, seja pela poética, pela memória sempre recorrida, seja por uma produção de uma cartografia sentimental dos desejos que, consiste no movimento de afetos e de simulação desses afetos. (ROLNIK, 1989).

O homem *do e no sertão* vive em meio a um cenário com vestes rurais, onde as casas-de-fazenda, os açudes, a caça, a pecuária adentram um primeiro ato. Juvenal Lamartine pensando os velhos costumes do seu sertão narra o viver as noites sertanejas em redes nos alpendres, as conversas, o contemplar a *mãe lua*, o alvorecer com o canto do galo e o mugido das vacas, com o leite quente bebido no curral, o fogo a lenha, as caças, as festas. (FARIA, 1965).

Ao escrever sobre suas vivências no sertão Juvenal tece contos de um espaço vívido, colorido, que tem sensibilidade, com os sentimentos aflorando a cada palavra

As transformações sociais e econômicas que se vão processando no Brasil estão alcançando os sertões mais distantes, modificando costumes e alterando hábitos [...]. Urge que fixemos, com fidelidade, de como viviam nossos antepassados, a fim de que as gerações futuras possam conhecê-los e compreender melhor a sua evolução.

Tendo nascido a mais de oitenta anos (9 de agosto de 1874), no atual município de Serra Negra, povoado por meus antepassados, posso dar o testemunho pessoal dos usos dos sertanejos seridoenses em cujo meio cresci e formei meu espírito [...]. (FARIA, 1965, p. 13).

Este trecho fora escrito quando as lembranças eram para Juvenal arquivo da memória, *flashes* de cor, quando estas só lhes apareciam pelo ato do lembrar e assim cativavam as saudades das cores cortando sua íris e constituindo imagens. Essa narrativa é de saudade do sertão de sua infância e das cores de outrora. Com tintas de saudade e de lembrança, o sertão de Juvenal é configurado e toma corpo como páginas telúricas.

O sertão configurado por Juvenal Lamartine é o de seu testemunho e para uma causa específica: guardar o sertão de outrora e o fazê-lo conhecido. Ao propor-se em dar o testemunho dos usos dos sertanejos, o autor procurava delimitar o sertão do não sertão e aproximava-o do velho e da tradição. O outro na configuração do sertão de Juvenal Lamartine era o novo, as transformações que se constituíam enquanto ameaça ao solo sertanejo.

Escrevendo para fixar o sertão, Juvenal Lamartine desejava (res)guarda-lo do novo, pois suas lembranças narradas assegurariam ao sertão a presença e o fôlego de outrora, onde a tradição não seria ameaçada pela modernidade.

Manoel Dantas e Juvenal Lamartine pensam o sertão como imagem, como tinta e conteúdo para o Seridó; é o sertão a leitura e subjetivação do espaço que estes viveram, caminharam e, posteriormente, escreveram.

O Seridó é uma cartografia de imagens, de desejos e assim neste palimpsesto de cartografias este espaço se configura a partir de recorrências, neste caso como sertão que habita cada um e que se exterioriza com a escrita. Sertão, metáfora do Seridó e cartografia de um espaço que é (de)marcado por imagens e narrativas, daí quando hoje lemos

Pedras e pedras. Luar sobre as gotas e os xiquexiques. Sertão. A figura do homem e do algodão. Caicó região do Seridó. A terra e seus contrastes. Do mais árido chão floresce o algodão mocó, fibra longa o melhor do país [...]. Homens. Homens fortes que tiram a força e perseverança das águas barrentas [...]. Do desafio da terra o homem extrai o suave milagre. A melhor carne de sol. O melhor queijo de coalho e de manteiga. Outros produtos de exportação, bens duráveis, não perecíveis: a sinceridade sertaneja inconfundível. (REDE TROPICAL apud MACÊDO, 2005, p. 165).

Percebemos nas narrativas de sertão como estas vão marcando, estriando o espaço que passa a ter sua escrita sempre atualizada. O Seridó é mais que um denominador comum, como disse Câmara Cascudo, é um texto que traz em suas linhas subjetividades, desejos e estes passam pela idéia de sertão, por isto neste capítulo destacamos o Seridó como uma configuração de sertão e como esta noção aparece na escrita dos autores Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine.

A configuração de sertão para o Seridó é parte da idéia de lugares vividos, que são também espaços imaginários. Os lugares vividos são frutos das relações tecidas entre o homem e o meio e os sentimentos de pertencimento, sentimentos que correspondem às práticas e as aspirações, estando estas relações codificadas por signos que lhes dão sentido.

Como lugar vivido o Seridó, sertão, aparece na narrativa de Oswaldo Lamartine (2001) que para justificar os estudos sobre o Seridó apresenta o fator telúrico ao escrever *É a força da terra* e prossegue dissertando acerca do sertão Seridó

[...] é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-nomem – tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos [...]. O Seridó é a terra dos meus pais. Lá irmãos, pais, avós e antepassados deixaram seus *imbigos* nos moirões das porteiras. E fui criado ouvindo páginas daquela terra e daquela gente. (FARIA, 2001, p. 10).

Assim, Oswaldo Lamartine destaca a relação social dele com o espaço e particulariza o seu sertão que é o do Seridó. O autor ainda destaca “Cada vivente tem o seu sertão [...]. Para mim o sertão é a caatinga. E o do meu bem-querer, é quando descamba ali na Serra do Doutor – Riacho do Machiche – e vai esbarrar nas barrancas do Piranhas.” (FARIA, 2001, p. 13). Ainda reforçando os limites de seu sertão Oswaldo Lamartine ressalta as saudades como propulsão aos seus escritos, por ela e com ela “aprendeu a rabiscar papéis”. A configuração do sertão de Oswaldo Lamartine é de uma cartografia sentimental.

Sobre Oswaldo Lamartine de Faria, escreveu a escritora Rachel de Queiroz (2004) que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo. No seu romance *Memorial de Maria Moura*, agradece a ele na página das dedicatórias: "A inestimável ajuda de Oswaldo Lamartine de Faria". Assim a autoria de Oswaldo Lamartine enquanto sertanejo e seridoense afeito ao calor, à bravura, à sabedoria de uma terra desafiadora e memorialista, começa a ser escrita, a ser legitimada.

Oswaldo Lamartine é um reconhecido pesquisador das coisas do Sertão, principalmente as do sertão do Seridó, no Rio Grande do Norte, sobre as quais já escreveu diversos livros e um importante dicionário — *O Vocabulário do Criatório*

Norte-Rio-Grandense, em co-autoria com Guilherme de Azevedo. Aqui nos reservamos à obra *Sertões do Seridó* que apresenta significações ao espaço seridoense, ao passo que escreve sobre o Seridó o escreve enquanto um recorte memorialístico, um fôlego de sua própria vida, de suas experiências e significações. Aqui destacamos a escrita de uma poética espacial para os limites, para as identificações do Seridó:

Não esqueço o morrer do dia com aboio de vaqueiro juntando gado. O grito da mãe-da-lua que os grandes trágicos nunca ouviram. A sombra (refrigério) do juazeiro que é o precursor do ar condicionado. Mas a sombra do trapιά ainda é mais fresca. Rapadura do Cariri. Coalhada escorrida. Queijo de coalho de leite de cabra, daqueles que rangem os dentes. Paçoca com banana de leite; música e ritmo de pilão socando paçoca. O canto da juriti que muitos tristes não ouviram. As serras azulescendo à tardinha. O chegar da boca da noite. A brisa dos alísios vinda de um quebrar de serra. O estourar da babugem. O derramar de tinta no céu na pegada do inverno. O cururu de goteira, inchado como alguns orgulhosos aqui da praça. O banho de goteira. A réstia de brecha de telha (hoje há clarabóias). O café do cigarro, da tardinha; e o de duas-mãos, da madrugada. O chamamento pro curral feito com um búzio. O espirrar do boi no mourão da porteira. O cacho de espumas na boca dos bezerros apoiados. A dor do espinho da favela [...]. O silêncio do sol do meio-dia; e que é inaudível. O rastro da marreca na água. O grito do socó que parece um acoite a se ser queimado por urtiga. Uma estrepada de xique-xique. (FARIA apud NEGREIROS, 1998, p. 03).

A obra *Sertões do Seridó* (1980) é constituída de um conjunto de ensaios publicados ao longo das décadas de 60 e 70 do século XX, que só em 1980 são reunidos sob a publicação do Centro Gráfico do Senado Federal. É, pensando pelos sertões, o Seridó que Oswaldo Lamartine constrói uma face física e cultural para o Seridó e o seridoense.

É o Seridó que aparece em narrativas quanto à gestação como espaço pela colonização, pelo caminho feito pelo gado, pelos costumes que se imbricavam e iam dando forma, cor e sentimento para a cartografia física e sentimental. Oswaldo Lamartine narra o Seridó pela face da luta, do desbravamento de uma terra *virgem* onde

[...] os brancos que lá chegaram, rompendo pelos caminhos das águas [...]. A marcha é de se imaginar, era *empalhada* a cada légua: carnes rasgadas pelas flechas do *caboclo-brabo* ou o espinho da

sarjadeira, da jurema, da macambira, da quixabeira, do juazeiro, do cardeiro ou do xiquexique [...]. (FARIA, 1980, p. 53).

A natureza, o tempo e o espaço eram tessituras de uma condição, a condição de ser sertanejo, de viver nos sertões do Seridó e ser produto e produtor de identificações em que a história é a temporalização do espaço, é o produto de uma forma de ver, sentir e narrar os sentimentos de estar no lugar, de respirá-lo e dizê-lo. Assim, Oswaldo Lamartine destaca: “A natureza foi, é de se imaginar, quem apontou ao homem o jeito de fazer durar mais, sem se estragar, as comidas de que carecia.” (FARIA, 1980, p. 60).

O espaço Seridó pintado com cores de sertão por Oswaldo Lamartine fora rabiscado à distância, por traços de saudade e sentimento telúrico. Quando perguntado por seu filho, Cassiano Aranha Lamartine, sobre o panteísmo seridoense, considerando que o tempo de moradia no Rio de Janeiro é superior umas três vezes ao vivido no sertão, Oswaldo responde: “É fácil. Troque, na sua pergunta, o verbo morar por viver. Os dias que se mora têm, rigorosamente, apenas 24 horas...” (FARIA, 2001, p. 83). Assim, Oswaldo expressa seu sentimento de que mesmo não morando no Seridó, vive o seu sertão, sente-se sertanejo, mas, de “[...] um sertão que se foi, aterrado pela ‘sifilização’.” (FARIA, 2001, p. 83).

A produção da noção de sertão de Oswaldo Lamartine é o de “um sertão de nunca mais” e isto o torna um sobrevivente que apenas vive das lembranças e da saudade

[...] como um bicho exótico protegido pelo IBAMA, testemunha [...] do sertão das casas-de-fazenda, onde o nome das fazendas se incorporava ao sobrenome do proprietário. Do sertão onde o primo do primo era parente-irmão [...]. Do sertão onde cada filho de uma família era unido aos outros por sangue e voto. Sertão das casas-de-fazenda clareadas à querozene. Sertão onde se cozinhava em panelas de barro, fogão à lenha e se bebia de jarras de cantareira. Sertão onde se acordava com o canto dos galos para quebrar o jejum com leite mungido. Sertão onde [...] se banhava nas frias águas das cacimbas e dos açudes. Sertão onde os silêncios eram quebrados pelos aboios, o zoar dos búzios, o bater dos chocalhos e das cancelas, o canto das cantadeiras dos carros-de-boi e o estalar dos chicotes dos matutos. Sertão onde se viajava em burras-de-sela engolideiras de léguas e se arranchava sob telhas amigas. Sertão onde à noitinha, depois da ceia de coalhada, se armava redes nos alpendres para ouvir dos mais velhos a crônica do passado. (FARIA, 2001, p. 83-84).

A configuração do sertão de Oswaldo é uma expressão do que habita e inspira também as configurações de Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal Lamartine, pois, esta emerge de uma cartografia sentimental, de um *espaço do eu*, espaço poético que é articulado por narrativas embebidas em lembranças e saudades.

É sempre uma configuração de espaços e tempos de outrora; é sempre um sertão Seridó passado, talvez para reafirmar a relação de suas famílias com o Seridó ou justificar que mesmo a distância — visto que, os quatro autores destacados na análise moraram apenas parte de suas infâncias e primeira juventude no Seridó e posteriormente passaram a morar na capital do Estado ou em outros Estados — o Seridó os habita e que as grandes cidades não se tornaram o outro do sertão, este seria o berço e o torrão de suas raízes.

Na narrativa de Oswaldo Lamartine, o sertão e o seu viver são um só e a cada rememorar se (de)marca enquanto um espaço singular e de outrora. É o sertão das vivências nas casas-de-fazenda e nas estradas empoeiradas, nos alpendres, caças e pescarias. É o sertão do campo, alavancado pelo gado, pela terra e pela força das relações de família; é o sertão tecido pelo viver e por uma rede de desejos de retorno ao *sertão de nunca mais*.

Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, escrevendo sobre o Seridó, configuram um sertão que é tecido pelos fios da memória, da saudade, da lembrança, é um sertão que se fecha a partir de alguns símbolos como a terra que se sedimenta pelas cercas de pedras das fazendas e o cerco das associações com as famílias.

O Seridó vestido de sertão não é único, pois cada narrativa dos autores acima citados tece vestes particulares e configuram para este espaço um sentido, partindo de um outro espaço que é o do desejo, é este — o desejo — que impulsiona a construção discursiva sobre o Seridó e assim encadeia as noções de *sertões do Seridó*.

Sertões do Seridó são, então, um conjunto de noções acerca de um espaço que vai se sedimentando. A partir desta idéia de *sertões do Seridó* não é o espaço fisiográfico — sertão — que acolhe o Seridó, mas este que em suas

possessões parece aglutinar sertões, o das narrativas que ora destacam a seca, a construção histórica do espaço, as memórias de um tempo de outrora.

O Seridó e o sertão são construções históricas que se cruzaram na tessitura do espaço de desejo de cada autor. É a (de)marcação do sertão e seus problemas escrito por Manoel Dantas que busca analisar e conjecturar formas de convívio e superação do homem com a natureza. É a narrativa histórica para o Seridó de José Augusto que traz à cena atos da produção do espaço desde a colonização e os ciclos econômicos que foram se justapondo, bem como o destaque para as personagens que estiveram ao longo da história do lugar, é construção telúrica e memorialística de Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine.

Cada um dos autores-produtores de um sertão para o Seridó é parte dessa narrativa, estão a ela ligados por fios do viver no lugar e fios das relações familiares.

Nas cartografias da escrita sobre o Seridó é o sertão que aflora, assim como a flor do xiquexique, é o sertão que dá unidade e justifica determinados posicionamentos sobre o espaço. O espaço do Seridó é o sertão, e o viver nele é um ato de superação, como destaca José Augusto:

O Seridó precisa, para ter assegurado o seu futuro, de uma ampla política que comece pelo combate às sêcas, pois a primeira coisa a assinalar é que a região seridoense é toda ela atingida pelas longas estiagens periódicas. (AUGUSTO, 1954, p. 15).

O combate às secas estava sempre na pauta do dia dos discursos de legisladores ou da imprensa do Seridó. Manoel Dantas alertava para a necessidade de se construir açudes e José Augusto e Juvenal Lamartine quando estiveram como governadores do Estado — de 1924 a 1927 e de 1928 a 1930, respectivamente — procuravam por meio de incentivos à produção cotonicultora abrasar o flagelo das secas, também amenizado por meio das políticas de socorros públicos.

Assim, o espaço do Seridó é considerado desafiador e por ele a noção de homem vai sendo produzida, pois o que habita este espaço é um espelho do lugar e de seus elementos.

Oswaldo Lamartine se identifica com o espaço e sua flora, desejando “[...] a dureza da aroeira, a floração do pau-d’arco, a sombra da oiticica, o cheiro do cumaru [...] me bastava talvez ser uma imburana [...].” (FARIA, 2001, p. 13).

O seridoense é antes de tudo um sertanejo, como destacou Manoel Dantas, e para bem viver no espaço há que se superar e sobrepor-se à natureza, mas esta discussão ficará reservada para o próximo capítulo.

O corpo do homem que vive no Seridó respirando sertão é como ele próprio. É áspero, duro, forte como a xerófila, mas é também sedoso como as fibras do algodão mocó que, do segundo quartel do século XIX, passa, juntamente com o gado, a completar o espaço dos sertões do hoje Seridó.

Este homem é produto do sertão, daí os tipos humanos que aparecem nas narrativas de nossos autores associarem homem e terra. O gado e as terras voltadas à pecuária têm o vaqueiro, o algodão e seus campos, tem o homem de fibra longa e estes homens se encontram no ato de luta e superação do viver no sertão.

O sertão é compreendido por esses autores como lugares de memória que assumiram o papel de locais de referência, depositários das lembranças do passado e dos desejos. Sertão repertório do passado e das lembranças.

Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine subjetivam e significam o vivido, suas experiências e suas texturas familiares; cada um destes autores perpassam suas publicações ao se colocarem enquanto locutores do espaço Seridó e trocam dedicatórias e referências.

Em *Seridó*, José Augusto (1954) faz um recorte espacial emergir a partir de explicações históricas, econômicas, políticas; seu Seridó é escrito e até prescrito na obra em que ele significa o espaço e oferece-o à leitura, o escreve para torná-lo vivo, apenas o seu Seridó aparece em sua obra para que deste emerja outro, pois, “[...] o próprio ato de identificar (para não dizer fotografar) o local pressupõe nossa presença e, conosco, toda a pesada bagagem cultural que carregamos.” (SCHAMA, 1996. p. 17).

“A Juvenal Lamartine, o mais profundo conhecedor e o mais vigilante defensor dos problemas que interessam ao Seridó [...] dedico estas páginas em que

reviso um pouco das tradições da terra estremecida e procuro mostrar as suas possibilidades de progresso”; com estas palavras José Augusto inicia seu livro *Seridó* e constitui o laço familiar junto ao tecer do espaço. Como defensor e arquiteto das possibilidades de *progresso* do Seridó, José Augusto escreve sua dedicatória, esboçando a relação homem e espaço.

Para os historiadores do espaço, a arquitetura dos sujeitos, suas memórias e suas considerações acerca do espaço são *discursos sobre* que produzem e pela locução constroem relatos de espaços.

José Augusto, homem de posse austera e semblante firme, enuncia e anuncia o Seridó como uma paisagem, naturalizada e marcada pelo algodão. Buscando os caminhos do progresso para o Seridó, será ele um locutor de um problema: o das secas, pois, segundo o mesmo, só resolvendo este problema teria o Seridó possibilidade de *avanço*.



Figura 05 - José Augusto Bezerra de Medeiros
Fonte: Medeiros (1980a)

O Seridó, como o *espaço do sertão*, tórrido, seco e duro, não comportaria o avanço científico, não seria palco de um futuro. Desta forma, sanar o flagelo das secas era dar à terra e ao homem as possibilidades de nela e dela viver, de ser parte da terra e dela extrair vida; o Seridó seco era a morte, mas a paisagem profícua para enunciar o discurso da necessidade.

A terra, como mãe, deveria acolher e fazer seus filhos dela viver, para tal o seridoense, segundo José Augusto (1954, p. 17), deve ser preparado “[...] para que se habilite e prepare para extrair da terra tôdas as utilidades que ela encerra e se oriente no sentido de um aproveitamento cada vez mais racional de suas riquezas.” O homem abriria fogo, declararia guerra à natureza. Em *Seridó* homem e natureza estão em constante embate, um é complemento para o outro, mas é uma convivência árdua, pedregosa, inclemente; o homem tem que tornar-se forte, imune às investidas da sólida natureza — conforme veremos no capítulo seguinte.

Dialogando com a história, José Augusto pensa a colonização do Seridó e vai configurando o espaço ao dizer “Na zona do Seridó certo e seguro é afirmar-se que todo o movimento povoador decorreu da necessidade econômica de encontrar lugar adequado à localização de fazendas de criação de gado.” (AUGUSTO, 1954, p. 24-25). A natureza novamente aparece como personagem na trama histórica do Seridó, ela é bem e mal, solução e praga, ela é,

[...] sábia e previdente, e, do mesmo passo que oferece o mal, que reside na falta de chuvas, apresenta o remédio, que está na existência de alguns vegetais que vivem, a despeito da ausência de precipitações pluviais e que servem de forragem para a criação, quando desaparecem os outros recursos. (AUGUSTO, 1954, p. 28).

A luta homem/natureza fecha o Seridó como espacialidade particular, aquela que é liga para o homem e o lugar; José Augusto escreve “Entre as regiões que formam o Rio Grande do Norte, uma há de traços bem definidos e característicos: o Seridó.” (AUGUSTO, 1954, p. 223). Os traços definem o Seridó, dão fisionomia ao seu rosto que tem nele ferrado a significação da natureza de sua produção, expressa pelo algodão mocó e sua fibra. Mas o Seridó é subjetivado e significado como:

Região descalvada, montanhosa, eriçada de pedregulhos e espinhos, sujeita ao flagelo contínuo das secas, convida o homem para o labor contínuo, para a luta áspera com os elementos da natureza e não lhe permite lazeres para a contemplação das coisas belas, de resto muito raras naquelas paragens. (AUGUSTO, 1954, p. 248).

José Augusto é mais que um seridoense escrevendo sobre o Seridó, é um homem que, como muitos outros, procura possibilidades de caminhos para enfrentar, conviver ou apenas transformar a natureza. A natureza é a marca do Seridó, por ela o homem deve aprender a viver neste espaço, compreendendo que das secas advém formas de viver particulares, do flagelo vem a bonança.

A história do Seridó para José Augusto é a história da relação social do homem com a natureza, da configuração do espaço pela prática da apropriação dos relatos dos espaços, da constituição de mapas e percursos.

A viagem por nós realizada ao Seridó escrito e prescrito por José Augusto vai terminar com uma consideração: terra e homem, natureza e técnica estão associados a um Seridó que tem um rosto enrugado pela caatinga cinzenta, pelo cristalino reluzente, pela terra rachada, pela superfície sedenta, enfim, por locuções discursivas que projetam a partir da natureza paisagens, memórias, histórias em que o homem deve estar sempre pronto para agir, a saber vencer desafios e do espaço da promessa moldá-lo ao espaço da produção.

O Seridó é um desafio, é uma textura marcada por estiagens e a enunciação mais recorrente ao longo da obra *Seridó é*: ajuda para o homem vencer a natureza, burlar suas barreiras e fazer da terra plantio de produção do algodão e do homem de finas fibras, pois, como destaca José Augusto,

A zona do Seridó [...] é tôda ela sujeita a longas estiagens, às famosas secas nordestinas, apresentando do ponto de vista da natureza, um aspecto agressivo, com as suas terras descalvadas, com vegetação pouco abundante, cujas *folhas verdes, exceção feita do juazeiro, desaparecem e caem com a ausência das chuvas.*

As terras são férozes e uma vez caindo as chuvas do céu os campos se cobrem de fôlhas verdes, de pastagens magníficas e de lavouras excelentes. (AUGUSTO, 1954, p. 273, grifo nosso).

O verde das folhas do juazeiro pode ser tomado como o veio da esperança constante de dias chuvosos, como um espaço de *resistência* frente a aridez do solo, como o depositário de força para a *luta* com a natureza. O juazeiro se configura como a raiz dos *Homen-Terra*, que assim como ele estão perseverando um futuro à comunhão com terra.

O Seridó para o autor é um desafio, mas com o gotejar das chuvas aveluda-se de um verde prazer de habitar, respirar e dizer *Seridó*, configurado como espaço sujeito às secas e terra do algodão mocó, *espaço do sertão* que está em toda parte e é vivo mesmo diante da *agressividade* da natureza. A escassez das chuvas o deixa adormecido e pálido, mas sempre vivo como o juazeiro.

O sertão é um texto e o Seridó é a narrativa deste. Os textos escritos por Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine para o Seridó potiguar, configuram o espaço com vestes de *sertão*, categoria usada recorrentemente para nomear as terras que compõem o espaço do Seridó.

Assim, o sertão pode ser tomado como metáfora do Seridó. Aqui, não buscamos descobrir um autor originário, aquele que primeiro enunciou uma *verdade*, mas, sim buscamos entender as condições que permitiram a afirmação de uma *dizibilidade* — o Seridó.

A identificação entre sertão e Seridó é uma enunciação reforçada desde o século XIX em crônicas, artigos, diversos enunciados; assim, em torno de um espaço caracterizado pela geografia foi se criando e aprofundando uma significação imaginária denominada Seridó, gerado por um discurso que institucionalizou a nomeação de um novo recorte espacial como ícone do sertão. Esse discurso historicamente vem para recobrir e para identificar um espaço e uma população como seridoenses. Cria-se pelas narrativas, um rosto, que define zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões às significações conformes. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 31).

A identificação do Seridó ao sertão deixa transparecer o jogo de interesses (de poder) subjacente a elas, onde “[...] forças telúricas surgiam de uma paisagem onde a indigência da natureza esculpia homens à semelhança de pedras sem porosidade.” (MACÊDO, 2005, p. 132).

E precisamente nesta luta pelo direito de nomear a realidade, pela legitimidade de fazer existir e pela virtude da nomeação que está empenhada a escrita dos autores aqui destacados, que buscam nomear a realidade pela mimese que dela fazem. Para construírem os relatos do espaço seridoense, apropriam-se simbolicamente dos acontecimentos do território concreto dos *sertões do Seridó*. É

uma apropriação que sabe que é preciso aprisionar a dimensão inesgotável do espaço que experimenta através da história e da memória, pois a escrita da história não é uma produção exterior àquele que fala, que pensa ou que sente, é a interface de uma escrita de si, escrita da história. (GOMES, 2004).

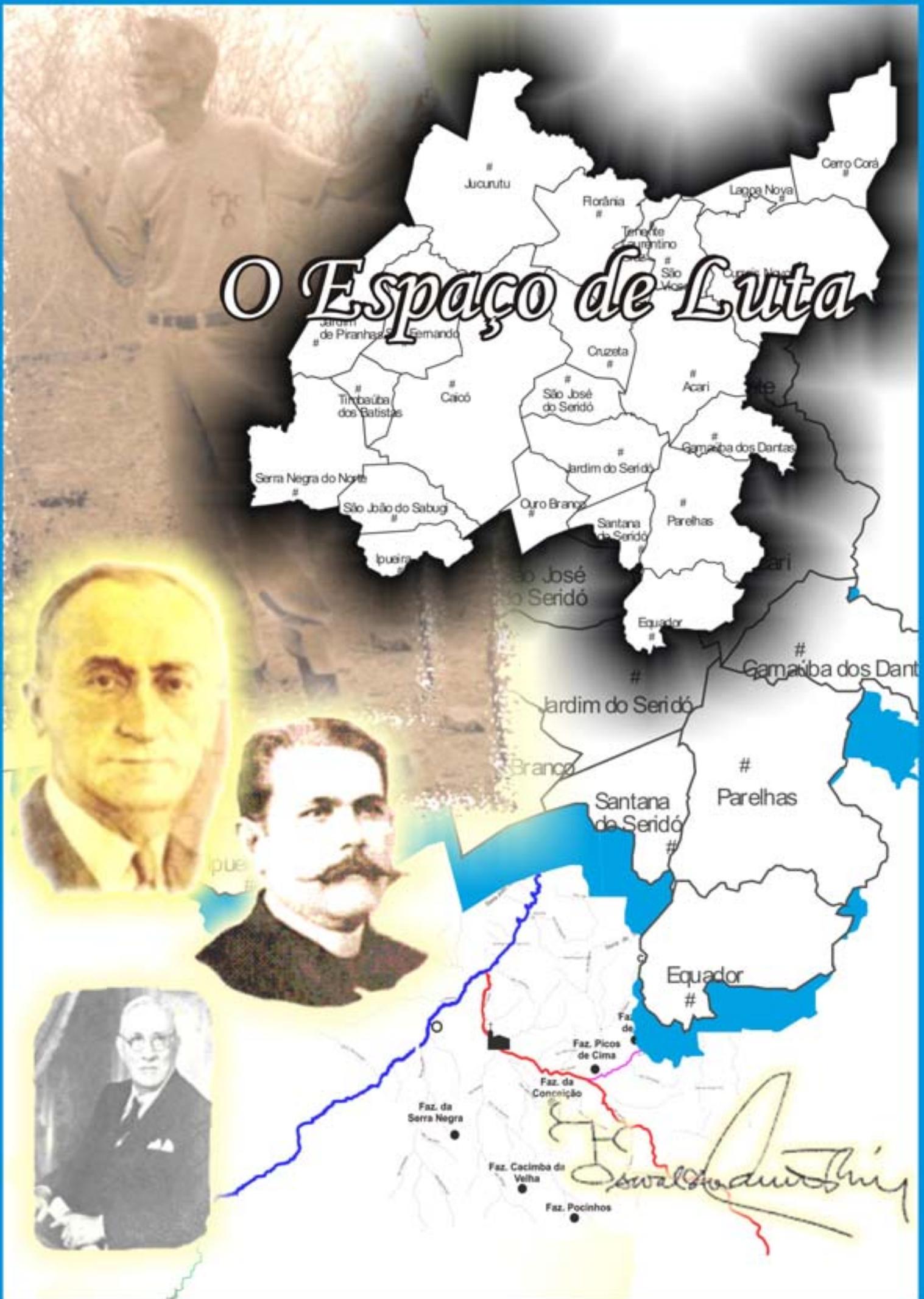
Uma relação concreta dos autores e o espaço como forma de uma existência e seus destinos é que os conduz a um redespertar para a história. Instala-se nesse (re)encontro simbólico, um processo de urdidura dos laços mais profundos dos autores com o Seridó, porque o ambiente material também está impregnado de passado e de acontecimentos significativos; o que parece que guarda o sertão seridoense como herança de suas experiências diretas com o meio ambiente, e as múltiplas imagens sobre esse mundo já então interiorizados numa dimensão mental.

O Seridó narrado como sertão por Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constitui-se como narrativa telúrica que envolve seus relatos de espaço por um sentimento de pertença e de apresentação mítica, sendo a importância da narrativa enfatizada para a construção da noção de tempo e espaço. (RICOUER, 1997). Percebemos que os elos genealógicos que fecham estes autores em um corpo familiar e é a partir deste que escrevem um Seridó. Desta forma, as narrativas sobre o Seridó expressam uma continuidade dos homens e da terra.

O Seridó é um texto narrado a partir do sertão, que é árido, cinzento, de terra rachada e sol escaldante, que assim vai se constituir como o *espaço da promessa*. (MACÊDO, 2005).

O Seridó como *espaço sertão* se configura como uma das possibilidades de visibilidade para as narrativas de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine. Uma outra configuração produzida e passível de análise acerca do Seridó é a de um *espaço de luta* em que homem e natureza expressam-se como elementos narrativos. Vejamos esta configuração no capítulo seguinte.

O Espaço de Luta



Neste capítulo objetivamos discutir a relação entre homem e natureza a partir da historiografia seridoense. Para pensarmos esta relação destacamos a configuração de um *espaço de luta*, do embate travado do homem para com o meio.

Para o estudo do Seridó como o *espaço de luta*, destacamos uma leitura acerca do ambiente, sua paisagem e natureza que configuram limites para o Seridó. Assim, ressaltamos uma face da história, a ambiental, para entendermos como homem e natureza são subjetivados, significados pelos autores estudados.

Worster (1991) destaca a história ambiental como decorrente do esforço revisionista da história e sua busca para tornar a disciplina muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Assim,

[...] a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e 'super-natural', de que as conseqüências ecológicas dos seus feitos passados podem ser ignoradas. (WORSTER, 1991, p. 199).

Analisar nesta perspectiva, no que se refere ao Seridó como *espaço de luta*, é buscar compreender como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados.

Neste sentido, focalizar um recorte espacial com alguma homogeneidade é destacar um cenário fisicamente circunscrito, com áreas específicas. O Seridó é entendido nesta dissertação como uma dessas áreas específicas, que tem sua configuração atrelada a um conjunto discursivo.

Um campo importante da história ambiental é o estudo dos valores humanos atribuídos à natureza. (DRUMMOND, 1991, p. 190). Desta forma, analisar o Seridó na interface do homem e da natureza é atentar para a construção do espaço concreto do Seridó, destacando a sua natureza, percebendo como o homem e suas ações deram limites físicos e sentimentais ao Seridó potiguar.

Segundo Worster (1991, p. 203), há um consenso de que natureza designa o mundo não-humano, o mundo que não criamos originalmente e, o *ambiente social*, o cenário no qual os humanos interagem uns com os outros na ausência da natureza, fica, portanto excluído. Excluído também fica o ambiente

construído ou fabricado, aquele conjunto de iniciativas materiais feitas pelos homens e que podem ser tão ubíquas a ponto de formar em torno deles uma espécie de *segunda natureza*. Acerca desta discussão, podemos considerar que:

[...] conquanto estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõe-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rochas. (SCHAMA, 1996, p. 16-17).

Assim, a configuração dos espaços é paisagem e percepção, é uma fronteira entre o concreto e o sentimento. (D)escrever a flora com cores cinzentas, galhos secos e retorcidos, é um ato de perceber o entorno, de atribuir sentidos. Desta forma, o Seridó ao passo que tem (d)escrito o seu espaço é configurado na fronteira entre o dizível e o sensível.

A paisagem enquanto configuração humana, tessitura de lembranças e cascalhos de rocha, veios de água e poeira, é uma produção intelectual, uma moldura pela qual a contemplamos. Para Casgrove,

A paisagem [...] é 'uma maneira de ver', uma maneira de compor e harmonizar o mundo urbano externo em uma 'cena', em uma unidade visual. A palavra surgiu no Renascimento para indicar uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente. (CASGROVE, 1998, p. 98).

A paisagem como indicador das relações entre os homens e o ambiente é uma produção dos sentidos pensados. Configuraram-se para o Seridó páginas e paisagens em que o espaço é envolvido pelas secas e o homem é instigado a conviver, vencer as intempéries do espaço.

Perceber como homem e natureza são ilustrados e articulados no discurso historiográfico sobre o Seridó é também perceber como as paisagens foram sendo escritas para o espaço. Lembramos que esta é uma história dos espaços e que esta passa por campos como o da subjetividade.

O Seridó e sua natureza, seu espaço como produto de uma luta do homem com a natureza é projeto das mentes, dos desejos dos sujeitos que viveram e enquadraram paisagens ao espaço. A paisagem é configuração, é criação, pois, “[...] é a cultura, a convenção e a cognição que formam esse desenho; que conferem a uma impressão retiniana a qualidade que experimentamos como beleza.” (SCHAMA, 1996, p. 22).

Destacar a paisagem enquanto configuração é perceber que esta é um texto em que as gerações escrevem suas obsessões recorrentes. (SCHAMA, 1996). Ler obras como *Homens de Outrora*, *Seridó*, *Velhos Costumes do meu Sertão* e *Sertões do Seridó* é deparar-se com uma moldura da paisagem que é ilustrada por terra e homem em disputa. Essa disputa é narrada a partir do depósito de memórias, de vivências, de anseios para a terra e o homem. Assim,

Paisagem é cultura antes de ser natureza; um constructo da imaginação projetado sobre mata, água, rocha [...]. No entanto, cabe também reconhecer que, quando uma determinada idéia de paisagem, um mito, uma visão, se forma num lugar concreto, ela mistura categorias, torna as metáforas mais reais que seus referentes, torna-se de fato parte do cenário. (SCHAMA, 1996, p. 70).

Como constructo projetado sobre terra, água e rocha, o Seridó árido e seco é visto como cenário, como pintura para o espaço que é retocada, narrada, rerepresentada tornando-se, como disse Shama, um lugar concreto, um cenário.

Assim, ao passo que o discurso sobre a relação homem e natureza emerge na narrativa de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine há a produção de atos para a configuração do rosto Seridó. Este rosto é marcado pelas subjetividades da noção de sertão e sertanejo, como também pela produção de um espaço de luta que é a natureza. Assim, pela natureza é gestado o espaço de luta: o Seridó.

O Seridó pensado como espaço de luta é o da natureza, é o da paisagem que, como cenário desafia a presença e a convivência do homem. É o palco da encenação dos atos, dos combates entre homem e natureza. Mesmo o *Homem-Terra* que pensa o espaço a partir de identificações, de afetivações é provocado a com ela duelar, é o duelo não do mais forte, mas da produção de meios viáveis á superação de desafios..

O Seridó como *espaço de luta* do homem e da terra é então um impasse presente nos escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine, estes voltando suas atenções para tal questão estão escrevendo, refletindo sobre a vida, um tempo passado, mas também presente e futuro.

A história do Seridó presente nas narrativas desses autores, é uma história da natureza e da relação dos homens com a mesma. Quando Manoel Dantas discute a vida sertaneja, o problema das secas está pensando como o sertão está em toda parte, em cada vivente, como um espaço marcado pela prática da pecuária haveria de utilizar a técnica para possibilitar o *progresso*.

Ao escrever sobre as características econômicas do Seridó, José Augusto historiciza os usos do espaço, pensando este como um grande palimpsesto com marcas de uma colonização pela pecuária e a bravura dos vaqueiros, do cultivo do algodão e os acenos de *progresso econômico*. A natureza corta a narrativa de José Augusto, é uma constante que está ditando formas de pensar e agir sobre o espaço.

A paisagem de sertão é configurada na narrativa de Juvenal Lamartine, sua natureza tem o homem como o sujeito modelador ou aquele que a transforma. Lembremos que Juvenal Lamartine escreve sobre o seu sertão, o das fazendas, das casas-grandes e conversas no copiar, sendo o homem o desbravador, aquele que montou fazendas, que fixou o gado e o homem no sertão, que produzia espaços com suas práticas. Juvenal sabia que a natureza não era fixa e que o homem era um dos agentes construtores de novas naturezas. Escrevendo sobre seu sertão parecia querer engessar suas memórias ou talvez mostrar que os homens e a natureza não podem esconder-se da *flecha do tempo*.

Oswaldo Lamartine coloca-se como o locutor do *sertão de nunca mais*, de práticas como a caça, a pesca e a conservação de alimentos. O homem é sempre um interventor junto à natureza e suas possibilidades. A natureza dos *sertões do Seridó* é a da paisagem da caatinga como a ilustração de Percy Lau⁹ utilizada como imagem de capa do livro *Sertões do Seridó* de Oswaldo Lamartine.

⁹ Percy Lau nasceu no Peru, em 1903, mas passou a maior parte de sua vida no Brasil, onde fez carreira como desenhista e ilustrador. Em 1939, publicou vários desenhos, que fazem parte de uma visão iconográfica do Brasil na série *Tipos e Aspectos do Brasil*, em seção da *Revista Brasileira de Geografia*. (SALGUEIRO, 2005).

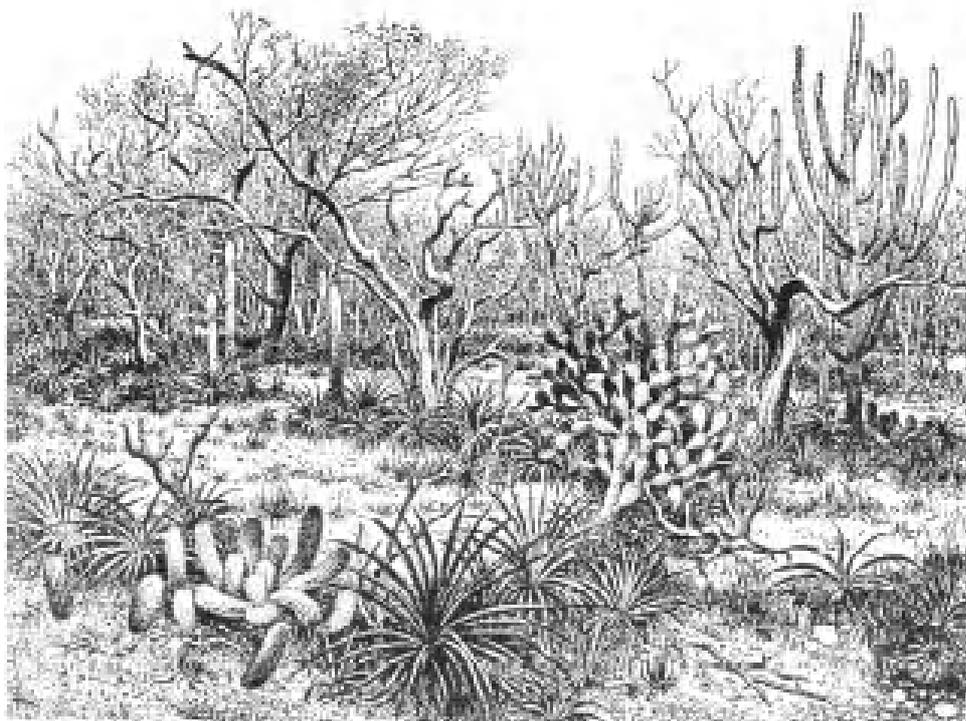


Figura 06 – Caatinga. Bico de pena de Percy Lau para *Tipos e aspectos do Brasil*.
 Fonte: Acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

Sendo a caatinga uma vegetação de regiões secas, típica do clima semi-árido nordestino. Esta se caracteriza por plantas xerófilas (adaptadas à aridez), principalmente cactáceas como o xiquexique, o mandacaru, o faveiro e por arbustos de pouca folhagem com caule retorcido e pouca vegetação rasteira. (VESENTINI, 1994). A caatinga pintada por Percy Lau emoldurou a narrativa de Oswaldo Lamartine, em que o Seridó é composto por sertões.

As narrativas acerca da natureza do Seridó envolvem o viver e o sentir e, nesta direção, Whitehead (1994) diz que as pessoas detêm um sentido geral das relações espaciais, pois os sentidos humanos contam com seu próprio corpo de entidades. Considera-se que cada uma dessas entidades é conhecida como um termo relacional num sistema geral de relações espaciais. Segundo o autor:

A natureza é aquilo que observamos pela percepção obtida através dos sentidos. Nessa percepção sensível, estamos cômnicos de algo que não é pensamento e que é contido em si mesmo com relação ao pensamento. Essa propriedade de ser auto-contido com relação ao pensamento está na base da ciência natural. Significa que a natureza pode ser concebida como um sistema fechado cujas relações mútuas prescindem da expressão de fato e do que se pensa acerca das mesmas. (WHITEHEAD, 1994. p. 64).

Para este autor, como visto na citação anterior, as percepções e sensações espaciais passam pela ordem do sensível e Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine têm suas narrativas embebidas por suas percepções, sendo estas cortadas pelas linhas de um embate passado, de uma questão de seus presentes e uma preocupação futura.

Manoel Dantas, *contou histórias* do Seridó potiguar — o sertão da ainda Província do Rio Grande do Norte, como destaca o autor em *Homens de Outrora*. Escreveu sobre os sertões, a vida sertaneja, as secas como problemas. Estes temas que cortavam sua narrativa delimitavam o seu Seridó, que pelas preocupações no presente buscava prover um futuro.

Lembremos que, Manoel Dantas cantou a seca como principal problema do espaço seridoense e neste sentido, o sertão é composto por ele como o principal cenário espacial que, era pincelado por sua percepção quanto a natureza e sua paisagem de galhos retorcidos e secos. Era a caatinga que ilustrava a escrita de sertão de Manoel Dantas.

O Seridó escolhido por Manoel Dantas à narrativa fora o dos *Homens de Outrora*, o de um habitat que formava e definia homens singulares, com sua *vida sertaneja* cravada entre um passado e um futuro, o presente era o *espaço de luta*, era sempre infindável disputa pela sobrevivência frente à natureza.

O Seridó como espaço de análise para Manoel Dantas é a borda de sua função de autor, pois ele o definia como recorte para estudo, e colocava-o sob lentes da história, da geografia e do social. Marcava para si o lugar de autoria sobre o Seridó, o seu Seridó sertão, onde ciência e técnica estavam em pauta. Assim, o autor escreve referindo-se as interpretações e estudos:

É por isso que entendi abrir esta série de estudos [O Problema das Secas] nos quaes discutirei, *sob a responsabilidade do meu nome*, várias questões referentes às secas, dizendo o que tenho visto e observado, desde 1877, chamando sobre o assunto a atenção dos competentes, visando somente trazer meu pequeno e desvalioso contingente para a solução do magno problema. (DANTAS, 1941, p. 113, grifo nosso).

Manoel Dantas enfatiza o seu lugar de autor neste texto, ao dizer que sob a responsabilidade de seu nome escreve e, neste sentido, ainda reforça sua autoria quando destaca suas observações e vivências, enquanto referências às discussões sobre as secas.

Conforme Abreu (1988), os bacharéis formados pela Faculdade de Direito do Recife eram propensos às problemáticas sociais, eram sujeitos do conhecimento como Manoel Dantas, que construiu seu lugar de autoria pensando temas como as secas, a tradição, a geografia. O Seridó de Manoel Dantas não está imune ao conjunto de saberes que compuseram sua formação enquanto bacharel em Direito no Recife.

O determinismo geográfico e a leitura do espaço constituem-se enquanto marca às narrativas de Manoel Dantas que se destaca junto ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN) como representante do Estado em congressos brasileiros de Geografia, como o realizado em Salvador, em 1915. Neste congresso Manoel Dantas apresentou um ensaio corográfico sobre o Rio Grande do Norte.

As leituras do espaço passam pelo desejo de corrigir a natureza e aperfeiçoar o homem pelo *progresso* e pela *técnica*, desta forma, conforme lembra Schwarcz (1995), o Brasil no final do século XIX apresentava-se como uma sociedade científica e moderna, com confiança na inevitabilidade do progresso e da civilização, que predominava a busca por uma visão laica do mundo. Manoel Dantas, neste contexto, aproximava-se do social-darwinismo, de Haeckel e Spencer, conforme deixamos evidente no segundo capítulo deste trabalho.

Propunha Manoel Dantas que deveríamos conhecer o interior do nosso habitat para que o *desenvolvimento* seja empreendido. Seguindo este raciocínio de inspiração no social-darwinismo, Manoel Dantas irá refletir sobre a vida sertaneja, como pode ser percebido em trechos como este:

É preciso acentuar o que somos e o que podemos ser, para que quando esclarecidos e resolvidos os problemas que se antepõem à nossa marcha progressiva, possamos enveredar com segurança por uma estrada larga, sem óbices que atrapalhem o nosso passo. (DANTAS, 1996, p. 04).

O conhecimento do passado e do presente indicaria a marcha do futuro. Assim compreendendo o que Manoel Dantas vai escrever sobre o Seridó, pensando-o como um conjunto de possibilidades e será, natureza o grande eixo de suas discussões.

A natureza é pensada a partir das práticas dos homens. A *marcha do progresso* seria o próprio aproveitamento das forças da natureza e desta forma Manoel Dantas escolhe o problema das secas como objeto da natureza para pensar o espaço.

As secas são abordadas por Manoel Dantas como *crises climáticas*, rugas no tempo e prejuízos para o espaço, são fenômenos naturais, mas a solução destes não se daria apenas com a intervenção divina e as chuvas. A ciência seria capaz de com sua dinâmica neutralizar os efeitos das *crises climáticas*. O uso da ciência representaria o tempo do trabalho e a espera por este tempo é sinônimo de *fé no futuro*. (DANTAS, 1941).

Buscando conhecer o problema das secas para aventar soluções, Manoel Dantas questiona-se acerca destas e cita Southey, que considera ser os ventos alísios os causadores das secas, mas ainda ressalta que “[...] falta-me base sólida para [...] me embrenhar neste aspecto do problema. Falando, porém com a experiência dos fatos tudo leva a crer que a opinião de Southey é verdadeira.” (DANTAS, 1941, p. 113).

Manoel Dantas sintetiza a explicação para as secas: “[...] a seca é determinada pela influência de uma corrente aérea que varre os vapores úmidos acumulados na atmosfera, impedindo a condensação, que se derrama em chuva bemfazeja.” (DANTAS, 1941, p. 114). Ao explicar a seca, Manoel Dantas está procurando conhecer o problema, que, segundo ele estaria aquém de ações humanas, pois era produto da natureza, segundo ele um *fenômeno meteorológico*, hipótese reforçada pela periodicidade das secas. A luta contra as secas não seria contra o seu fim, no entanto,

[...] tudo quanto se faça para acabar com a seca será inútil, porque não se mudam as leis da natureza, o melhor é aceitarmos o fenômeno como peculiar ao solo e tratarmos de aproveitar os meios naturalmente indicados para prevenir os seus efeitos. (DANTAS, 1941, p. 115).

A idéia da natureza e suas leis são configuradas por Manoel Dantas como estando além das práticas de ação e intervenção do homem. No conjunto de leis da natureza, a ação humana estaria no permitido, este permitido seria o usufruto desta aliada à técnica e à ciência como possibilidades de atenuar os efeitos de fenômenos como a seca.

Um exemplo deste permitido, seria a utilização de características do solo no Seridó para a construção de barragens, pois um solo cortado por pequenas colinas ao longo de rios e riachos propiciava a formação de bacias e gargantas, possibilitando a construção de açudes e barragens.

O problema das secas, diante das *leis da natureza*, consistiria em tornar a resistência a este fenômeno efetiva, em que mesmo declarada a seca o homem e seu esforço inteligente dispusessem de todos os meios de resistência. Neste cenário, o progresso e a cidade são considerados por Manoel Dantas como o *outro* das secas, que guardariam prosperidade e bem estar, os quais as secas não destruiriam. Assim, Manoel Dantas associando as cidades ao progresso estaria depositando nas cidades a esperança para os sertões. Vejamos como ele narra esta relação:

Nesses tempos provindouros, quando a cidade — berço de meus filhos, onde creio que para sempre elegi meu domicílio, — empunhar orgulhosamente o céptro da grandeza e do progresso, alenta-me a esperança que a terra sertaneja — berço da minha infância e túmulo de meus antepassados — terá atingido esse grão de prosperidade e bem estar que as secas não destruirão. (DANTAS, 1941, p. 153).

Debruçando-se sobre a paisagem do Seridó, Manoel Dantas considera que o trabalho e a indústria dominam os *segredos da natureza*. O trabalho como força física e atividade material estaria associado à indústria que seria o pensamento, a atividade intelectual e a força psíquica.

Os *segredos da natureza* seriam dominados pelo operário, o homem que age sobre a natureza e aplica a indústria ao trabalho, fazendo suas ações primeiro pensamento e depois atividade material. Foi desta forma que a partir da seca de 1877, Manoel Dantas destaca meios de resistência que, surgem como o efeito moral

produzido no espírito do sertanejo pela certeza que adquiriu de ser possível resistir ao flagelo.

Um dos exemplos dos meios de resistência provenientes da experiência com a seca de 1877, lembrado por Manoel Dantas é que o burro passou a ser utilizado em maior escala, vindo a contribuir com sua força de trabalho para o desenvolvimento comercial.

A utilização dos produtos provenientes do leite e da agricultura como rendas, são considerados formas de resistência surgidas com a seca de 1877. Além dessas, Manoel Dantas privilegia o algodão que, “Até 1877, cultivava-se o algodão, mas em pequena escala [...] o algodão [a partir daí] é considerado [...] quase um bem de raiz, produzindo sempre alguma coisa, até em épocas de seca.” (DANTAS, 1941, p. 123).

A natureza e suas *leis* e *segredos* são para Manoel Dantas os desafios do homem que, apenas com trabalho e indústria são capazes de dominá-la. Este domínio consistia em vencer desafios, em prover resistência frente fenômenos com a seca.

A seca, a resistência, a ciência e a técnica expressam na narrativa de Manoel Dantas elementos constitutivos da configuração do *espaço de luta*. Este é abordado com os limites da natureza onde a intervenção humana é um componente que dá novos arranjos ao espaço, mas não afeta o conjunto de *leis da natureza*.

O Seridó é configurado como espaço da seca, da superação, onde o sertanejo, assim como a terra é um caminho de possibilidades. Daí, Manoel Dantas atentar para a ciência e a educação na vida sertaneja, pois estes componentes dariam aos homens e ao espaço a *fé no futuro*.

José Augusto Bezerra de Medeiros elegeu o Seridó como objeto de análise. Em 1954, publicou o livro *Seridó* e se propôs a pensar a história deste espaço. Teria ele inventado o Seridó?

Problema de difícil resposta, mas José Augusto já atentava para a relação dos homens com aquele espaço, já alertava para um dado sentimento de pertença que está em suas análises sobre a história e a economia do Seridó, bem como em

suas justificativas quando pensa em sujeitos como Manoel Dantas, Amaro Cavalcante, Juvenal Lamartine. Entre estes, o apego ao Seridó é sempre destacado.

E o próprio viver no Seridó é estar em luta com o espaço, lutando com a seca, a aridez, de uma exigência de novos mecanismos para amenizar a erosão da natureza frente o homem. Neste sentido, José Augusto escreve:

[...] o Seridó precisa, para ter assegurado o seu futuro de bem-estar e prosperidade de uma ampla política que abranja, além de uma obra educacional e sanitária, que dê às suas gerações novo vigor físico, mental e moral cada vez maior, os seguintes pontos essenciais:

- a) defesa permanente de sua classe de algodão de fibra nobre;
- b) emprêgo generalizado da máquina e dos modernos processos culturais no trato das suas lavouras;
- c) construção de açudes de todos os tipos, para armazenar a água que cai dos céus nas épocas das chuvas torrenciais, e que falta nos períodos das longas e constantes estiagens;
- d) canais de irrigação para utilizar essas águas, levando-as a assegurar a produtividade constante das fertilíssimas terras que são as daquela região;
- e) conclusão da Estrada de Ferro Central do Rio Grande do Norte, que precisa levar os seus trilhos [...] até as plagas seridoenses;
- f) pesquisas sistematizadas dos recursos minerais da região e industrialização local dos que forem suscetíveis dessa industrialização; e
- g) desenvolvimento do crédito agro-pecuário para auxiliar a iniciativa particular a vencer as constantes crises determinadas pela ausência de produção regional nos períodos de longas estiagens. (AUGUSTO, 1954, p. 87-88).

Estas são prescrições de José Augusto para que a natureza seja explorada e moldada. A natureza é uma face do espaço, mas, este é passível de novas reconfigurações. Isto está no entendimento de que a natureza (de)marca o espaço e o homem.

Higienizar e educar crianças, jovens e adultos são destacados por José Augusto como políticas necessárias ao Seridó, para que este tenha o seu futuro assegurado. O autor ainda destacara que “[...] teremos de nos voltar para os problemas sanitários, dando aos habitantes daquela zona o fortalecimento físico de que têm necessidade para enfrentar a rude luta com a natureza [...]” (AUGUSTO, 1954. p. 18).

Quando escreve sobre os problemas sanitários do Seridó, no livro *Seridó*, José Augusto (1954) mostra que aquele espaço tem condições favoráveis, pois como uma região seca não era propícia nem à verminose e nem ao paludismo. Lembra ainda que no período que assumira o cargo de Governador do Estado instalou o Hospital do Seridó, na cidade de Caicó, em 1926, e como fruto de sua política voltada à higiene e saúde, em 1927, o Rio grande do Norte era lembrado como o Estado que mais recurso destinava às questões sanitárias.

Após os cuidados com a saúde e o higienismo, que proporcionariam ao homem seridoense força física, algumas ações necessitariam tomar corpo. A primeira seria defender o algodão mocó, cuidar para que esta espécie de *fibra nobre* continuasse como produto de expressão econômica capaz de prover recursos ao Seridó e torná-lo um espaço identificado com o do algodão mocó.

Uma das ações conferidas com relação à guarda e incentivo ao algodão fora a criação de estações experimentais, em benefício à seleção do algodão mocó. Em 1924, foi instalada na Fazenda Bulhão, município de Acari, uma estação experimental, subordinada à Superintendência do Serviço de Algodão. Em 1929, visando a melhoria das instalações para as pesquisas de melhoramento de sementes e cultura do algodão de fibra longa, o então Senador da República, José Augusto, providencia a implantação da Estação Experimental de Algodão do Seridó às margens do açude Cruzeta, município de Acari (RN). Proteger o algodão e sua fibra era uma *luta* travada pelos homens consigo próprios e com a natureza.

A Estação Experimental de Algodão do Seridó teria como principais funções:

[...] 1) trabalhos de melhoramento do algodoeiro mocó, visando a produção de tipos que reúnam características de alta produção, resistências às condições ambientes, aliadas as boas qualidades industriais da fibra, – tais como comprimento, resistência, uniformidade, etc; 2) trabalhos experimentais sobre as práticas culturais mais aconselháveis para a cultura do referido algodão.

Paralelamente a êstes trabalhos tem a Estação conduzido culturas de multiplicação do algodoeiro mocó, visando a produção de sementes das linhagens que melhor comportamento revelaram nos experimentos de competição. (AUGUSTO, 1954. p. 47).

O algodão sendo foco para ações de defesa e melhoramento do Seridó em termos produtivos está presente na narrativa de *luta* de José Augusto. Este também destaca um outro ponto que requer olhares, é o problema das secas. Para prover o futuro do Seridó, a água haveria de ser armazenada e distribuída com engenho. A construção de açudes e os desejos de implementar projetos de irrigação emergem como pontos de atuação para a configuração de um futuro para o Seridó e da luta do *político e do educador*¹⁰ José Augusto Bezerra de Medeiros.

O presente e as vivências cortam as considerações de José Augusto acerca do Seridó e a natureza está contida nestas, pois quando destaca a relevância de reter a água das chuvas, de possibilitar uma irrigação destas águas e de *melhorar* a qualidade do algodão mocó, José Augusto está configurando novas paisagens de luta para o Seridó, no qual a ação do homem é a engrenagem para as formas do espaço.

Pensando a saúde e o higienismo, o algodão e o aumento produtivo e da espécie, possibilidades do Seridó tornar-se cada vez mais apto a conviver com as estiagens, José Augusto está abordando a relação do homem com o espaço, pensando este homem como produtor e transformador de paisagens e o espaço como produto da relação entre sujeitos e suas terras, sendo um próprio *espaço de luta*.

Este *espaço de luta* do homem com a natureza, é produzido a partir de uma rede de enunciados antônimos. É a seca versus a chuva, o algodão mocó versus a hibridação de sementes, o mundo da tradição versus a modernidade e tudo isso tem como saldo o molde para o Seridó e seu espaço e homem. Jose Augusto pontua esta *luta* no espaço escrevendo:

[...] não há mal de que se possa tirar algum bem, também surge ali, um e precioso — é a força indomável do caráter do povo, é a resistência sem par dos seus habitantes.

O *seridoense*, o que nasce, vive e resta naquelas paragens castigadas pelo sol e pelo flagelo secular, é *um forte* e se agita e luta e consegue vencer todos os obstáculos.

Na luta contra os elementos adversos, que a natureza lhe oferece, aprimora e requinta as suas qualidades morais e também as

¹⁰ Para maiores informações acerca de José Augusto Bezerra de Medeiros e suas práticas enquanto político e educador ver *José Augusto Bezerra de Medeiros: político e educador militante*, de Marta Maria de Araújo (1998).

intelectuais, e eis por que não raro são os exemplares humanos naquelas plagas nascidos e criados que chegaram a situações culminantes nos ramos de atividade a que se dedicaram. (MEDEIROS, 1974, p. 270, grifo nosso).

A *luta* entre o homem e a natureza configura não só as percepções do espaço, mas também o próprio homem que leva a ser enunciado como forte, resistente, vencedor por si só pela condição de *ser seridoense*. São os desafios da natureza que produz protótipos de sujeitos telúricos e de destacadas capacidades intelectuais.

Euclides da Cunha (1984, p. 51) escreveu: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” Teria José Augusto tomado esta definição do sertanejo quando escreve sobre o seridoense? O certo é que o seridoense, tal qual o tipo sertanejo narrado em *Os Sertões* é forte e tem sob a cabeça a *ameaça perene do sol*, bem como, a relação próxima e cúmplice do homem com a natureza.

Também narrou Euclides da Cunha (1984, p. 53), a relação do homem com a natureza: “Viver é adaptar-se. Ela [a natureza] talhou-o à sua imagem [...]” E, associando o homem à terra, José Augusto enfatiza a *luta* contra a natureza como definidora das características dos sujeitos e, ainda, destaca a construção de um estatuto de relevância para o Seridó a partir da noção de um lugar particular, que o homem é como um arbusto, parte da vegetação, que cresce a imagem e semelhança da terra. Assim,

Na vida social, política e econômica do estado do Rio Grande do Norte, a região seridoense tem ocupado sempre papel de relevo e saliência, fornecendo por vezes alguns filhos ilustres para a sua direção e contribuindo continuamente com a sua produção para o fortalecimento da riqueza coletiva. (AUGUSTO, 1948, p. 59).

Seridó como produtor de riquezas onde o homem e a natureza se encerram em um só mundo e são coeficientes de uma operação que parte da sensibilidade e associa representações e prática com a natureza.

No sentido de como os homens pensam e se relacionam com a natureza, Keith Thomas, no livro *O Homem e o mundo Natural*, aborda as mudanças de atitude do homem em relação às plantas e aos animais e destaca que no período

moderno, o predomínio do homem sobre a natureza seria a meta incontestada do esforço humano, mas, por volta de 1800, tal intento já não estava imune à controvérsias, pois surgiam dúvidas e hesitações sobre o lugar do homem na natureza e o seu relacionamento com outras espécies. (THOMAS, 1988).

A relação do homem com o mundo natural é escrita por sensibilidades e suas atribuições de sentidos. A natureza do Seridó é um próprio rosto produzido pela escrita da história de homens que respiraram, viveram, palmilharam o Seridó tornado espaço narrativo e afetivo.

Daí, pois, a face recorrente da *luta* entre homem e natureza ser, para esta historiografia analisada, produzida a partir de algumas paisagens como: o espaço e o povoamento, o gado e a colonização, as famílias, o algodão e a fixação do homem ao espaço e o entendimento de uma superação da terra pela técnica.

Assim, como o sertão-Seridó, há uma natureza-Seridó. É a da seca, da pedra, do desafio ao uso da terra. Esta natureza vai sendo pensada no contra-passo das intervenções e ações de homens e mulheres, que é exposta às exigências de uma ordenação de um espaço que é narrado como *bruto*, como destaca José Augusto ao pensar o espaço e o fenômeno das secas:

O Seridó tem a totalidade do seu território sujeito a secas periódicas. Nos períodos das longas estiagens os criadores de gado sofrem prejuízos imensos, vendo os seus rebanhos dizimados ou exterminados. (AUGUSTO, 1954, p. 21).

O espaço é, então, pela narrativa, passível de rearranjos. Este espaço pela mão do homem poderia ser uma extensão humana, servir aos seus anseios, ser plantel de sonhos e viabilidade econômica.

O Seridó é produzido como rosto-espaço que pela subjetividade e significância vai ganhando forma, delimitações, marcas, explicações. São estas explicações que tecem as formas do rosto Seridó, sendo estas expressas por reterritorializações.

É pensando a colonização e o povoamento do espaço que o gado e as famílias emergem como componentes de uma trama, como marcas de um rosto-espaço Seridó que é reterritorializado nas significações daí decorrentes — espaço

sertão. O gado passa a símbolo da colonização, as famílias que acompanhavam o gado e primeiro se fixaram ao espaço demarcado hoje como Seridó passam a troncos genealógicos e limites do mesmo.

Juvenal Lamartine, narrador de um Seridó Sertão, é vivente deste espaço, pois ao passo que configura os *velhos costumes do sertão* está produzindo uma história dos espaços onde a memória é a tinta para sua escrita.

Com fragmentos de memória, Juvenal Lamartine põe-se a pensar os componentes do Seridó, dentre estes elementos é a natureza que contém os fios para a terra, o homem e o viver deste no *sertão*.

O Seridó como marca ao *espaço do eu* em Juvenal Lamartine está em suas análises enquanto político, como podemos perceber em seus discursos em defesa do algodão mocó ou relatando o problema das secas, não só no Seridó como em todo o nordeste brasileiro.

Juvenal Lamartine fez parte de diversas instituições como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, a Academia Norte-rio-grandense de Letras e o Rotary Club. Colaborando com a imprensa do Natal publicou séries como a *Velhos Costumes do Meu Sertão*, em 1954, que no ano de 1965 tornou-se livro com o mesmo título.

Velhos Costumes do Meu Sertão foi uma publicação póstuma — no formato de livro — onde Juvenal Lamartine escreve sobre o seu sertão privilegiando espaços diversos. São os espaços privados, os festivos, o educacional, o familiar que compõem os sertões deste seridoense. Estes sertões têm a natureza como componente, ela está nos *causos*, na narrativa sobre a alimentação, o trabalho, os currais e outros temas, ficando o *espaço de luta* reservado, principalmente, para a relação do homem com a memória. Por isso, logo no início do livro Juvenal Lamartine enfatizar que escreve para guardar os *velhos costumes do sertão*.

A natureza em Juvenal Lamartine é configurada a partir da noção de espaço transformado pelo homem. Ela seria envolvida pelo gesso da tradição, daí o autor evocar a necessidade de escrever sobre o *sertão de outrora* para fixar um espaço vivido.

Com os fios da memória, Juvenal escreve sobre o *seu sertão* que passa pelo entendimento de que os espaços são construídos. Vejamos como ele configura os espaços de sua terra natal, a cidade de Serra Negra do Norte:

A cidade de Serra Negra do Norte nasceu de uma fazenda de gado ali situada por meu 6º avô, Manoel Pereira Monteiro [...] cobrindo duas léguas de terra pelo Rio Espinharas abaixo, com três léguas para o nascente e três para o poente do mesmo rio. (FARIA, 1965, p. 13).

Narrando o *nascimento* da atual cidade de Serra Negra do Norte, Juvenal Lamartine enlaça itens da colonização do espaço com os limites e localização da sesmaria na qual fora instalada a fazenda de gado, bem como apresenta os componentes dos laços genealógicos na configuração do espaço. Desta forma, não somente seu 6º avô participou da produção espacial de Serra Negra do Norte, mas também ele que é parte integrante desta árvore genealógica, que ultrapassa a linhagem do sangue e chega a terra, depositária desse *gene*.

Espaço configurado pelo sistema de sesmaria, marcha do gado, constituição de fazenda e fixação de família povoadoras. No espaço os usos passam a ser considerados por Juvenal Lamartine e são estes usos que passam a produzir a paisagem do lugar e a pintar a natureza.

A paisagem será composta a partir da noção de ciclos econômicos, que representariam páginas de escritura, faces espaciais relacionadas à ação do homem no espaço. Como pensara Capistrano de Abreu (2000) e Caio Prado Júnior (1980), história e natureza são leituras possíveis e recorrentes quando se pensa os espaços, estes autores abordaram núcleos como fazendas e vilas formados pela população colonial, expressando enclaves ambientais e paisagísticos transplantados para litoral e sertão.

Juvenal Lamartine volta-se à pecuária e ao algodão como elementos constitutivos da história do *seu sertão*, sua história e economia, vejamos:

A economia do município de Serra Negra do Norte tinha, como base principal, a criação de gado, Estávamos, ainda, do ponto de vista econômico, no ciclo do couro de que falava Capistrano de Abreu, que

cedeu lugar ao do algodão, com a intensificação da cultura desta malvácea [...]. (FARIA, 1965, p. 14).

A pecuária e o algodão são destacados por Juvenal como os ciclos econômicos que perpassaram a história do espaço por ele narrado. Desta forma, é o gado e a cotonicultura que vêm estriar o espaço, são esses elementos econômicos que deram marcas e passaram a estar contidos no conjunto espacial Seridó.

Para pensarmos a natureza como *espaço de luta*, ressaltamos que o sertão que ficava além do povoamento português era considerado como mata virgem, espaço natural; é desta forma que, entre o homem e a natureza colocavam-se instrumentos para o trabalho, Juvenal Lamartine em suas memórias do sertão destaca os *instrumentos de trabalho*, estes eram a expressão da técnica para a ação do homem no meio.

Os instrumentos de trabalho como uma extensão do homem frente à natureza possibilitavam a intervenção humana na relação com o meio. O *antigo sertão*, como destaca Juvenal Lamartine de Faria (1965) ao se referir ao Seridó do século XIX, as máquinas eram desconhecidas, mesmo as de tração animal e produzir novas paisagens requeria o uso da força animal e outros mecanismos. Assim, Juvenal Lamartine descreve a ação homem, natureza e técnica:

As barragens eram levantadas no arrastão do carro de boi e também de couro era a padiola daqueles tempos. O carro-de-boi, velho como os tempos, carregava em sua mesa o material mais pesado empregado nas construções [...]. Conheci, ainda menino, duas das primeiras máquinas (moendas) de descaroçar o algodão. Eram manuais e acionadas por dois homens robustos [...]. (FARIA, 1965, p. 44).

O animal e a máquina aparecem na narrativa de Juvenal Lamartine como essa extensão do homem, como ferramentas que o fizeram intervir na natureza *bruta*. A máquina associa-se à cultura algodoeira que, diferentemente da pecuária, exigia atenção e uso de outras forças que não somente a do homem. Quando destaca a máquina de descaroçar algodão, está colocando este produto como via de crescimento econômico para o Seridó.

Como vivente do sertão, Juvenal Lamartine acompanha as máquinas e seu desenvolvimento na cotonicultura. Estas passaram de máquinas manuais e acionadas pela força do homem para as bolandeiras tracionadas por bois que foram substituídas por locomóveis à lenha e estes por motores movidos à gasolina, querosene e diesel, por último a construção das usinas para beneficiamento do algodão. O aumento do beneficiamento do algodão acompanhava a sobreposição dessas máquinas.

Diferente do algodão que veio a se destacar no espaço e na economia do Seridó do século XIX, a pecuária encontra-se na memória e na história da colonização do Seridó. Juvenal Lamartine diz: “As sesmarias de ontem foram, em nossos sertões requeridas para ‘povoar com seus gados’ [...]. O gado se multiplicava, limitado quando muito pela periódica hostilidade da caatinga [...]” (FARIA, 1965, p. 97). O gado não veio preencher um espaço vazio, mas dar forma ao espaço que, se inicialmente gado e caatinga eram um sobreposto ao outro, com o tempo o trato com o gado exige barreiras – os currais.

A paisagem dos *sertões do Seridó* tinha na caatinga a principal ilustração, por ela gado e homem se moldaram, pois a prática de ferrar boi que o identificava com uma ribeira, uma família, não foram limites suficientes ao gado, seu espaço antes vasto e vazio passa com intensidade a ser ocupado e delimitado com cercas. O vaqueiro tinha a necessidade formas de conviver com as brenhas da caatinga.

Uma maneira utilizada pelos vaqueiros na *luta* com a natureza foi o uso de vestes de couro. Segundo Juvenal Lamartine se *enervar* ou o mesmo que se *encourar*, medida necessária para se proteger da “[...] caatinga espinhenta onde o boi malhava sem os limites dos cercados.” (FARIA, 1965, p. 97).

O Seridó configurado como *espaço de luta* na narrativa de Juvenal Lamartine é um nexos entre o homem e suas ações frente à natureza, pois este espaço e sua história são tecidos a partir dos usos e práticas. Desta forma, os *velhos costumes do sertão* são elementos contidos na percepção de Juvenal Lamartine e estes dizem muito de seu sentimento de pertença ao *seu sertão* – o Seridó potiguar.

Oswaldo Lamartine de Faria, nascido em 1919 é um narrador dos *sertões do Seridó*, é um vivente deste espaço, berço de seus antepassados. O *gene* do sertão também narrado por seu pai, Juvenal Lamartine, está em seu cromossomo.

Técnico agrícola pela Escola Superior de Agricultura de Lavras (MG), Oswaldo Lamartine escreve a partir de saberes que privilegiam a natureza, abordando práticas dos homens no espaço. Exemplo disto está no livro *Sertões do Seridó*, que reúne cinco ensaios que apresentam a vida cotidiana nos sertões.

Nilo Pereira (1982, p. 148), pensando sobre os estudos de Oswaldo Lamartine, destaca que “[...] são o que há de válido na explicação etnográfica e etnológica da comunidade: estudos que se inspiram na vida cotidiana e até nas coisas aparentemente sem importância na História.” A vida cotidiana é visibilizada por Oswaldo Lamartine como passível de estudo, sendo este voltado a temas como a alimentação, a caça, a construção de açudes, pescarias.

Dizendo que seu sertão é o *da caatinga*, Oswaldo Lamartine delimita também um recorte espacial para seus estudos. Neste espaço, como abordado no I Capítulo, ele se assemelha a xerófila e seu *espaço de eu* se confunde com a natureza do lugar.

Escreveu sobre um *sertão de nunca mais*, o sertão de sua infância. Assim, no falar, no escrever ou em representações outras, Oswaldo Lamartine se coloca como parte deste *sertão de nunca mais*. É o mesmo sentimento de pertença que envolvera Manoel Dantas, José Augusto e seu pai, Juvenal Lamartine que o marca.

Nas narrativas de seu *sertão de nunca mais* é a caatinga a paisagem composta como cenário, nela as práticas e costumes como a caça, a pescaria, a criação de abelhas tomam corpo e são envolvidas pela tradição oral. Oswaldo Lamartine associa seus estudos às *conversas*, aos saberes compartilhados e desta forma narra inspirações para alguns de seus estudos:

O parto da montanha se faz por diferentes brechas.

Vivi sob as mesmas telhas com Bonato Liberato Dantas (1897-1955) quando ele fazia uma tarefa [...]. Espiava, perguntava, rabiscava figuras e anotações. Daí o **A.B.C. da pescaria de açudes**. A mesma coisa com Pedro Américo de Oliveira, vulgo Pedro Ourives (1878-1964) e seu filho Francisco Lins (1916-1990) [...].

A caça nos sertões conseqüência de momentos vividos, ouvidos e lidos. Outras como **Conservação de alimentos, Ferros de ribeiras e Construção de açudes** – fatos vividos e fermento de curiosidade em leituras alheias. (FARIA, 2001, p. 62, grifo do autor).

Uma narrativa que é sua e de outros, que decorre de vivências e de curiosidades. Assim, escrever sobre o Seridó para Oswaldo Lamartine é antes de tudo um exercício de rememorar e o *espaço de luta* em seus estudos configura-se a partir de análises das vivências.

A natureza, na obra de Oswaldo Lamartine apresenta-se como um cenário (d)escrito e cartografado em páginas sobre a fauna, a geografia e a topografia que é assim representada:

A topografia da região é ondulada, devendo a altitude média estar [...] na cota de 250m. O solo é compacto, raso, erodido e pedregoso, dificultando o enraizamento das plantas. A vegetação – caatinga – é espinhenta, arbustiva, rala, dominando as cactáceas e outras formas xerófilas. (FARIA, 1980, p. 107).

Ao apresentar a topografia, a natureza é configurada em suas faces de solo e de vegetação, sendo a paisagem construída como *natural*. Esta paisagem serve de cenário as considerações acerca da natureza e do espaço e sua história, a do *sertão do Seridó*.

Oswaldo Lamartine tem na natureza a moldura para pensar o espaço e a história, percebido quando este discute a colonização do espaço Seridó. Privilegiando a marcha do gado e os cursos de água, Oswaldo enfatiza a relação da pecuária com a *conquista* do Seridó.

Assim, o gado emerge como personagem indispensável para se pensar a produção do espaço pelos requerimentos de sesmarias e das instalações das fazendas de gado e segundo Oswaldo Lamartine “Bem visto está que as sesmarias foram requeridas *para povoar com seus gados*, e estiveram no ciclo do couro serrando de cima, até os derradeiros decênios do século passado.” (FARIA, 1980, p 126, grifo do autor).

O *espaço de luta* configurado pelo autor é um conjunto que contém e está contido elementos da própria natureza. É o gado rasgando os sertões levando

homem ao espaço liso, é a caatinga como *homogeneidade* no Seridó e, este espaço produz os *sertões do Seridó*, múltiplos em seus elementos, mas singular no sentimento de pertença.

O gado e o algodão, elementos presentes nas narrativas de Manoel Dantas, José Augusto e Juvenal Lamartine também se encontram como objetos abordados por Oswaldo Lamartine. Ele, assim como os demais autores citados, procura enfatizar estes objetos relacionando-os à economia e à história do espaço no Seridó.

Gado e algodão emergem como pontos conflitantes com a paisagem, um e outro são destacados como agentes modificadores da base da paisagem, que é a caatinga. Neste sentido, Oswaldo Lamartine escreve acerca do algodão e sua relação com a pecuária: “De lá [derradeiros decênios do século XIX] para cá, [os gados] foram perdendo chão para raízes do algodão mocó que, mais rico, logo tomou conta das várzeas e foi subindo pela caatinga das encostas.” (FARIA, 1980, p. 126).

Ainda sobre a relação gado e algodão, Oswaldo Lamartine de Faria (1980, p. 54-55) destaca que mesmo o algodão arbóreo sendo considerado o *melhor*, devido sua fibra longa e sedosa ou, como o autor mesmo destaca, por ser *branco-cremoso* a vocação histórica do sertanejo seria o gado que diante do parcelamento das terras¹¹ tendera para uma pecuária semi-extensiva.

O Seridó (d)escrito por Oswaldo Lamartine é mais natureza e menos homem, é mais caatinga com suas plantas cinzas e retorcidas, é desta forma que ele nos apresenta os limites deste Seridó ou dos *sertões do Seridó*, como ele mesmo destaca no título de seu livro publicado em 1980.

Esta natureza que marca e envolve o Seridó do autor, é delimitada por rios e por serras e seu composto é a própria caatinga que é pensada como o conteúdo principal para o espaço. Oswaldo Lamartine delimita o Seridó a partir de acidentes naturais como os do norte a Serra de Santana e ao leste a Chapada da Borborema e o Rio Piranhas que bordeja o limite entre os Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba. (FARIA, 1980, p. 177).

¹¹ Para maiores informações acerca do parcelamento das terras no Seridó potiguar, bem como seus registros históricos da formação e o desmoronamento das fazendas agropecuaristas ver Araújo (2006).

Oswaldo Lamartine aborda em sua narrativa a destruição da natureza, a mesma natureza que dá as marcas para o espaço Seridó é também passível de desaparecimento e, será sobre esta questão que Lamartine se debruçara na parte final do livro *Sertões do Seridó*. O autor enfatiza que técnicas como,

[...] o encoivramento desordenado da caatinga seridoense, a espingarda fazendo carniça de janeiro a janeiro e o efeito das secas periódicas, têm provocado uma alarmante rarefação da fauna cinegética local e a extinção, em menos de 50 anos, de 13% das espécies. (FARIA, 1980, p. 211).

Quando Oswaldo Lamartine tece considerações acerca da natureza e sua destruição, está refletindo sobre os usos do espaço e as reconfigurações da paisagem que, passou de tapete cinza quando as primeiras fazendas foram instaladas no Seridó potiguar — no século XVII — até o espaço que parecera vasto e vazio ser estriado pelos currais, pelas casas grandes, vilas e cidades e ser cada vez mais afetado pela intervenção do homem.

Este é um problema de história ambiental, pois nos coloca diante da necessidade de estudar como homem e natureza se relacionam e se reconfiguram. Lamartine ainda destaca que novas faces e formas de viver surgem diante das necessidades que não se colocam com as *transformações* na natureza.

A natureza não é o intocado, mas, o permitido, pois é o *espaço de luta* seja entre suas próprias espécies ou entre o homem e a natureza. Os *sertões do Seridó* de Oswaldo Lamartine têm a caatinga como paisagem e cenário, ao mesmo tempo em que é um microcosmos do *espaço do eu*. Seu sertão é:

[...] um *estado de graça*. É uma das maneiras de se alcançar o céu. Talvez devido a comunhão com a natureza. Talvez porque *a gente sofre dessa natureza*. Talvez porque *minha história individual teve começo ali*. Talvez porque a pecuária nos irmana com terra-homem-bicho [...]. (FARIA apud NEGREIROS, 1998, p. 03).

Oswaldo Lamartine destacando o sertão como *estado de graça*, está (de)marcando um lugar particular para esta espacialidade onde a natureza está em todos os homens, está por toda a parte e torna-se enunciado da história do lugar. O homem *sofre* da natureza que o envolve e torna-o a própria transubstanciação do

meio. Desta forma, quando Oswaldo Lamartine descreve que os homens *sofrem da natureza* está recriando no *espaço do eu* a paisagem do Seridó.

O sertão, sentido e (d)escrito por Oswaldo Lamartine ultrapassa a configuração de uma paisagem. É o sertão, a natureza do *eu* e do meio. Por isso, Oswaldo destacar sua história enquanto indivíduo marcada pelas emoções do lugar e de sua história. Como explicação para as configurações do *espaço do eu* e do *sertão*, o autor enfatiza a irmandade da terra, do homem e do bicho; é esta relação que configura a natureza do Seridó em Oswaldo Lamartine.

Ao pensarem e escreverem o Seridó como este *espaço de luta*, há uma preocupação sociológica que move esses autores. Segundo Velloso (1988), esta preocupação é típica de toda uma geração de intelectuais e/ou eruditos que se voltou para a busca das raízes civilizatórias, pois para conhecer o Brasil, era necessário dominar um instrumental de análise que passasse pelo crivo da cientificidade.

Mônica Velloso (1988) ainda ressalta que é no período do Estado Novo (1937-1945) no Brasil que as idéias salvacionistas ganham maior força entre nossas elites, preocupadas em marcar sua presença no cenário político, em que a preocupação com a nacionalidade se apresenta cindida entre duas realidades: litoral e sertão. Essa oposição geográfica ganha extensão, a ponto de se transformar em uma oposição de saberes onde,

[...] estabelece-se uma verdadeira antinomia, que vincula *sociologia-objetividade-sertão-brasilidade* em contraposição a *literatura-subjetividade-litoral-cosmopolitismo*. A série sociológica, eleita como a mais capacitada para o conhecimento da nacionalidade, acaba desaguando na tradição regionalista. (VELLOSO, 1988, p. 245).

O litoral versus o sertão e o conjunto de saberes que buscava conhecer o Brasil voltava-se ao projeto de *raízes* nacionais. Quando Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine escrevem sobre o Seridó também estão buscando estas *raízes*.

O espaço-rostro Seridó é territorializado em enunciados que presos à memória, ao sentimento telúrico, às sensibilidades vem dar marcas ao espaço e ao

mesmo tempo produzi-lo como estriado e como liso. Cada atribuição de sentido é um fio atrelado ao grande enunciado Seridó, sendo o conjunto destes e sua recorrência à produção de um tecido liso com as estampas de *sertão* e *luta* sobressaindo. Lançar vistas ao Seridó na dimensão da história dos espaços é perceber que este,

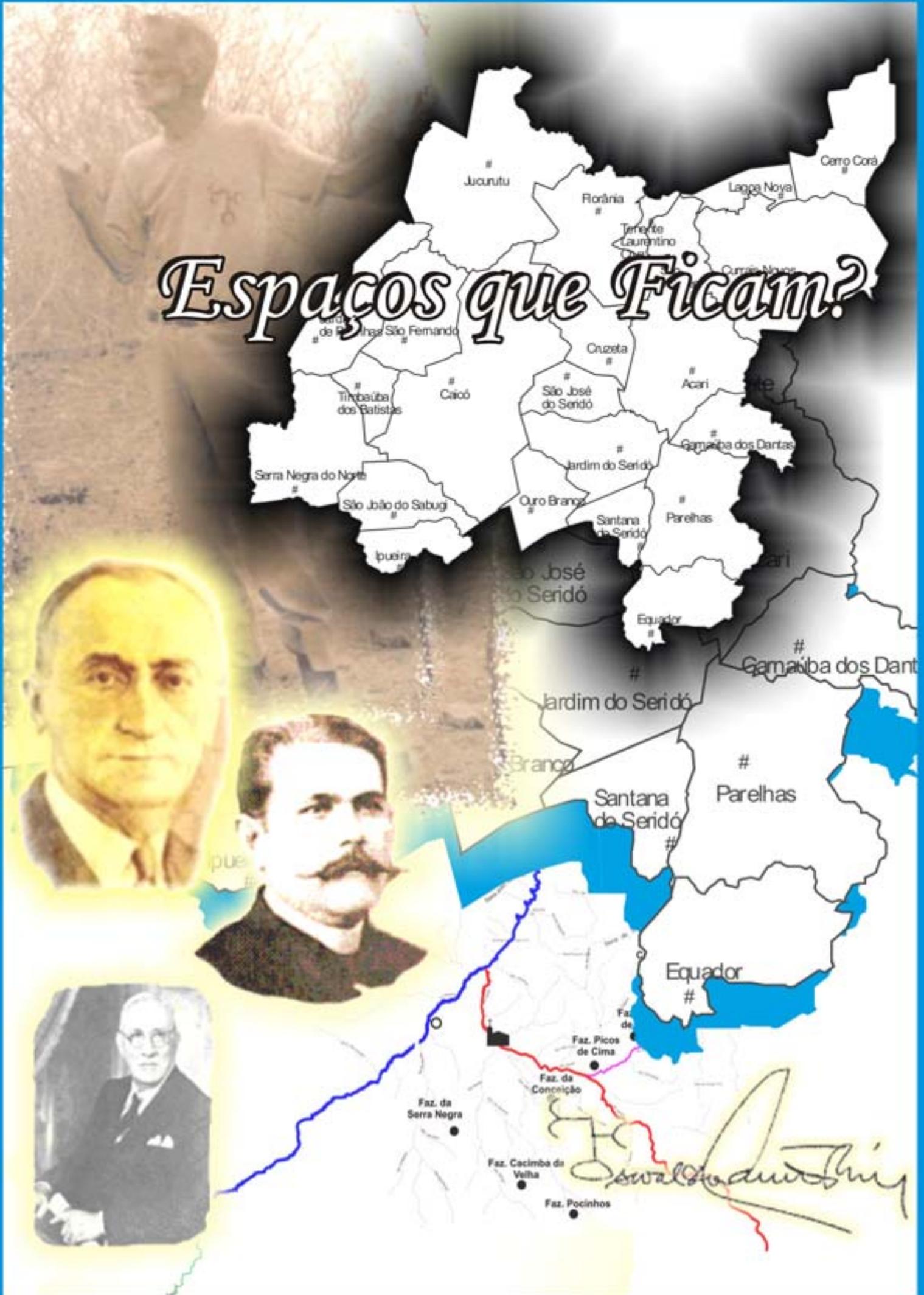
[...] não preexiste a uma sociedade que o encarna. É através das práticas que estes recortes permanecem ou mudam de identidade, que dão lugar à diferença; é neles que as totalidades se fracionam, que as práticas não se mostram desde sempre comprometidas com o todo, sendo este todo uma invenção a partir destes fragmentos, no qual o heterogêneo e o descontínuo aparecem como homogêneo e contínuo, em que o espaço é um quadro definido por algumas pinceladas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 25).

Historiografia como escrita da história é também uma produção comprometida com interesses e agarradas aos fios do tempo e, neste caso, a produção de espaços, que são tecidos a cada palavra, a cada conjunto de frases, orações, períodos, espaços construídos pela máquina discursiva dos autores com suas subjetividades e significações moldam rostidades para o Seridó.

A pergunta a ser realizada pelo historiador dos espaços orienta-se pelo desejo de compreender como se configura os espaços para e pelos homens. Tal indagação dirige-se da maneira de como a escrita constitui-se como prática histórica diferente, em tempo e lugares variados. Aqui a história dos espaços passa pela escrita de um *Seridó-sertão* e uma *natureza-Seridó*, pelos lugares sociais dos autores e por atribuições de sentidos.

A possibilidade de entender a escrita da natureza a partir de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine constitui-se como a via possível de uma escrita histórica para o Seridó. Narrativa em que uma história da natureza e uma história dos homens são tecidas no mesmo movimento, em que configuram um *espaço de luta*.

Espaços que Ficam?



Pelas tessituras da escrita buscamos a espacialização de significados, de rostidades para e do Seridó potiguar. Sabemos, no entanto, que ao debruçar-se sobre o passado, o historiador certamente sabe da impossibilidade de interpretações ou análises que suprimam a particularidade do lugar de onde ele fala e do domínio no qual realiza sua investigação. Michel de Certeau ressalta que o gosto do historiador liga suas idéias aos lugares sociais de onde fala, em que a história é uma operação que articula um lugar social, uma disciplina do conhecimento e a construção de um texto, sendo a história parte da realidade de que ela trata onde “[...] toda pesquisa historiográfica se articula a um lugar de produção sócio-econômico, político e cultural [...].” (CERTEAU, 2002, p. 65-66).

Tempo e espaço constituem-se enquanto categorias para a análise histórica; são elas e por elas que se traçam caminhos, que se recortam objetos à análise, que se inscrevem lugares e interesses à escrita. Nos eixos do tempo e do espaço os autores e sua escrita são (de)marcados a partir de seus domínios, conexões e estações. (HARVEY, 1993, p. 196).

Sob as (de)marcações espaciais e temporais lê-se a historiografia, escrita da história, e assim, percebemos com que palavras, textos e metáforas foi se escriturando o Seridó de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine.

Não existe um espaço *a priori*, todo ele é produto de uma construção; para o espaço também não existe uma forma definida, engessada, pois, sendo construção ele também o é reconstrução, é fluído; seja o espaço físico, o corporal, o ciberespaço ou o espaço narrativo; estes são sempre passíveis de novas leituras.

Os espaços, como destaca Michel de Certeau (2001), são lugares praticados e também são fruto dos relatos destas práticas, e isso vem lembrar para nós historiadores que os espaços não são cenários à trama histórica, mas são parte da história, são para o historiador um objeto, e não pano de fundo, um conjunto de sentidos diversos que a ele foram dados. Assim como destaca Paul Veyne (1989) cabe ao historiador inventariar as diferenças e, como historiadores dos espaços, cabe-nos pensar as diferenças espaciais, pensar como são específicos, singulares, próprios.

O espaço da narrativa é envolvido pelo desejo e a própria territorialização do autor, é também, um *locus* produzido pelo ato de significação e subjetivação. (DELEUZE; GUATTARI, 1997c). Isto reforça a rede que envolve os autores e suas subjetividades quando o Seridó de cada um é produto de suas referências, de marcas e de sentimentos, e quando este mesmo Seridó é vislumbrado enquanto uníssono.

O estudo da historiografia sobre o Seridó exige um posicionamento de cartógrafos da língua, de elaboradores de possíveis percursos para uma caminhada pela escrita de homens que se enredam pela família, por seus escritos, suas memórias. Assim, o desejo se inscreve como o papel de um cartógrafo da atualidade, podendo ser definido como processo de produção de universos psicossociais. Desejo e história aqui são papel e tinta de um Seridó que se encontra na interface do vivido e da subjetividade que ao investir desejo, os autores também estão se territorializando numa a(fe)tivação.

Nas teias dos discursos, das identidades e identificações recorrentes o Seridó, região localizada no sul do Estado do Rio Grande do Norte, adentrando a porção norte do Estado da Paraíba, é escrito e prescrito pelas narrativas de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal e Oswaldo Lamartine e estes produzem um corpo escrito para o Seridó, o *inventam* e isto nos instigou a visibilizar a literatura regional expressa em obras como *Homens de Outrora* (1941), *Seridó* (1954), *Velhos Costumes do Meu Sertão* (1965) e *Sertões do Seridó* (1980), onde tais autores no tecido da história e pelas vivências escrevem poéticas de uma saudade, noções de natureza, espaço e temporalidade. Assim, na dimensão discursiva de tais obras, enfatizamos como o ambiente é dado, objetivado fora dos sujeitos e narrado pelos autores como recortes da saudade, do idílico.

O Seridó é um texto e o sertão é a narrativa referente a este, nos escritos de Manoel Dantas, José Augusto, Juvenal Lamartine e Oswaldo Lamartine que configuram o espaço com vestes de um Seridó-sertão vivido e de outrora. É um espaço em que a seca é destacada como o principal problema e a tradição é o elo dos autores com o Seridó potiguar, visto que, escrevem a partir de seus lugares de *famílias tronco* e de homens que estavam associados à questões políticas e econômicas do lugar.

As fontes-obras dos autores acima têm suas narrativas envolvidas por subjetividades, percepções e sentimentos de pertença ao Seridó potiguar e ao mesmo tempo, são cortadas pelas linhas de uma questão de seus presentes e de um embate passado e de uma e preocupação futura. Narrar o Seridó se configurava como a produção de continuidades para o espaço e seus sujeitos, onde a escrita da história era também uma escrita de si e de lugares particulares.

O Seridó seja o do *espaço do eu*, do *espaço do sertão* ou o do *espaço de luta* é uma configuração que envolve os fios de uma teia genealógica que também se expressam nas narrativas dos homens que narrando o espaço estavam (de)marcando o Seridó pela escrita e sua representações de sertão e da natureza, construindo as configurações da relação do homem com o meio.

No *espaço do eu*, o Seridó é configurado como parte dos corpos e desejos dos autores que ao escreverem sobre o espaço também estão fazendo a locução de si, colocando-se enquanto *naturais*, *filhos da terra*, pois escrever sobre esta e para esta terra seria produzir um estatuto de autoridade do sujeito e de seu espaço.

O *espaço do sertão* é produzido pela identificação entre sertão e Seridó, enunciação reforçada por representações de um espaço caracterizado pela seca, pela pecuária, pelo cultivo do algodão, que institucionalizam a nomeação de um novo recorte espacial como ícone do sertão onde, os homens e a terra configurariam o espaço do desafio, uma *luta*.

O *espaço de luta* é produzido a partir das considerações de Manoel Dantas sobre o problema das secas e a vida sertaneja, das descrições e análises de José Augusto acerca do espaço seridoense, das memórias de Juvenal Lamartine sobre o viver nos sertões e dos escritos de Oswaldo Lamartine sobre a caatinga e a poética de um *sertão de nunca mais*. A *luta* é o fio da trama histórica que une o homem ao espaço, proporcionando leituras de como são configuradas práticas, como se produzem sentimentos e emoções referentes ao lugar.

História e poder caminham para corporificar a escrita, para enredar o historiador e seu *métier*, a história também não é um modelo técnico e amorfo,

ela é vida, é fluxo, é exclusão e inclusão, é interesse, é produto de seletividades, assim o que produz a história entre as possíveis, é um caminho escolhido, é um recorte dentre um conjunto de possibilidades.

História, poder e espaços são fios da tessitura histórica e envolvem o ofício do historiador, com seus interesses, seleções e recortes que (de)marcam a história e rostificam seus escritos. Escrever a história é então um ato de interpretação, uma operação particular que significa e subjetiva, que inclui e que exclui. Assim, a história é vida e morte, é classificação das teias do poder e das tramas do discurso; história é espaço de autoria, é espaço de inclusão e exclusão, é espaço ora liso, ora estriado.

Seridó: espaço da escrita da história, de suas configurações do *eu*, do *sertão* e de *luta*. Os *espaços que ficam* são construções discursivas acerca do Seridó que, pelas vozes de Manoel Dantas, de José Augusto, de Juvenal Lamartine e de Oswaldo Lamartine fora (d)escrito, cartografado, sentido e subjetivado.

Referências



ABREU, Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500 - 1800)**. 7. Ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Publifolha, 2000.

ABREU, Sérgio Adorno. **Os Aprendizes do Poder**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 111-120, 1994.

_____. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

_____. De Amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo. **Trajetos – Revista de História UFC**, Fortaleza, v. 3, n. 6, p. 43-66, abr. 2005.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busca do poético do sertão. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 6, p. 35-45, jul./dez. 1998.

AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n.15, p. 145-151, 1995.

ARAÚJO, Douglas. **A morte do sertão antigo no Seridó**: o desmoronamento das fazendas agropecuaristas em Caicó e Florânia. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

ARAÚJO, Marta Maria de. **José Augusto Bezerra de Medeiros**: político e educador militante. Natal: EDUFRN; Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte; Fundação José Augusto, 1998.

ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Cristiane Moreira Lins de. A educação do homem culto – o norte-rio-grandense Juvenal Lamartine de Faria (1874 – 1956). **Mneme - Revista de Humanidades**, Caicó, v. 5, n. 10, p. 1-6, abr./jun. 2004. Disponível em <<http://www.seol.com.br/mneme/ed10/077.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2005.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões**: entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

AUGUSTO, José. Nota Explicativa. In: DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.

_____. O Seridó. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte**, Natal, v. XLI-XLIV, p. 59-77, 1948.

_____. **Seridó**. Rio de Janeiro: Borsoi – Editor, 1954.

_____. **A Região do Seridó**. Natal: Edições Cactus, 1961.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. **Sertão**: um lugar-incomum – O sertão do Ceará na literatura do século XIX. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 2000.

BASTOS, Ana Regina V. Ribeiro. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 55-66, jan./jun. 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Resolução PR n. 51 de 31 de setembro de 1989. **Boletim de Serviço**, Brasília, p.2, 1989.

BRASIL. Senado Federal. **Juvenal Lamartine de Faria**. Brasília, [c200-?]. Disponível em: http://www.senado.gov.br/sf/senadores/senadores_biografia.asp?codparl=2000&li=34&lcab=1927-1929&lf=34 Acesso em: 20 mar. 2006.

BRAUDEL, Fernand. **O espaço e a história do Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **O Mediterrâneo e o mundo na época de Filipe II**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

BURKE, Peter. **A revolução Francesa da historiografia: a escola dos annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. UNESP/SP, 1991.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História do Rio Grande do Norte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Achiemé; Natal: Fundação José Augusto, 1989.

_____. O causeur. **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994. p. 17.

CASGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1998. p. 92-123.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Antes de fazer**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A Escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CORBIN, Alain. Alain Corbin: o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, p. 11-31, jan./jun. 2005. Entrevista Concedida a Laurent Vidal

COSTA, Tácito. Oswaldo Lamartine de Faria – Sob o peso das lembranças. **PREÁ – Revista de Cultura**, Natal, n. 15, p. 8-11, nov./dez. 2005.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

DANTAS, Manoel. **Homens de Outrora**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1941.

_____. A Vida Sertaneja. In: DANTAS, Edgard. **Projeto de recuperação da Memória e produção intelectual de Manoel Dantas**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. v. 887, p. 03-22, abr. 1996. (Coleção Mossoroense, Série C).

DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir). In: _____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 35-56.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1837 – Acerca do ritornelo. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1997a. p. 115-170. (v. IV).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1440 – O liso e o estriado. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1997b. p. 179-214. (v. V).

_____. Ano Zero – Rostidade. In: _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Ed 34, 1997c. p. 31-61. (v. V).

DRUMMOND, José Augusto. A História ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n.8, p. 177-197, 1991.

FARIA, Juvenal Lamartine de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Fundação José Augusto, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

_____. Juvenal Lamartine, o meu pai. **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994. p. 11-15.

_____. **Em Alpendres d’Acauã**: Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria. Natércia Campos (Org.). Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC; Natal: Fundação José Augusto, 2001.

_____. **De Cascudo para Oswaldo**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005. (Coleção Mossoroense).

FISCHER, Rosa M. B. Análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p.18-31, jul. 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

_____. **O que é um autor?**. 4. ed. Portugal: Veja/Passagens, 1992.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. Outros Espaços. In: _____. **Ditos e escritos III: Estética: Literatura, pintura, música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 10. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

GIL, José. **Metamorfoses do Corpo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Monções**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LEONARDI, V. **Entre árvores e esquecimentos: História Social dos Sertões no Brasil**. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1996.

LE ROY LADURIE, Emmanuel. **Montaillou, Cátaros e Católicos numa aldeia francesa 1294-1324**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LYRA, Augusto Tavares de. **História do Rio Grande do Norte**. 2 ed. Natal: Fundação José Augusto, 1982.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A Penúltima versão do Seridó – Uma história do regionalismo seridoense**. Natal: Editora Sebo Vermelho, 2005.

MANOEL Dantas. **Memória Viva**. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/manoeldantas/> >. Acesso em: 20 mar. 2006.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. Padre João Maria. In: MELO, Veríssimo de. **Patronos e Acadêmicos – Academia norte-riograndense de Letras (Antologia e Biografia)**. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974, p. 270-271. (v. II – Acadêmicos).

MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980a.

_____. **O Rio Grande do Norte no Senado da República**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980b.

_____. **Mensagens dos Presidentes do Estado do Rio Grande do Norte na Primeira República**. Natal: Fundação José Augusto; Brasília: centro Gráfico, 1984. (Coleção Documentos Potiguares, 16).

_____. **Famílias Seridoenses**. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Velhas Famílias do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1981.

MELO, Veríssimo de. **Patronos e Acadêmicos** – Academia norte-riograndense de Letras (Antologia e Biografia). Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1972. (v. I – Patronos).

_____. Juvenal Lamartine. **Juvenal Lamartine de Faria (1874- 1956)**. Natal: Fundação José Augusto, 1994. p. 43-49.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense: uma geografia da resistência**. Caicó: Edição do Autor, 2005.

MOTTA, Manoel Barros da (Org.). **Michel Foucault: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

NEGREIROS, Sanderson. O grande sertão de Oswaldo Lamartine - II. **Diário de Natal**, Natal, 05 maio. 1998. Muito, p. 03.

NESTOR, Odilon. **Faculdade de Direito do Recife: traços de sua história**. 2. ed. Recife: Imprensa Industrial, 1930.

O DISCURSO de Oswaldo Lamartine. **Diário de Natal**, Natal, 20 nov. 2005. Muito, p. 06.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América**: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo. São Paulo. UNESP, 1992.

ORLANDI, Eni. **Terra a Vista**: Discurso do confronto - velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PEREIRA, Nilo. **José Augusto Bezerra de Medeiros** "Um Democrata". Natal: Fundação José Augusto, 1982.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros**: resistência indígena e conflitos no Nordeste Colonial. Recife: Companhia Editora de Pernambuco/FUNDARPE, 1990.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

QUEIROZ, Rachel. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa**. Campinas: Papyrus, 1997. (tomo 3).

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SALGUEIRO, Heliana Angotti. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 13, n. 02, p. 21-72, jun./dez. 2005.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega. **José Augusto Bezerra de Medeiros**. Mossoró: Fundação Vingt-Un Rosado. n. 528, 1988. (Coleção Mossoroense, Série B).

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SCHETTINO, Marco Paulo Fróes. **Espaços do Sertão**. 1995. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília, Brasília.

SHWARCZ, Lilia Miritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870- 1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural**: Mudanças de atitude em relação as plantas e aos animais – 1500-1800. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A Literatura como Espelho da Nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**: História Cultural e Polêmicas Literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VESENTINI, José William. **Brasil – Sociedade e Espaço – Geografia do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1994.

VEYNE, Paul. **O inventário das Diferenças**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

WHITEHEAD, Alfred North. **O Conceito de Natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

Nota

Aos vinte e nove dias do mês de março de 2007, ocorria a defesa pública da dissertação *Ser(Tão) Seridó em suas cartografias espaciais* e, neste mesmo dia, em que eu obtinha o título de Mestre em História era sepultado um *Cantor do Sertão do Seridó*, o *Doutor do Acauã*, Oswaldo Lamartine de Faria.

Aqui, vida e morte se enlaçam nas tramas da história. Era a morte física de Oswaldo Lamartine, mas a vida de seu sertão, de seus desejos que ocupam espaço neste trabalho de dissertação. Era também a vida e a morte do *Ser(Tão) Seridó* que perdia um de seus narradores, um de seus filhos que o configurara como *espaço do eu*, *espaço do sertão* e *espaço de luta*, mas também ganhava no mesmo instante novo fôlego a partir do espaço narrativo deste trabalho de dissertação.

Assim, Oswaldo Lamartine de Faria ainda vive, está ele nas cartografias que produzem o *Sertão do Seridó*, em seus escritos, memórias e representações. Oswaldo Lamartine, sujeito e narrativa presente em nosso trabalho.

Saudades...